

C E E J A



MUNDO DO  
TRABALHO

# LÍNGUA PORTUGUESA

CADERNO DO ESTUDANTE

ENSINO MÉDIO  
**VOLUME 1**

Nos Cadernos do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho/CEEJA são indicados sites para o aprofundamento de conhecimentos, como fonte de consulta dos conteúdos apresentados e como referências bibliográficas. Todos esses endereços eletrônicos foram verificados. No entanto, como a internet é um meio dinâmico e sujeito a mudanças, a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação não garante que os sites indicados permaneçam acessíveis ou inalterados após a data de consulta impressa neste material.

A Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação autoriza a reprodução do conteúdo do material de sua titularidade pelas demais secretarias do País, desde que mantida a integridade da obra e dos créditos, ressaltando que direitos autorais protegidos\* deverão ser diretamente negociados com seus próprios titulares, sob pena de infração aos artigos da Lei nº 9.610/98.

\* Constituem "direitos autorais protegidos" todas e quaisquer obras de terceiros reproduzidas neste material que não estejam em domínio público nos termos do artigo 41 da Lei de Direitos Autorais.

---

Língua Portuguesa : caderno do estudante. São Paulo: Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (SDECTI) : Secretaria da Educação (SEE), 2015.  
il. - - (Educação de Jovens e Adultos (EJA) : Mundo do Trabalho modalidade semipresencial, v. 1)

Conteúdo: v. 1. 1ª série do Ensino Médio.

ISBN: 978-85-8312-118-3 (Impresso)

978-85-8312-096-4 (Digital)

1. Língua Portuguesa – Estudo e ensino. 2. Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Ensino Médio.  
3. Modalidade Semipresencial. I. Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação. II. Secretaria da Educação. III. Título.

CDD: 372.5

---

FICHA CATALOGRÁFICA

Tatiane Silva Massucato Arias – CRB-8 / 7262



**GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO**

Geraldo Alckmin

*Governador*

**Secretaria de Desenvolvimento Econômico,  
Ciência, Tecnologia e Inovação**

Márcio Luiz França Gomes

*Secretário*

Cláudio Valverde

*Secretário-Adjunto*

Maurício Juvenal

*Chefe de Gabinete*

Marco Antonio da Silva

*Coordenador de Ensino Técnico,  
Tecnológico e Profissionalizante*

**Secretaria da Educação**

Herman Voorwald

*Secretário*

Cleide Bauab Eid Bochixio

*Secretária-Adjunta*

Fernando Padula Novaes

*Chefe de Gabinete*

Ghisleine Trigo Silveira

*Coordenadora de Gestão da Educação Básica*

Mertila Larcher de Moraes

*Diretora do Centro de Educação de Jovens e Adultos*

Adriana Aparecida de Oliveira, Adriana dos Santos  
Cunha, Durcilene Maria de Araujo Rodrigues,  
Gisele Fernandes Silveira Farisco, Luiz Carlos Tozetto,  
Raul Ravanelli Neto, Sabrina Moreira Rocha,  
Virginia Nunes de Oliveira Mendes  
*Técnicos do Centro de Educação de Jovens e Adultos*



## Concepção do Programa e elaboração de conteúdos

---

### Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação

Coordenação Geral do Projeto  
Ernesto Mascellani Neto

Equipe Técnica  
Cibele Rodrigues Silva, João Mota Jr. e Raphael Lebsa do Prado

### Fundação do Desenvolvimento Administrativo – Fundap

Wanderley Messias da Costa  
Diretor Executivo

Márgara Raquel Cunha  
Diretora Técnica de Formação Profissional

Coordenação Executiva do Projeto  
José Lucas Cordeiro

Coordenação Técnica  
Impressos: Dilma Fabri Marão Pichoneri  
Vídeos: Cristiane Ballerini

Equipe Técnica e Pedagógica  
Ana Paula Alves de Lavos, Carlos Ricardo Bifi, Cláudia Beatriz de Castro N. Ometto, Elen Cristina S. K. Vaz Döppenschmitt, Emily Hozokawa Dias, Fabiana de Cássia Rodrigues, Fernando Manzieri

Heder, Herbert Rodrigues, Jonathan Nascimento, Laís Schalch, Liliane Bordignon de Souza, Marcos Luis Gomes, Maria Etelvina R. Balan, Maria Helena de Castro Lima, Paula Marcia Ciacco da Silva Dias, Rodnei Pereira, Selma Borghi Venco e Walkiria Rigolon

#### Autores

Arte: Roseli Ventrella e Terezinha Guerra; *Biologia*: José Manoel Martins, Marcos Egelstein, Maria Graciete Carramate Lopes e Vinicius Signorelli; *Filosofia*: Juliana Litvin de Almeida e Tiago Abreu Nogueira; *Física*: Gustavo Isaac Killner; *Geografia*: Roberto Giansanti e Silas Martins Junqueira; *História*: Denise Mendes e Márcia Juliana Santos; *Inglês*: Eduardo Portela e Jucimeire de Souza Bispo; *Língua Portuguesa*: Claudio Bazzoni e Giulia Murakami Mendonça; *Matemática*: Antonio José Lopes; *Química*: Olímpio Salgado; *Sociologia*: Dilma Fabri Marão Pichoneri e Selma Borghi Venco

## Gestão do processo de produção editorial

---

### Fundação Carlos Alberto Vanzolini

Mauro de Mesquita Spínola  
Presidente da Diretoria Executiva

José Joaquim do Amaral Ferreira  
Vice-Presidente da Diretoria Executiva

#### Gestão de Tecnologias em Educação

Direção da Área  
Guilherme Ary Plonski

Coordenação Executiva do Projeto  
Angela Sprenger e Beatriz Scavazza

Gestão do Portal  
Luis Marcio Barbosa, Luiz Carlos Gonçalves, Sonia Akimoto e Wilder Rogério de Oliveira

Gestão de Comunicação  
Ane do Valle

Gestão Editorial  
Denise Blanes

Equipe de Produção  
Editorial: Carolina Grego Donadio e Paulo Mendes  
Equipe Editorial: Adriana Ayami Takimoto, Airton Dantas de Araújo, Alícia Toffani, Amarilis L. Maciel, Ana Paula S. Bezerra, Andressa Serena de Oliveira, Bárbara Odria Vieira, Carolina H. Mestriner, Caroline Domingos de Souza, Cíntia

Leitão, Cláudia Letícia Vendrame Santos, David dos Santos Silva, Eloiza Mendes Lopes, Érika Domingues do Nascimento, Fernanda Brito Bincoletto, Flávia Beraldo Ferrare, Jean Kleber Silva, Leonardo Gonçalves, Lorena Vita Ferreira, Lucas Puntel Carrasco, Luiza Thebas, Mainã Greeb Vicente, Marcus Ecclissi, Maria Inez de Souza, Mariana Padoan, Natália Kessuani Bego Maurício, Olivia Frade Zambone, Paula Felix Palma, Pedro Carvalho, Polyanna Costa, Priscila Risso, Raquel Benchimol Rosenthal, Tatiana F. Souza, Tatiana Pavanelli Valsi, Thaís Nori Cornetta, Thamires Carolline Balog de Mattos e Vanessa Bianco Felix de Oliveira

Direitos autorais e iconografia: Ana Beatriz Freire, Aparecido Francisco, Fernanda Catalão, José Carlos Augusto, Larissa Polix Barbosa, Maria Magalhães de Alencastro, Mayara Ribeiro de Souza, Priscila Garofalo, Rita De Luca, Roberto Polacov, Sandro Carrasco e Stella Mesquita

Apoio à produção: Aparecida Ferraz da Silva, Fernanda Queiroz, Luiz Roberto Vital Pinto, Maria Regina Xavier de Brito, Natália S. Moreira e Valéria Aranha

Projeto gráfico-editorial e diagramação: R2 Editorial, Michelangelo Russo e Casa de Ideias

CTP, Impressão e Acabamento  
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

## Caro(a) estudante

É com grande satisfação que a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, apresenta os Cadernos do Estudante do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho para os Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (CEEJAs). A proposta é oferecer um material pedagógico de fácil compreensão, que favoreça seu retorno aos estudos.

Sabemos quanto é difícil para quem trabalha ou procura um emprego se dedicar aos estudos, principalmente quando se parou de estudar há algum tempo.

O Programa nasceu da constatação de que os estudantes jovens e adultos têm experiências pessoais que devem ser consideradas no processo de aprendizagem. Trata-se de um conjunto de experiências, conhecimentos e convicções que se formou ao longo da vida. Dessa forma, procuramos respeitar a trajetória daqueles que apostaram na educação como o caminho para a conquista de um futuro melhor.

Nos Cadernos e vídeos que fazem parte do seu material de estudo, você perceberá a nossa preocupação em estabelecer um diálogo com o mundo do trabalho e respeitar as especificidades da modalidade de ensino semipresencial praticada nos CEEJAs.

Esperamos que você conclua o Ensino Médio e, posteriormente, continue estudando e buscando conhecimentos importantes para seu desenvolvimento e sua participação na sociedade. Afinal, o conhecimento é o bem mais valioso que adquirimos na vida e o único que se acumula por toda a nossa existência.

Bons estudos!

Secretaria da Educação

Secretaria de Desenvolvimento  
Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação

Estudar na idade adulta sempre demanda maior esforço, dado o acúmulo de responsabilidades (trabalho, família, atividades domésticas etc.), e a necessidade de estar diariamente em uma escola é, muitas vezes, um obstáculo para a retomada dos estudos, sobretudo devido à dificuldade de se conciliar estudo e trabalho. Nesse contexto, os Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (CEEJAs) têm se constituído em uma alternativa para garantir o direito à educação aos que não conseguem frequentar regularmente a escola, tendo, assim, a opção de realizar um curso com presença flexível.

Para apoiar estudantes como você ao longo de seu percurso escolar, o Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho produziu materiais especificamente para os CEEJAs. Eles foram elaborados para atender a uma justa e antiga reivindicação de estudantes, professores e sociedade em geral: poder contar com materiais de apoio específicos para os estudos desse segmento.

Esses materiais são seus e, assim, você poderá estudar nos momentos mais adequados – conforme os horários que dispõe –, compartilhá-los com sua família, amigos etc. e guardá-los, para sempre estarem à mão no caso de futuras consultas.

Os Cadernos do Estudante apresentam textos que abordam e discutem os conteúdos propostos para cada disciplina e também atividades cujas respostas você poderá registrar no próprio material. Nesses Cadernos, você ainda terá espaço para registrar suas dúvidas, para que possa discuti-las com o professor sempre que for ao CEEJA.

Os vídeos que acompanham os Cadernos do Estudante, por sua vez, explicam, exemplificam e ampliam alguns dos assuntos tratados nos Cadernos, oferecendo informações que vão ajudá-lo a compreender melhor os conteúdos. São, portanto, um importante recurso com o qual você poderá contar em seus estudos.

Além desses materiais, o Programa EJA – Mundo do Trabalho tem um site exclusivo, que você poderá visitar sempre que desejar: <<http://www.ejamundodotrabalho.sp.gov.br>>. Nele, além de informações sobre o Programa, você acessa os Cadernos do Estudante e os vídeos de todas as disciplinas, ao clicar na aba **Conteúdo CEEJA**. Já na aba **Conteúdo EJA**, poderá acessar os Cadernos e vídeos de Trabalho, que abordam temas bastante significativos para jovens e adultos como você.

Os materiais foram produzidos com a intenção de estabelecer um diálogo com você, visando facilitar seus momentos de estudo e de aprendizagem. Espera-se que, com esse estudo, você esteja pronto para realizar as provas no CEEJA e se sinta cada vez mais motivado a prosseguir sua trajetória escolar.

## COMO SE APRENDE A ESTUDAR?

É importante saber que também se aprende a estudar. No entanto, se buscarmos em nossa memória, dificilmente nos lembraremos de aulas em que nos ensinaram a como fazer.

Afinal, como grifar um texto, organizar uma anotação, produzir resumos, fichamentos, resenhas, esquemas, ler um gráfico ou um mapa, apreciar uma imagem etc.? Na maioria das vezes, esses procedimentos de estudo são solicitados, mas não são ensinados. Por esse motivo, nem sempre os utilizamos adequadamente ou entendemos sua importância para nossa aprendizagem.

Aprender a estudar nos faz tomar gosto pelo estudo. Quando adquirimos este hábito, a atitude de sentar-se para ler e estudar os textos das mais diferentes disciplinas, a fim de aprimorar os conhecimentos que já temos ou buscar informações, torna-se algo prazeroso e uma forma de realizar novas descobertas. E isso acontece mesmo com os textos mais difíceis, porque sempre é tempo de aprender.

Na hora de ler para aprender, todas as nossas experiências de vida contam muito, pois elas são sempre o ponto de partida para a construção de novas aprendizagens. Ler amplia nosso vocabulário e ajuda-nos a pensar, falar e escrever melhor.

Além disso, quanto mais praticamos a leitura e a escrita, desenvolvemos melhor essas capacidades. Para isso, conhecer e utilizar adequadamente diferentes procedimentos de estudo é fundamental. Eles lhe servirão em uma série de situações, dentro e fora da escola, caso você resolva prestar um concurso público, por exemplo, ou mesmo realizar alguma prova de seleção de emprego.

Por todas essas razões, os procedimentos de estudo e as oportunidades de escrita são priorizados nos materiais, que trazem, inclusive, seções e dois vídeos de *Orientação de estudo*.

Por fim, é importante lembrar que todo hábito se desenvolve com a frequência. Assim, é essencial que você leia e escreva diariamente, utilizando os procedimentos de estudo que aprenderá e registrando suas conclusões, observações e dúvidas.

# CONHECENDO O CADERNO DO ESTUDANTE

O Caderno do Estudante do Programa EJA – Mundo do Trabalho/CEEJA foi planejado para facilitar seus momentos de estudo e de aprendizagem, tanto fora da escola como quando for participar das atividades ou se encontrar com os professores do CEEJA. A ideia é que você possa, em seu Caderno, registrar todo processo de estudo e identificar as dúvidas que tiver.

## O SUMÁRIO

Ao observar o Sumário, você perceberá que todos os Cadernos se organizam em Unidades (que equivalem a capítulos de livros) e que estas estão divididas em Temas, cuja quantidade varia conforme a Unidade.

Essa subdivisão foi pensada para que, de preferência, você estude um Tema inteiro de cada vez. Assim, conhecerá novos conteúdos, fará as atividades propostas e, em algumas situações, poderá assistir aos vídeos sobre aquele Tema. Dessa forma, vai iniciar e finalizar o estudo sobre determinado assunto e poderá, com o professor de plantão, tirar suas dúvidas e apresentar o que produziu naquele Tema.

Cada Unidade é identificada por uma cor, o que vai ajudá-lo no manuseio do material. Além disso, para organizar melhor seu processo de estudo e facilitar a localização do que gostaria de discutir com o professor do CEEJA, você pode indicar, no Sumário, os Temas que já estudou e aqueles nos quais tem dúvida.



## AS UNIDADES

Para orientar seu estudo, o início de cada Unidade apresenta uma breve introdução, destacando os objetivos e os conteúdos gerais trabalhados, além de uma lista com os Temas propostos.



## OS TEMAS

A abertura de cada Tema é visualmente identificada no Caderno. Você pode perceber que, além do título e da cor da Unidade, o número de caixas pintadas no alto da página indica em qual Tema você está. Esse recurso permite localizar cada Tema de cada Unidade até mesmo com o Caderno fechado, facilitando o manuseio do material.

Na sequência da abertura, você encontra um pequeno texto de apresentação do Tema.



## As seções e os boxes

Os Temas estão organizados em diversas seções que visam facilitar sua aprendizagem. Cada uma delas tem um objetivo, e é importante que você o conheça antes de dar início aos estudos. Assim, saberá de antemão a intenção presente em cada seção e o que se espera que você realize.

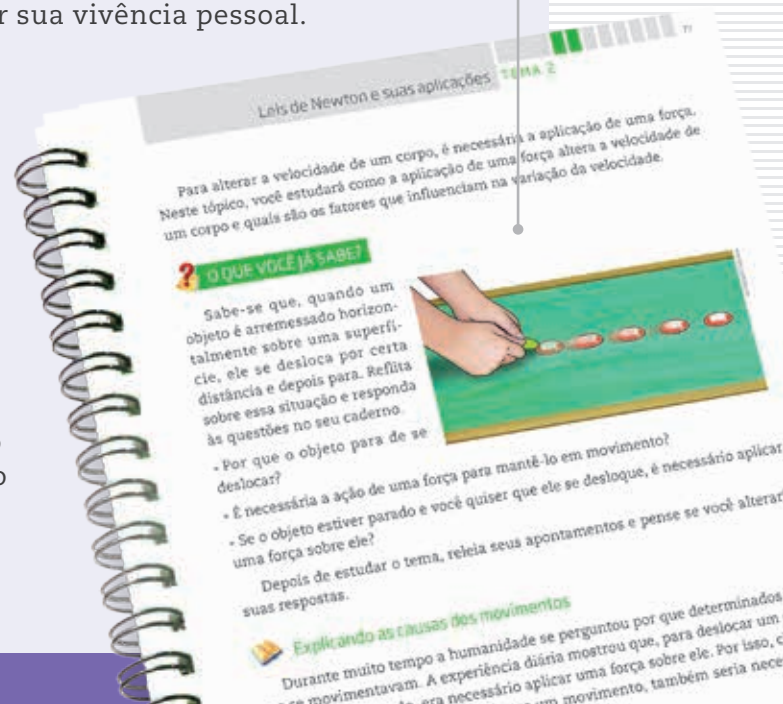
Algumas seções estão presentes em todos os Temas!

### O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Essa seção sempre aparece no início de cada Tema. Ela tem o objetivo de ajudá-lo a reconhecer o que você já sabe sobre o conteúdo a ser estudado, seja por estudos anteriores, seja por sua vivência pessoal.

Em nossa vida cotidiana, estamos o tempo todo utilizando os conhecimentos e as experiências que já temos para construir novas aprendizagens. Ao estudar, acontece o mesmo, pois lembramos daquilo que já sabemos para aprofundar o que já conhecíamos. Esse é sempre um processo de descoberta.

Essa seção pode ser composta por algumas perguntas ou um pequeno texto que o ajudarão a buscar na memória o que você já sabe a respeito do conteúdo tratado no Tema.



## Textos

Os textos apresentam os conteúdos e conceitos a serem aprendidos em cada Tema. Eles foram produzidos, em geral, procurando dialogar com você, a partir de uma linguagem clara e acessível.

Imagens também foram utilizadas para ilustrar, explicar ou ampliar a compreensão do conteúdo abordado.

Para ampliar o estudo do assunto tratado, boxes diversos ainda podem aparecer articulados a esses textos.



## ATIVIDADE

As atividades antecipam, retomam e ampliam os conteúdos abordados nos textos, para que possa perceber o quanto já aprendeu. Nelas, você terá a oportunidade de ler e analisar textos de outros autores, mapas, gráficos e imagens, de modo a ampliar sua compreensão a respeito do que foi apresentado nos textos. Lembre-se de ler atentamente as orientações antes de realizar os exercícios propostos e de sempre anotar suas dúvidas.

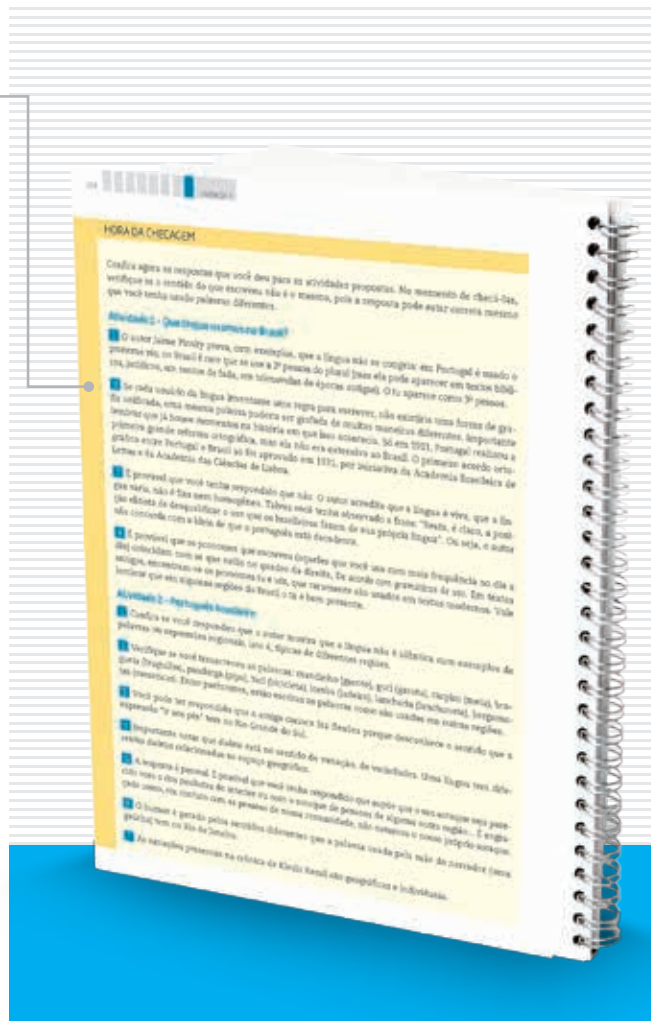
Para facilitar seus estudos, assim como os encontros com o professor do CEEJA, muitas dessas atividades podem ser realizadas no próprio Caderno do Estudante.

## HORA DA CHECAGEM

Essa seção apresenta respostas e explicações para todas as atividades propostas no Tema. Para que você a localize com facilidade no material, ela tem um fundo amarelo que pode ser identificado na margem lateral externa do Caderno. É nela que você vai conferir o resultado do que fez e tirar suas dúvidas, além de ser também uma nova oportunidade de estudo. É fundamental que você leia as explicações após a realização das atividades e que as compare com as suas respostas. Analise se as informações são semelhantes e se esclarecem suas dúvidas, ou se ainda é necessário completar alguns de seus registros.

Mas, atenção! Lembre-se de que não há apenas um jeito de organizar uma resposta correta. Por isso, você precisa observar seu trabalho com cuidado, perceber seus acertos, aprender com as correções necessárias e refletir sobre o que fez, antes de tomar sua resposta como certa ou errada.

É importante que você apresente o que fez ao professor do CEEJA, pois ele o orientará em seus estudos.



## REGISTRO DE DÚVIDAS E COMENTÁRIOS



Essa seção é proposta ao final de cada Tema. Depois de você ter estudado os textos, realizado as atividades e consultado as orientações da *Hora da checagem*, é importante que você registre as dúvidas que teve durante o estudo.

Registrar o que se está estudando é uma forma de aprender cada vez mais. Ao registrar o que aprendeu, você relembra os conteúdos – construindo, assim, novas aprendizagens – e reflete sobre os novos conhecimentos e sobre as dúvidas que eventualmente teve em determinado assunto.

Sistematizar o que aprendeu e as dúvidas que encontrou é uma ferramenta importante para você e o professor, pois você organizará melhor o que vai perguntar a ele, e o professor, por sua vez, poderá acompanhar com detalhes o que você estudou, e como estudou. Assim, ele poderá orientá-lo de forma a dar prosseguimento aos estudos da disciplina.

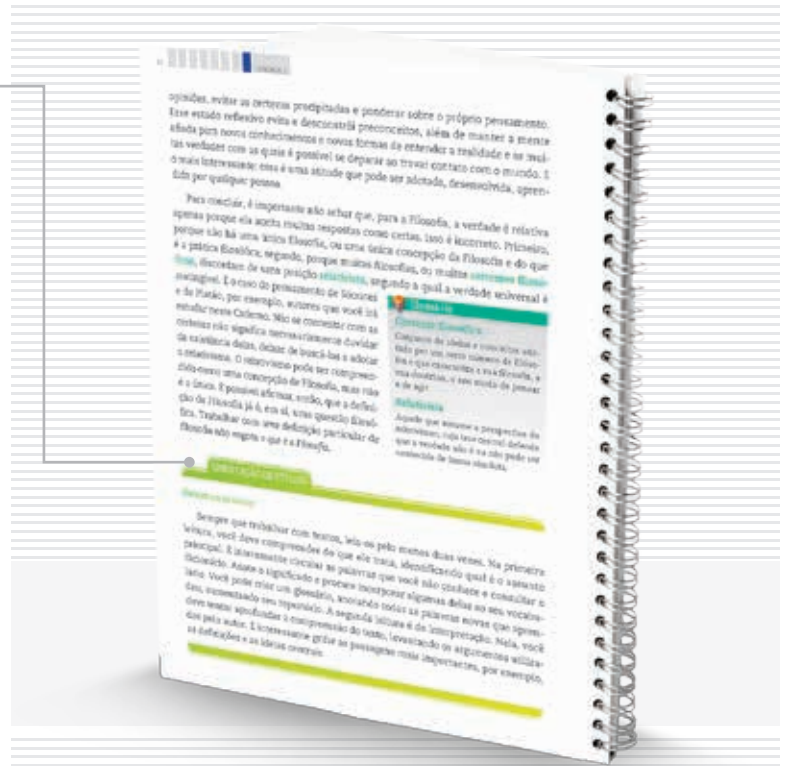
Por isso, é essencial que você sempre utilize o espaço reservado dessa seção ao concluir o estudo de cada Tema. Assim, não correrá o risco de esquecer seus comentários e suas dúvidas até o dia de voltar ao CEEJA.



Algumas seções não estão presentes em todas as Unidades, mas complementam os assuntos abordados!

## ORIENTAÇÃO DE ESTUDO

Essa seção enfoca diferentes procedimentos de estudo, importantes para a leitura e a compreensão dos textos e a realização das atividades, como grifar, anotar, listar, fichar, esquematizar e resumir, entre outros. Você também poderá conhecer e aprender mais sobre esses procedimentos assistindo aos dois vídeos de *Orientação de estudo*.



## DESAFIO

Essa seção apresenta questões que caíram em concursos públicos ou em provas oficiais (como Saesp, Enem, entre outras) e que enfocam o conteúdo abordado no Tema. Assim, você terá a oportunidade de conhecer como são construídas as provas em diferentes locais e a importância do que vem sendo aprendido no material. As respostas também estão disponíveis na *Hora da checagem*.

## PENSE SOBRE...

Essa seção é proposta sempre que houver a oportunidade de problematizar algum conteúdo desenvolvido, por meio de questões que fomentem sua reflexão a respeito dos aspectos abordados no Tema.





## MOMENTO CIDADANIA

Essa seção aborda assuntos que têm relação com o que você estará estudando e que também dialogam com interesses da sociedade em geral. Ela informa sobre leis, direitos humanos, fatos históricos etc. que o ajudarão a aprofundar seus conhecimentos sobre a noção de cidadania.



### PARA SABER MAIS

#### Construção de triângulos

Os triângulos têm aplicações em inúmeras atividades profissionais, como no caso dos marceneiros, arquitetos, engenheiros e desenhistas técnicos, que precisam saber construí-los com precisão para fazer plantas de móveis, projetos de móveis e outros objetos do dia a dia, além de construir estruturas rígidas como torres e pontes.



Existem vários métodos para construir um triângulo com base na medida de seus lados ou de seus ângulos. Os geometras da Antiguidade utilizavam régua e compasso, mas hoje essa construção pode ser feita com o auxílio de programas de computador.

Veja um exemplo de como construir um triângulo com base na medida dos seus lados.

A primeira coisa a saber é se pode existir um triângulo com as medidas disponíveis. Para que um triângulo exista, a soma da medida dos dois lados menores deve ser maior que a medida do lado maior.

## PARA SABER MAIS

Essa seção apresenta textos e atividades que têm como objetivo complementar o assunto estudado e que podem ampliar e/ou aprofundar alguns dos aspectos apresentados ao longo do Tema.

Os boxes são caixas de texto que você vai encontrar em todo o material. Cada tipo de box tem uma cor diferente, que o destaca do texto e facilita sua identificação!

## GLOSSÁRIO

A palavra *glossário* significa “dicionário”. Assim, nesse box você encontrará verbetes com explicações sobre o significado de palavras e/ou expressões que aparecem nos textos que estará estudando. Eles têm o objetivo de facilitar sua compreensão.



## BIOGRAFIA

Esse boxe aborda aspectos da vida e da obra de autores ou artistas trabalhados no material, para ampliar sua compreensão a respeito do texto ou da imagem que está estudando.

## ASSISTA!

Esse boxe indica os vídeos do Programa, que você pode assistir para complementar os conteúdos apresentados no Caderno. São indicados tanto os vídeos que compõem os DVDs – que você recebeu com os Cadernos – quanto outros, disponíveis no site do Programa. Para facilitar sua identificação, há dois ícones usados nessa seção.

## FICA A DICA!

Nesse boxe você encontrará sugestões diversas para saber mais sobre o conteúdo trabalhado no Tema: assistir a um filme ou documentário, ouvir uma música, ler um livro, apreciar uma obra de arte etc. Esses outros materiais o ajudarão a ampliar seus conhecimentos. Por isso, siga as dicas sempre que possível.

## VOCÊ SABIA?

Esse boxe apresenta curiosidades relacionadas ao assunto que você está estudando. Ele traz informações que complementam seus conhecimentos.

TENHO DÚVIDAS JÁ ESTUDEI **Unidade 1 – Linguagens e interação humana.....17**Tema 1 – Linguagens em toda parte.....17  Tema 2 – Gêneros: Que texto é esse?.....36  **Unidade 2 – Mídias e representações do mundo.....48**Tema 1 – A construção de nossa visão de mundo: mídias e jornal impresso.....48  Tema 2 – Crônicas: o olhar do cronista sobre o mundo.....63  **Unidade 3 – A beleza está nos olhos de quem a vê.....78**Tema 1 – Textos literários: a arte da literatura.....78  Tema 2 – Como abordar textos literários?.....93  **Unidade 4 – As mil e uma histórias... .....108**Tema 1 – Contos orais, contos escritos.....108  Tema 2 – Lendo contos.....120  **Unidade 5 – Quem fala português, sabe português... .....143**Tema 1 – Variedades da língua.....143  Tema 2 – Falar e escrever.....156

Caro(a) estudante,

Você está começando agora o curso de Língua Portuguesa do Ensino Médio. O retorno aos estudos, sem dúvida, é uma decisão importante para você. O Caderno de Língua Portuguesa visa aperfeiçoar seus conhecimentos sobre a nossa língua, ajudando-o a ler, escrever, interpretar e produzir alguns textos. Para isso, ele conta com cinco Unidades.

Na Unidade 1, você vai refletir sobre a presença da linguagem em sua vida, observando-a em textos de diferentes gêneros: numa placa de trânsito, num anúncio, numa letra de música, num verbete, entre outros. É por meio dessa observação que poderá perceber que as pessoas se constituem socialmente por meio da linguagem e dos textos. Ler, ouvir, falar e escrever são atividades de interação social que envolvem linguagens diversas. Por isso, os textos adquirem sentido quando considerados os diversos fatores que estão envolvidos nas relações pessoais e sociais que se estabelecem.

A Unidade 2 trata do papel das linguagens pelo ponto de vista da mídia, e de um de seus veículos mais antigos: o jornal impresso. Nessa Unidade, você estudará dois gêneros jornalísticos (notícia e crônica), aventurando-se pelo universo de repórteres e escritores.

A literatura é o tema da Unidade 3. Você vai ter a oportunidade de conhecer diferentes definições de literatura e certos recursos próprios da linguagem literária, lendo e interpretando textos literários em prosa e em verso. Vai conhecer alguns movimentos artísticos e literários e a diversidade dos seus contextos de produção.

A Unidade 4 vai tratar do universo da ficção literária estudando os contos. Para isso, você analisará contos da tradição oral e escrita e terá condições de observar que o conto é um gênero que assume formas variadas, abertas a experiências e inovações.

A Unidade 5, por fim, volta a abordar aspectos da língua portuguesa, mais propriamente suas diversidades e variações. Você estudará também algumas semelhanças e diferenças entre o português brasileiro falado e o escrito, que são duas modalidades de uso da mesma língua.

Bom estudo!



## TEMAS

1. Linguagens em toda parte
2. Gêneros: Que texto é esse?

## Introdução

Nesta Unidade, você vai observar como a linguagem está presente no cotidiano e poderá perceber que ela faz parte de quase todas as atividades humanas. Isso porque o contato com a realidade é mediado, de algum modo, por uma linguagem, seja para interagir com o mundo, seja para formular pensamentos.

De forma ampla, pode-se falar em linguagem corporal, linguagem matemática, linguagem musical, linguagem teatral, entre tantas outras. Este Caderno procura explorar essa diversidade para que você aguçe sua capacidade leitora, conheça e estude textos escritos, falados, cantados e em forma de objeto artístico. É interessante, porém, notar que raramente uma linguagem se apresenta de forma pura. Ao ler um texto como este, por exemplo, é possível considerar que a escolha das letras, a disposição do texto na página, assim como as fotografias e os boxes, levam o ato da leitura muito além das palavras.

### Linguagens em toda parte **TEMA 1**

Com o desenvolvimento das sociedades, o ser humano inventou diferentes linguagens para poder se relacionar com os outros e compartilhar sentimentos, necessidades, ideias, memórias etc. É por meio delas que se pensa, dialoga, aprende, adquire informação, constrói conhecimento, age e se diz ao mundo quem é.

Apesar de ser um fenômeno universal, a linguagem é constituída a partir de aspectos históricos, culturais e sociais dos grupos que a utilizam. Os vários idiomas existentes já bastariam para demonstrar como a linguagem ganha contornos particulares de acordo com aqueles que fazem uso dela. Por isso, é impossível pensar em linguagem sem considerar o universo daqueles que a produzem.

Mas mesmo que se considere apenas o uso da linguagem verbal, dentro de uma única língua, você encontrará tantas maneiras de usá-la quantas são as situações de interação social que se pode estabelecer com os outros. Já imaginou o que isso

significa? Que num único dia praticam-se atividades de linguagem inúmeras vezes, de modos diferentes: desde ouvir o rádio ao acordar; conversar com as pessoas com quem se vive; cumprimentar as pessoas no caminho ao trabalho; ler correspondências, jornais, recados; falar pessoalmente ou ao telefone com familiares ou desconhecidos; travar conversas de trabalho com colegas ou superiores, empregados ou clientes; ouvir uma canção e por aí vai...

Em meio a tantas possibilidades, o que não muda é que se fala ou se escreve sempre com alguma intenção comunicativa, tendo em vista um ou mais interlocutores que participam dessa atividade, que é um evento social.



### O QUE VOCÊ JÁ SABE?

- Quem nunca viveu uma situação em que disse uma coisa e quem ouviu entendeu outra? Quando o assunto é linguagem, não é raro que se troquem alhos por bugalhos! Isso porque o que se diz não depende apenas das palavras usadas. A piada a seguir retrata uma situação como essa.

#### NA RODOVIÁRIA

O senhor chegou à rodoviária e disse para o atendente:

– Por favor, moço, me veja uma passagem para Anastácia?

O atendente respondeu:

– Senhor, aqui não temos nenhuma passagem para Anastácia.

O homem então se virou para a mulher que o acompanhava e disse:

– Anastácia, vamos embora porque o moço não quer te vender a passagem.

- Em sua opinião, o que gerou o mal-entendido entre o atendente e o senhor que queria comprar passagem?

---

---

---

- Você se lembra de alguma situação em que foi mal compreendido por seu interlocutor? O que não funcionou?

---

---

---

• Para perceber de que forma a linguagem está presente em sua vida, apresente maneiras diferentes de utilizá-la para realizar as seguintes ações. Veja um exemplo:

– Convidar amigos para uma festa em sua casa.

Poderia escrever uma breve mensagem de celular ou um cartão para mandar pelo correio ou entregar em mãos. Também seria possível fazer o convite pessoalmente, falando com seus amigos.

– Apresentar suas qualidades profissionais a fim de conseguir uma vaga de emprego.

---

– Reclamar para o novo vizinho do barulho à noite.

---

– Expressar seus sentimentos para a pessoa amada.

---

– Vender uma máquina de costura, um aparelho de som ou qualquer outro eletrodoméstico usado.

---

• Veja as placas abaixo. O que você acha que há em comum entre elas? O que há de diferente?



---

---

---

---

**ASSISTA!**

Língua Portuguesa – Volume 1

*Linguagens e contextos*

Esse vídeo aborda a relação entre os diferentes usos da linguagem e o contexto em que são produzidos. Ele vai complementar o estudo desta Unidade. Confira!



## Linguagens e produção de sentidos

É comum que aconteçam, no dia a dia, confusões como a da piada lida na seção *O que você já sabe?*. Isso ocorre porque as atividades de linguagem são complexas, de uma variabilidade incrível, e dependem de vários fatores envolvidos na interação comunicativa.

O primeiro deles tem a ver com o fato de os sentidos dos textos serem produzidos de modo compartilhado entre os interlocutores, ou seja, aqueles com quem se fala ou para quem se escreve. Muitas coisas não são ditas, contando-se que o leitor ou ouvinte vai concluir o que se pretendia dizer, levando em consideração a situação em que se encontra, seu conhecimento de mundo, padrões culturais, convenções sociais e históricas. Por exemplo: quando se pede ao garçom o cardápio, não é preciso explicar que a intenção é ler para escolher, entre os pratos servidos, aquele que mais agrada no momento... Esse é um dado compartilhado, dispensável nesse contexto.

Mas, na piada que você leu, o senhor que chega ao guichê esperava que o atendente soubesse que Anastácia era o nome da pessoa que o acompanhava, não o do destino da viagem. Para ter mais possibilidades de ser compreendido, o texto precisa dizer (e deixar de dizer) na medida certa para determinado interlocutor, em determinada situação.

E o que é um texto? Algo que não é posto no papel também pode ser texto? A resposta é sim. Toda ação de linguagem que acontece no mundo pode ser chamada de texto.

A palavra *texto*, em seu sentido original, tem relação com tecido, pano, estofa. Significa obra feita de muitas partes reunidas; partes entrançadas, entrelaçadas. Como o tecido, que é formado por vários fios entrelaçados, um texto é construído a partir de um conjunto de circunstâncias que o definem: contextos social e cultural; momento histórico; relação entre os interlocutores; objetivo e tema da interação.



No processo de construção dos sentidos de um texto, o interlocutor tem um papel fundamental. É ele que, de posse de seus conhecimentos, valores e crenças, dará o significado ao que vê, ouve ou lê, construindo, em parceria com o produtor do texto, os sentidos desse texto na situação determinada em que ele está sendo visto, ouvido ou lido.

Outro fator decisivo para a construção dos sentidos do texto é a inter-relação entre seus vários elementos internos, linguísticos (palavras, frases, parágrafos etc.) e não linguísticos (imagens, gestos, cores, sons etc.). Numa aula, por exemplo, o professor conversa com os estudantes, escreve na lousa, mostra imagens, faz gestos e sinais, interagindo com eles.

Também é propriedade dos textos, em geral, o fato de estabelecerem relações com outros textos já em circulação, respeitando certa regularidade de forma, tema e estilo.

Não é difícil perceber que as receitas culinárias se parecem muito umas com as outras, mesmo que os pratos que ensinam a preparar sejam diferentes, não é mesmo? É por isso que se pode falar em **gêneros textuais** como famílias de texto que se parecem, que têm características importantes em comum.

Ao longo desta Unidade, essas ideias serão aprofundadas. Porém, um bom ponto de partida para entender melhor o que se faz com a linguagem é ter clareza de que há sempre uma intenção comunicativa que coloca o indivíduo numa atividade social; que sempre são feitas escolhas ligadas a esse propósito, ao que se espera do interlocutor, ao modo como serão organizados os elementos do texto, à situação concreta em que a pessoa se encontra e aos textos que já estavam no mundo antes do que está sendo produzido.

### LINGUAGEM VERBAL, LINGUAGEM NÃO VERBAL, LINGUAGENS COMBINADAS

Palavras, cores, desenhos, sons e gestos corporais ganham sentido quando estão dentro de um texto e, por isso, podem ser chamados de signos, isto é, tornam-se sinais, marcas, símbolos compartilhados socialmente. A palavra, por exemplo, é um **signo linguístico** e o elemento de destaque nas interações pela **linguagem verbal**. Mas, como até mesmo as palavras possuem uma dimensão visual e sonora, é inevitável que outras linguagens participem dos textos na produção dos sentidos, como a **linguagem não verbal**.

Em alguns textos, essa integração entre as linguagens se torna o principal recurso para alcançar o interlocutor (como anúncios publicitários, rótulos e embalagens de produtos, canções, charges, histórias em quadrinhos e a aula comentada acima, entre tantos outros). Nesses casos, foram usadas **linguagens combinadas**.

## ATIVIDADE 1 Linguagens num anúncio

O anúncio a seguir foi veiculado em um ônibus (por isso é conhecido como *busdoor*, que significa “porta do ônibus”, ou *outbus*, “fora do ônibus”). Ele faz parte de uma campanha do Estado da Bahia pelo fim da violência contra a mulher. Observe-o atentamente e responda às questões propostas:



BAHIA. Secretaria de Comunicação Social; Secretaria de Políticas para as Mulheres. Campanha de combate à violência contra a mulher, 2012.

**1** Com qual propósito comunicativo o anúncio foi formulado, ou seja, que intenção motivou sua produção?

---



---



---

**2** Em sua opinião, para quais leitores o anúncio é dirigido?

---



---



---

**3** A palavra “seu” que aparece no anúncio refere-se a quem? Como você chegou a essa conclusão?

---



---

**4** Quais sentidos você dá para a expressão “não esconda” nesse anúncio?

---



---



---

5 Como você descreveria a mulher do anúncio?

---

---

---

6 Por que, em sua opinião, a imagem de uma mulher sem ferimentos aparentes faz parte da campanha sobre a violência contra mulher?

---

---

7 Como você acha que a imagem da mulher se relaciona à expressão “não esconda”?

---

---

8 Como o leitor saberá de que modo fazer a denúncia?

---

---

9 Assinale a alternativa correta. O uso dos verbos “esconda” e “denuncie” no modo imperativo (isto é, o modo que exprime uma ordem ou um pedido) revela a intenção do anúncio de:

- a) dar a opção para que o leitor aja de diferentes maneiras.
- b) dizer com clareza o que os leitores devem e não devem fazer.
- c) sugerir de modo sutil o que os leitores devem fazer.

Justifique a alternativa escolhida.

---

---

---

O **modo imperativo** é um dos três modos verbais que existem na língua portuguesa. Quando o verbo é usado no imperativo, a intenção é dar uma ordem, um conselho ou fazer um pedido a alguém, por isso não é possível conjugá-lo na 1ª pessoa do singular (*eu*).

É comum encontrar o uso do imperativo em receitas médicas ou culinárias, regras de jogo, manuais de instrução e bulas de remédio, que são gêneros em que a intenção é orientar sobre uma conduta, explicar o uso de um objeto, ensinar como executar uma atividade. Em campanhas e anúncios publicitários, também é frequente o uso das formas imperativas para engajar e mobilizar as pessoas, levá-las a consumir ou a desejar produtos e serviços.

Veja um exemplo de uma bula de remédio:

#### COMO DEVO USAR ESSE MEDICAMENTO?

Nunca **deixe** de consultar seu médico caso desista do tratamento.

Se você tiver mais dúvidas sobre o uso desse produto, **pergunte** ao médico. **Siga** suas orientações quanto a horários, doses e duração do tratamento.

Sempre **observe** o prazo de validade do medicamento antes de usá-lo, bem como o aspecto dele.

Não **parta** ou **mastigue** esse medicamento.

Como você pode ver pelo exemplo, existem dois imperativos: o afirmativo e o negativo. Não há variação de tempo. Veja:

Imperativo afirmativo	
deixa (tu)	segue (tu)
deixe (ele/ela)	siga (ele/ela)
deixemos (nós)	sigamos (nós)
deixai (vós)	segui (vós)
deixem (eles/elas)	sigam (eles/elas)

Imperativo negativo	
não deixes (tu)	não sigas (tu)
não deixe (ele/ela)	não siga (ele/ela)
não deixemos (nós)	não sigamos (nós)
não deixeis (vós)	não sigais (vós)
não deixem (eles/elas)	não sigam (eles/elas)



## Linguagens em canções populares

Você verá agora como as linguagens estão presentes em textos cantados, escritos, tocados e ouvidos. A canção popular é um ótimo exemplo de gênero textual em que diferentes linguagens se integram na produção de um só texto.

Nas canções, a linguagem verbal e a linguagem sonora se misturam formando um gênero específico, marcado por linguagens combinadas. Isto é, a canção, de modo geral, não é apenas música nem apenas letra (texto escrito).

É curioso perceber como também integra a modalidade falada e a modalidade escrita da língua, pois, se é posta no papel (momento de criação do artista ou em encartes dos discos, sites, livros e revistas que a divulgam), só se realizará plenamente



quando for cantada, ou seja, quando se tornar texto oral. Tem título, mas ele geralmente não é pronunciado quando se vai cantar. Tem melodia, mas ela não pode ser totalmente captada pela linguagem verbal, pela leitura da letra.

Os elementos da modalidade falada também ficam evidentes quando se nota a tendência de muitas canções de parecer “uma conversa” (em que alguém se remete a outro alguém). Ao observar esse dado, o professor e linguista Nelson Barros da Costa chegou a afirmar que o canto, nesse gênero, é um tipo de “fala refinada”.

É por isso que não é difícil encontrar textos do gênero que se aproximem da fala coloquial, do dia a dia das pessoas que ouvem e fazem canções populares. Daí o fato de os temas, os personagens e os lugares que aparecem geralmente refletirem a vida cotidiana dos interlocutores envolvidos.

Por tudo isso, o contato com as canções só ocorre de modo ideal quando elas são ouvidas. Se você não conhece o samba *A flor e o espinho*, procure ouvi-lo (basta digitar o título em um site de busca na internet; você vai encontrar alguns endereços disponíveis). Esse é um samba do compositor e sambista carioca Nelson Cavaquinho (1911-1986) em parceria com Guilherme de Brito (1922-2006) e Alcides Caminha (1921-1992). A primeira gravação foi em 1956 e foram feitas muitas outras por intérpretes como Leny Andrade e Beth Carvalho. Leia a letra a seguir:

## A flor e o espinho

Guilherme de Brito, Alcides Caminha e Nelson Cavaquinho

Tire o seu sorriso do caminho  
Que eu quero passar com a minha dor  
Hoje pra você eu sou espinho  
Espinho não machuca a flor.

Eu só errei quando juntei minh'alma à sua  
O sol não pode viver perto da lua.

[...]

É no espelho que eu vejo a minha mágoa  
E minha dor e os meus olhos rasos d'água  
Eu na sua vida já fui uma flor  
Hoje sou espinho em seu amor.

[...]

O que você achou do trecho que leu da canção? O que ela permite pensar sobre o uso das linguagens?

Se você se detiver, como estratégia de estudo, apenas ao texto escrito, poderá identificar aspectos próprios da linguagem oral e também usos comuns à linguagem poética – aquela presente em poemas e outros textos literários.

Começando a análise pelo tema, você poderia dizer sobre o que fala essa canção? Sobre flores e espinhos, Sol e Lua? Sim... Mas parece que o texto representa mais do que os elementos da natureza, não é mesmo? O sentimento de quem canta se impõe. Sua dor “pede caminho” a alguém, a um interlocutor que parece ser a própria amada, e ganha forma nas imagens que são produzidas pelas palavras. Certamente, é um sentimento que nasceu de um amor que não pôde se realizar, assim como “o Sol não pode viver perto da Lua”. Quem não conhece uma história assim? Outros sambas de Nelson Cavaquinho retratam a separação de casais, a solidão e as dores da saudade e do amor.

Tratar temas cotidianos de modo poético é algo que se pode encontrar em diversas canções populares. Nesse gênero, a linguagem é um campo aberto que possibilita estabelecer relações poéticas de diferentes modos. Canção não é poema, mas ambos os gêneros compartilham muitos recursos de linguagem para expressar sentimentos e pensamentos daquele que assume a voz no texto.

É o poder que as palavras têm de produzir imagens e relacionar coisas que só um olhar poético poderia reunir. É característica de diversas canções usar a linguagem desse modo, para que alguém fale como sente e enxerga a realidade, ou seja, para que represente o mundo de modo subjetivo, particular.

A linguagem musical torna mais evidentes todas essas características do texto escrito, quando a canção *A flor e o espinho* é interpretada por músicos e cantores. Apesar de se tratar de um samba (geralmente executado com instrumentos de percussão, pandeiro, violão, cavaquinho...), o ritmo e a melodia, nesse caso, são mais lentos e cadenciados, criando uma atmosfera tristonha, comum em sambas-canções que tratam de temas sentimentais e românticos. O aspecto sonoro das palavras também se torna extremamente importante para que o texto ganhe maior expressividade. As **rimas** e a seleção cuidadosa de palavras são valorizadas pela linguagem musical, e a sensação de que o intérprete “fala” a outra pessoa ganha mais força.



### Rima

Quando há palavras no final ou no meio de diferentes versos que terminam com som semelhante ou idêntico, diz-se que esses versos têm rima.

**ATIVIDADE 2** Cantar para estudar

**1** Escolha uma canção de que você goste muito e copie a letra em seu caderno. Leia e cante, observando se reconhece aquilo que leu sobre a linguagem nas canções. Depois, responda às questões a seguir, como um modo de escrever as relações que percebeu.

**a)** Sobre o que fala a canção? Qual o tema central?

---

---

---

---

---

**b)** Sobre as relações com a linguagem oral, você observa:

- semelhanças entre a letra da canção e a fala do dia a dia?
- que quem canta se dirige a uma pessoa, como se conversasse com ela?

Anote o que observou, dando exemplos:

---

---

---

---

---

**c)** Sobre as relações com a linguagem poética, você observa:

- uso das palavras para produzir imagens e relacionar universos diferentes (sentimento, pessoas, objetos, elementos da natureza) de modo poético?
- rimas, jogo com as palavras?

Anote o que observou, dando exemplos:

---

---

---

---

---

d) Sobre as relações com a linguagem musical, você observa que a melodia, as pausas, o ritmo criam que tipo de sonoridade (suave, densa, animada, agressiva, calma, alegre, agitada, tristonha...)?

Anote o que observou, dando exemplos:

---

---

---

---

---

2 Você acha que aquilo que sente ou pensa quando canta essa canção tem a ver com o modo como as linguagens que compõem a canção são usadas? Explique.

---

---

---

---

---

### As linguagens em intervenções artísticas

Imagine que você estava passando por uma rua e se deparou com o texto/imagem a seguir:





No que pensaria? Para você, quais as intenções de quem colocou esse texto/imagem na rua? Seu autor seria um publicitário? Um artista? Talvez, de imediato, você pensasse se tratar de uma propaganda de remédio... Mas logo o nome do remédio chamaria a atenção (*Bom-Senso*), assim como o texto (*Distribuição gratuita, sem prescrição médica*).

Olhando bem, é possível notar que a caixa de remédio cobre uma caixa de eletricidade, dessas que existem em várias ruas da cidade.

Nos grandes centros urbanos, são cada vez mais frequentes intervenções artísticas como essa em muros, postes e placas. Foi o espaço que alguns artistas descobriram para conseguir realizar seu projeto artístico, para além dos muros de museus e galerias, e interagir com as pessoas que circulam pela cidade. Esse tipo de arte é chamado de **intervenção urbana**.



### Intervenção urbana

Manifestação artística geralmente realizada em centros de grandes cidades que interage com um objeto artístico preexistente ou com o espaço público.

No caso da obra *Bom-Senso*, o artista Rage Art usou uma peça do mobiliário urbano como **suporte textual**, isto é, como veículo, como meio físico em que o texto verbo-visual aparece. São inúmeros os suportes nos quais se materializam textos: muros, árvores, livros, *outdoors*, jornais, revistas, folhas de papel etc. É interessante pensar como a escolha do suporte também influencia o modo como o texto é lido e pode ser determinante para a construção dos sentidos pelo leitor.

No caso dessa obra, Rage Art parece ter a intenção de surpreender os leitores em sua caminhada pela rua e, por isso, forjou sua obra num suporte acessível a muitas pessoas.

E quanto ao tema? A ideia de um medicamento em tamanho gigante chamado *Bom-Senso* coloca que assunto em pauta? É possível imaginar que o artista queira recomendar para todos os que passarem por ali um remédio, mas para o tratamento de qual mal?

Os que se depararem com a obra darão a ela os sentidos que puderem, porém o fato de saberem que se trata de uma intervenção artística de rua possibilita o entendimento de que há aí uma crítica. A obra leva a pensar que o bom-senso pode ser uma saída para problemas sociais e de urbanidade, para problemas como a largura das calçadas, a sujeira nas ruas, as dificuldades de acesso ao espaço público ou até mesmo para o pouco acesso que as pessoas têm à arte. Que outros sentidos você construiu para a obra?

Veja outros exemplos de intervenções urbanas.



© Alexandre Orion

Alexandre Orion.



© Gêmeia

Gêmeia.



© Bordalo II

Bordalo II.



© Gêmeia

Gêmeia.





Bordalo II.

© Bordalo II

### ATIVIDADE 3 Osso duro de roer!

Observe as fotografias abaixo, que retratam a série *Poda*, de Rage Art, com intervenções feitas em árvores cortadas da cidade de São Paulo (SP).



© rageart.com.br



© rageart.com.br

**1** Pense agora: Que palavras e assuntos vêm à sua cabeça quando relaciona o nome da série de intervenções e as imagens?

---

---

---

---

**2** A escolha do suporte (árvores de um centro urbano) é inusitada e coloca a obra no caminho de pessoas que estão de passagem, andando nas ruas de uma cidade grande. O que você acha que **essa intervenção** desperta nessas pessoas?

---

---

---

---

**3** Agora que você já conhece duas obras de Rage Art, pode ter uma ideia mais clara sobre as intenções dele com suas obras? Percebe um tema comum? Uma crítica? Uma reflexão? Comente.

---

---

---

---

## HORA DA CHECAGEM

Confira agora suas respostas para as atividades propostas. Leia os comentários a seguir e reflita sobre o que respondeu. Verifique o que precisa complementar, corrigir e se os sentidos são os mesmos, apesar de as palavras estarem diferentes das que você lerá a seguir. É possível escrever a resposta correta de muitos modos. Por isso, não vá apagando o que escreveu sem antes pensar a respeito do que precisa ser modificado.

### Atividade 1 - Linguagens num anúncio

**1** Após observar o anúncio, você pode ter percebido que ele foi feito com o propósito de engajar as pessoas numa campanha pelo fim da violência doméstica contra mulheres. A intenção central parece ser encorajar as pessoas a fazerem as denúncias.

**2** Sua resposta deve ter considerado que o anúncio pretende alcançar o público em geral, que anda de ônibus, que transita pelas ruas.



- 3** A palavra “seu” se refere a todos os que lerem o anúncio. Incluem o agressor, a vítima, alguém que presencie atos de violência contra mulheres ou até mesmo outras pessoas que não vivenciaram nada parecido, mas que podem ficar alertas para o tema. Desse modo, o anúncio aponta que não só as vítimas devem assumir a responsabilidade e fazer as denúncias, mas que todos são responsáveis.
- 4** Você pode ter reconhecido que há um duplo sentido na expressão “não esconda”. Ela pode se referir tanto a não esconder os ferimentos quanto a não ficar passivo, calado, ao saber de um caso de violência desse tipo. Ambos os sentidos levam à ideia de que é preciso fazer a denúncia.
- 5** Verifique se você ressaltou que a mulher da foto é uma jovem, negra, bonita, de aparência saudável e cuidada, porém metade de seu rosto está coberto pelo cabelo e a outra metade, não.
- 6** É importante que você tenha percebido que o fato de os ferimentos não estarem aparentes é uma estratégia para reforçar a ideia central do anúncio. A metade coberta do rosto dá a entender que há algo escondido. Assim, os ferimentos não estão aparentes, mas o leitor é levado a imaginá-los pela composição entre texto e imagem, identificando a mulher da foto como uma possível vítima de atos de violência.
- 7** Em sua resposta, você precisou considerar que a imagem da mulher com parte do rosto coberta não permitiria por si só imaginar que se esconde alguma coisa. Nesse anúncio, as linguagens combinadas são usadas de modo intencional para ressaltar algumas ideias importantes quando o assunto é a denúncia dos atos de violência contra a mulher. Em primeiro lugar, que é possível que as vítimas não aparentem sofrer violência; em segundo lugar, que é comum que as pessoas escondam o problema e prefiram não fazer as denúncias; por último, que denunciar atos de violência pode ser um modo de combatê-la.
- 8** Sua resposta deve ter chamado atenção para o dado colocado no canto inferior direito do anúncio, em que três linguagens foram combinadas: o desenho de um telefone, o número 180 e a palavra “ligue”. De modo sintético, o anúncio dá instruções de como as denúncias devem ser feitas. A ausência dessa informação dificultaria a ação dos leitores, seria uma falha da equipe de publicidade.
- 9** Alternativa correta: **b**. Você deve ter percebido que os verbos usados no modo imperativo dizem expressamente, e não de maneira sutil, o que o leitor deve e não deve fazer.

## Atividade 2 - Cantar para estudar

- 1** Você teve liberdade para escolher a canção de seu agrado. Se considerasse oportuno, poderia procurar a letra em sites para conferir quem é o autor (muitas vezes, os intérpretes são considerados autores, mas nem sempre isso é verdade), qual é o título e se você a transcreveu corretamente.
- a)** Sua resposta depende da canção que você escolheu e vai analisar. Porém, para respondê-la, você deve ter notado que há um tema geral que se desenvolve na letra da música que escolheu. Muitas vezes, o título anuncia de forma direta e sintética o tema que será tratado. Você reparou no título da canção escolhida?
- b)** Sua resposta deve ter levado em conta o modo como a voz que assume a letra da canção se coloca, se parece apenas pensar em voz alta ou se dirige-se a uma ou mais pessoas. Uma dica é perceber se na letra há trechos que se parecem com uma conversa, se ao cantá-la você tem a sensação de que pede, exige algo, implora, declara-se, elogia, agradece, ofende alguém. Além disso, é possível encontrar gírias e expressões do dia a dia que também seriam um bom modo de dar exemplos sobre as relações entre a letra da canção e a linguagem cotidiana.

c) São raros os casos de letras de canção que não usem alguma figuração da linguagem, mas é possível. Você deve ter verificado se há frases que associam elementos de universos variados, fazem analogias entre sentimentos, elementos da natureza, objetos, atitudes humanas. Outro aspecto da linguagem poética que pode ser observado é em relação à escolha das palavras e à construção das frases por sua sonoridade. As rimas no final dos versos ou mesmo a repetição de letras e sons, ao longo da letra da canção, serão bons exemplos de aspectos que você pode ter observado. Lembre-se de como, na canção de Nelson Cavaquinho, Guilherme de Brito e Alcides Caminha, “flor e espinho” e “Sol e Lua” foram associados aos próprios amantes. Algo semelhante ocorre na canção que você escolheu?

O refrão é um elemento típico de letras musicais que também reforçam aspectos da linguagem poética. Repare se há algum trecho da canção que se repete em partes diferentes dela. As repetições de frases inteiras, palavras e sons podem ser estratégias para valorizar a sonoridade, o ritmo e os sentidos das letras de canção.

d) Você precisou usar sua sensibilidade para perceber como as linguagens combinadas na canção escolhida contribuíram para a sonoridade. É importante que saiba que a análise proposta não esperava que você tivesse um olhar de especialista, que poderia falar de acordes, notas musicais e estilos musicais, mas contava com sua competência leitora para atribuir sentidos aos usos que o autor fez das linguagens combinadas na canção.

**2** É importante que você tenha destacado o que realmente percebe entre sua relação pessoal com a música e aquilo que comentou anteriormente sobre o uso das linguagens. Veja se o motivo que faz você preferir essa música a outras tem a ver com alguns comentários que escreveu, se o prazer ou qualquer outro sentimento que desperta se relacionam aos recursos de linguagem que identificou.

### Atividade 3 - Osso duro de roer!

Nessa atividade, você deve ter percebido a obra de Rage Art como um texto, ter observado as pistas e escolhas do artista para estabelecer relações e significados para ela.

**1** Essa resposta pode ter variado, porque envolve seu mundo de leitor, vivências e saberes. É possível pensar em corpo humano, carne animal, dor, mutilação, a condição das árvores na cidade, a vida humana na cidade, a ação humana no espaço e na paisagem, seu modo de conviver com a natureza, com os animais, entre outros. Você pensou em coisas assim?

**2** Veja se você considerou provável que cause estranhamento, que desperte a curiosidade de quem passa pela obra. Muitas vezes, essa é uma forma de ampliar o olhar, provocar a reflexão sobre algum assunto, romper o modo habitual de estar no mundo. Moradores de cidades como São Paulo poderiam pensar sobre o problema da falta de áreas verdes nas cidades, se dar conta de como são raras.

**3** Nessa questão, também havia espaço aberto para sua interpretação. Observe novamente a outra obra, *Bom-Senso*, lembre-se do que leu e pensou a respeito e escreva. Ambas fazem usos da linguagem, como é comum nas artes, dão o que pensar sobre o momento presente, a condição humana e o que significa estar no mundo. Tanto numa quanto noutra ele usa suportes inusitados, pode estar fazendo uma crítica social, apontando que é preciso buscar a “cura” ou refletir sobre problemas da vida contemporânea; mostrar que a arte pode ser “um remédio” para esses problemas; usar suportes inesperados e dialogar com pessoas que talvez não tenham acesso a espaços e bens culturais (museus, galerias, livros).



No tema anterior você pôde ver que as linguagens são essenciais para as relações humanas. Além disso, aprendeu que os textos mantêm relações com outros que já existem e, por isso, seguem alguns padrões, apresentam certa regularidade de forma, tema e estilo. Porém, há tantos gêneros que seria impossível a qualquer pessoa conhecer e dominar todos eles. Cada um conhece diversos gêneros em diferentes graus, mas domina apenas aqueles que circulam nas esferas sociais das quais participa.

Agora você vai entrar em contato com textos de outros gêneros, analisando de que modo estabelecem a interação entre as pessoas.

No **cotidiano**, é possível escrever e ler bilhetes, cartas, *e-mails*, relatos de experiência, dar e ouvir recados, ler regras de jogo etc. No **universo jornalístico**, existem entrevistas, resenhas, notícias, reportagens, artigos de opinião, cartas de leitores, propagandas etc. No **universo da literatura**, há contos, histórias em quadrinhos, piadas, poemas, cordéis, crônicas, textos teatrais, novelas, romances. Na vida **pública e profissional**, são comuns cartas de solicitação, de reclamação, requerimentos, estatutos, currículos, entrevistas profissionais. No **universo da divulgação científica**, há artigos, verbetes de dicionários e enciclopédias e muitos outros.

Ter familiaridade com diferentes gêneros, perceber as regularidades e variações entre eles amplia a capacidade de leitura e as ferramentas de que se dispõe para participar de diferentes situações de interação social.



### O QUE VOCÊ JÁ SABE?

- Assinale a seguir os gêneros que você lê com mais frequência em seu cotidiano.

- |  |   |   |
|--|---|---|
| <input type="checkbox"/> Notícia             | <input type="checkbox"/> Relatório            | <input type="checkbox"/> Conto                  |
| <input type="checkbox"/> Receita culinária   | <input type="checkbox"/> Formulário           | <input type="checkbox"/> Piada                  |
| <input type="checkbox"/> Biografia           | <input type="checkbox"/> Poema                | <input type="checkbox"/> Carta pessoal          |
| <input type="checkbox"/> <i>E-mail</i>       | <input type="checkbox"/> Lista de compras     | <input type="checkbox"/> Carta comercial        |
| <input type="checkbox"/> Bilhete             | <input type="checkbox"/> Anúncio publicitário | <input type="checkbox"/> História em quadrinhos |
| <input type="checkbox"/> Letra de canção     | <input type="checkbox"/> Horóscopo            | <input type="checkbox"/> Outros:                |
| <input type="checkbox"/> Mensagem de celular | <input type="checkbox"/> Romance              | _____   |



- Dos gêneros que você marcou anteriormente:

- Quais fazem parte de sua vida profissional?

---

---

---

---

- Quais fazem parte de sua vida familiar, íntima, pessoal?

---

---

---

---

- Quais você teria interesse em estudar? Por quê?

---

---

---

---

---



## Gêneros textuais: diferentes modos de interação

Ao marcar as alternativas na primeira pergunta da seção *O que você já sabe?*, você sentiu dificuldade para diferenciar uma receita culinária de uma notícia, um poema de um formulário, uma história em quadrinhos de uma carta pessoal? Provavelmente, não.

Isso ocorreu porque, ao longo da sua vida, você ampliou o alcance das relações sociais, diversificando cada vez mais as situações de interação social das quais participa e aprendendo a reconhecer e fazer uso dos diferentes gêneros textuais que existem. Também aprendeu, com suas experiências, a agrupá-los, usando critérios variados: onde são encontrados, o assunto de que tratam, a aparência, o modo como as linguagens foram usadas etc. São esses critérios que levam você a procurar notícias no jornal, e não em livros, que o fazem preencher um formulário de modo muito diferente do que escreveria uma carta pessoal. E isso acontece com todo mundo. Quanto mais se vive, mais se conhece da linguagem e dos gêneros que fazem parte da vida.

As atividades propostas procurarão demonstrar o que é principal em cada gênero contemplado nesta Unidade e como as pessoas interagem por meio deles. Para isso, serão considerados quatro aspectos principais: suporte, forma, tema e estilo. Sem esquecer, é claro, de considerar em que situação os textos foram produzidos, sua função social e os interlocutores envolvidos.

## Lendo textos de diferentes gêneros textuais

Você tem o hábito de ler horóscopo? Acredita que a Lua, o Sol e outros planetas podem ter relação com sua vida aqui na Terra?


De acordo com a Astrologia, cada pessoa recebe a influência dos astros de modo diferente ao longo do ano. Por isso, o ano é dividido em doze períodos, cada um regido por um signo do zodíaco. Assim, dependendo do dia e do mês de nascimento, cada pessoa também é regida por um signo. O signo de câncer, por exemplo, rege as pessoas que nascem entre 21 de junho e 21 de julho.

Leia o horóscopo para os cancerianos publicado em 13 de novembro de 2013 no jornal *Folha de S.Paulo*.

13 nov. 2013 **FOLHA DE S.PAULO** | ILUSTRADA

### Câncer (21 jun. a 21 jul.)

Vênus e Plutão juntinhos garantem parceiro atento, mas exigente. Cliente ou sócio manipulador pode ameaçar. Fuja! Reviravolta na chefia, há crise de autoridade atrapalhando seus planos. Observe e espere. Não dê ideias a ninguém.



© jeishomwang/123rf

ABRAMO, Barbara. Astrologia. *Folha de S.Paulo*, Ilustrada, 13 nov. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/138660-astrologia.shtml>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

O horóscopo é um gênero textual que tem como característica principal se dirigir a todas as pessoas de um mesmo signo, que podem ser homens, mulheres, adultos, jovens ou idosos.

Os textos desse gênero podem circular em **suportes** variados, sendo publicados em revistas, jornais e sites ou até lidos em programas de rádio e televisão. Apesar de pertencerem à esfera pública, o **tema** que apresentam se liga a aspectos da vida pessoal, amorosa e profissional dos leitores e à interpretação astrológica feita por um

especialista no assunto. Em relação ao **estilo**, o autor tem certa liberdade para utilizar uma linguagem descontraída ou então marcada por um tom místico, buscando sempre a identificação do leitor. É comum que dê conselhos, ordens e faça prescrições, por meio do uso dos verbos no imperativo (visto no Tema 1) e outras formas com o mesmo efeito. Às vezes, o horóscopo é escrito para um público bem específico, como em uma revista para adolescentes, por exemplo. Daí, pode ganhar estilo particular.

Observe como poderia ficar a previsão para o mesmo signo se fosse escrita para uma revista feminina para jovens:

Os astros dão a maior força para namoros mais duradouros! De repente, aquele ficante das férias pode aparecer novamente e se tornar seu namorado oficial: repare em quem já está por perto! Se você já namora firme, seu amado estará atento a tudo o que acontece com você. Pode ser que precise encarar uma DR (discussão de relacionamento), mas que só vai aproximá-la ainda mais de seu príncipe! Se rolar alguma tensão com professores, pais ou pessoas mais velhas, não esquente e fique aberta para o diálogo! É o melhor caminho para resolver os conflitos com os coroas!

Além de se dirigir apenas para meninas, a previsão considera a rotina de uma adolescente: namoros, escola, amizades. A mudança de interlocução se reflete no texto, no enfoque que se dá aos temas, nas palavras escolhidas, no estilo adotado pelo autor. O uso dos pontos de exclamação, de palavras e expressões como *ficante*, *DR*, *príncipe*, *rolar*, *coroas* faz sentido para leitores, ou melhor, leitoras adolescentes, pois expressa um uso da língua que se considera próprio dessa faixa etária.

Entretanto, é possível verificar que, de modo geral, os textos desse gênero vão ter muitos aspectos em comum:

- **Formato:** são textos curtos, geralmente acompanhados de outros onze textos (um para cada signo do zodíaco).
- **Tema:** ligado à vida profissional, amorosa, familiar em sintonia com as influências astrais.
- **Estilo:** marcado pela citação do nome dos planetas que têm destaque naquele dia, as recomendações de como o leitor deve agir, o que deve evitar, em que deve se concentrar; a presença de verbos no imperativo ou outras formas que têm o mesmo efeito de dar conselho, orientar, instruir (*repare*, *não esquente*, *fique aberta*).

Agora, veja um texto de outro gênero. Usando os mesmos critérios (suporte, formato, tema, estilo), é possível reconhecer as pistas sobre o tipo de interação que estabelecem.

## astrologia

**substantivo feminino (1344)**

doutrina, estudo, arte ou prática cujo objetivo é decifrar a influência dos astros no curso dos acontecimentos terrestres e na vida das pessoas, em suas características psicológicas e em seu destino, explicar o mundo e predizer o futuro de povos ou indivíduos; uranoscopia

### Etimologia

gr. *astrología*, as ‘astronomia, (posteriormente) astrologia’, pelo lat. *astrologĭa*, ae ‘astronomia, a ciência dos astros’; ver *astr(i/o)-* e *-logia*; f. hist. 1344 *astrologia*, sXIV *estreologia*, sXIV *estrolasia*, sXIV *estrolasia*, 1431 *astrellogia*, sXV *estrollazia*

Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

Você saberia dizer onde o texto que você leu é geralmente encontrado? Como chegou a essa conclusão? O que o faz supor que seja encontrado em um dicionário é provavelmente seu repertório de leitor, que dá pistas para identificar o gênero de texto e sua finalidade.

O texto é um verbete de dicionário, usado para conhecer o significado, os usos e até a grafia correta das palavras. O **suporte** pode ser o livro ou, atualmente, a internet ou uma versão eletrônica para ser instalada no computador.

O **formato** dos verbetes de dicionário respeita, com poucas variações, um padrão: apresenta uma palavra (o que é chamada de “entrada”) e, em seguida, os diversos significados que ela pode adquirir em diferentes contextos. O verbete, além disso, informa a classe gramatical (*substantivo feminino*), apresenta um sinônimo (*uranoscopia*) e a etimologia (ciência que estuda a origem e evolução das palavras).

Como, geralmente, os verbetes aparecem em conjunto nos dicionários (seguindo a ordem alfabética), a repetição dessa estrutura é o que garante a uniformidade entre eles e o fácil acesso do leitor às informações que procura. Ainda mais porque o **tema** apresentará uma variação enorme por estar sempre vinculado à palavra da entrada. Imagine quantos temas uma obra como o *Dicionário Eletrônico Houaiss* traz em seus mais de 228 mil verbetes!

O **estilo** é sempre marcado pelo uso da linguagem de forma objetiva, pela presença de termos técnicos das diversas áreas do conhecimento, dados, classificações e explicações. Isso porque, em geral, são dirigidos a um público que está



fazendo uma pesquisa, querendo informações diretas sobre o significado ou sobre a grafia de uma palavra, buscando esclarecer um conceito ou uma dúvida com um fim profissional ou escolar.

Além do verbete de dicionário, outros gêneros circulam na esfera escolar e de divulgação de conhecimentos científicos, como os verbetes de enciclopédia e de almanaque, o artigo de divulgação científica e o texto didático (como este que você lê), entre outros.

## ATIVIDADE 1 Leitura de verbetes

Ao longo desta Unidade, muitas vezes a palavra *interação* foi usada para tratar da função dos textos na vida diária. Leia com atenção o verbete dessa palavra, retirado do *Dicionário Houaiss*. Depois, responda às questões a seguir.

### interação

#### substantivo feminino (sXX)

- 1 influência mútua de órgãos ou organismos inter-relacionados  
‹i. do coração e dos pulmões› ‹i. do indivíduo com a sociedade a que pertence›
  - 2 ação recíproca de dois ou mais corpos
  - 3 atividade ou trabalho compartilhado, em que existem trocas e influências recíprocas
  - 4 comunicação entre pessoas que convivem; diálogo, trato, contato
  - 5 intervenção e controle, feitos pelo usuário, do curso das atividades num programa de computador, num CD-ROM etc.
  - 6 est medida de quanto o efeito de uma certa variável sobre outra é determinado pelos valores de uma ou mais variáveis diferentes [Este fenômeno faz com que a resposta à aplicação de dois tratamentos não seja a mera soma das respostas a cada tratamento.]
  - 7 fís qualquer processo em que o estado de uma partícula sofre alteração por efeito da ação de outra partícula ou de um campo
  - 8 soc conjunto das ações e relações entre os membros de um grupo ou entre grupos de uma comunidade
- [...]

#### Etimologia

*inter-* + *ação*; ver *ag-*

#### Paronímia

*inteiração* (s.f.)

**1** Quantos significados o dicionário apresenta para a palavra *interação*? Que outras informações são apresentadas nesse verbete?

---

---

---

**2** Quais deles você acha que se aplicam melhor para a interação estabelecida pelos textos? Indique pela numeração.

---

---

---

**3** As acepções 6, 7 e 8 apresentam, no início, a abreviação do nome das ciências que utilizam a palavra *interação* com significados específicos – *est* (estatística), *fís* (física) e *soc* (sociologia). Por que é importante que o dicionário informe esse dado ao leitor?

---

---

---

**4** Na versão impressa do *Minidicionário Houaiss*, o verbete *interação* aparece de modo diferente:

*In.te.ra.ção* [pl.: -ões] *s.f.* ação ou influência mútua entre coisas e/ou seres

Minidicionário Houaiss Impresso

**a)** Ao comparar os dois textos, quais são as principais diferenças que você percebe?

---

---

---

**b)** Em sua opinião, por que os dois verbetes foram elaborados de modos diferentes?

---

---

---



## Contextos: variações históricas, sociais e culturais

Continuando a conversa sobre gêneros, o enfoque agora será naquilo que é chamado **contexto**.

Você já precisou apresentar e descrever suas qualidades profissionais a fim de concorrer a uma vaga de emprego? Existem vários modos de fazer isso. O mais comum é por meio de conversa com o próprio empregador ou de um currículo. Também é possível fazer um anúncio nos classificados de jornais e revistas.

O classificado tem sua origem ligada à história dos jornais e pode ser considerado um gênero textual. Desde as primeiras publicações, no século XIX, já era possível encontrar pessoas procurando emprego, vendendo ou alugando objetos, oferecendo serviços etc.

Leia os dois classificados a seguir e perceba como a época influencia no modo como foram escritos.

OFFERECE-SE huma pessoa com boa letra para apromptar alguma escripturação mercantil, ou para ajudar algum outro escripturario. Annunciem ou procurem na rua do Ouvidor n. 63.

Classificados do *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 13 out. 1835.

### AUXILIAR DE ESCRITÓRIO

Exp. em atendimento ao público, Excel, Word, conhecimento de matemática etc. moro p/ região de Pinheiros (11) 88888-8888, hor. com. antonio@seuprovedor.com

Ao comparar os dois classificados, são identificados elementos comuns: os dois foram escritos por pessoas que procuravam uma vaga de trabalho, o primeiro, para ser escriturário (escrevente) mercantil ou auxiliar nessa função, o segundo, para ser auxiliar de escritório. Ambos poderiam ser publicados em jornais, o que influencia o **formato** dos dois textos (quanto mais curtos forem, menos custam ao anunciante). Os dois textos começam apresentando as qualidades profissionais necessárias, usando uma linguagem econômica e objetiva, e terminam dando as informações para que os interessados estabeleçam contato. O objetivo é o mesmo; o **estilo**, o **suporte** em que poderiam ser publicados são semelhantes.

Então, o que é diferente?

Você estranhou a grafia das palavras “oferece-se”, “huma”, “apromptar”? Antes do Acordo Ortográfico de 1945, algumas palavras da língua eram escritas desse modo. Outro elemento que pode chamar a atenção é o fato de, no primeiro classificado, o contato precisar ser estabelecido pessoalmente pelo endereço oferecido. No segundo, há telefone e endereço de *e-mail* para isso. Esses elementos vão delineando que a principal diferença entre os textos é o **contexto histórico**. Um anúncio é de 1835, o outro poderia ser escrito nos dias atuais. A distância de mais de 150 anos determina que os textos apresentem um uso da língua variado, que as palavras para descrever as qualidades dos profissionais e as tecnologias à disposição para fazer contato também sejam diferentes. As mudanças no estilo de vida e na relação entre as pessoas, o avanço tecnológico, fatos ligados à passagem do tempo, exercem influências no modo como os textos nesse gênero são produzidos.

Do mesmo modo, embora não seja esse o caso dos anúncios classificados, fica fácil perceber como a internet, ao favorecer a criação de novos modos de interação, propiciou também o surgimento de novos gêneros, a partir daqueles que já existiam. Alguns estudiosos dizem, por exemplo, que o blog é uma reinvenção dos diários pessoais, assim como o *e-mail* é um novo tipo de carta. Afinal, ainda que fiquem evidentes algumas diferenças ligadas ao suporte (que passa a ser a tela do computador), é possível reconhecer no blog e no *e-mail* muitas semelhanças, respectivamente, com os diários pessoais e as cartas.

Ao longo deste Caderno, outros gêneros textuais serão estudados de modo mais aprofundado. Nesta Unidade, porém, você pôde perceber o que é um gênero



textual, que papel desempenha nas interações por meio da linguagem e viu como são em situações que podem variar muito. Pôde também se perguntar sobre o uso de alguns deles, reproduzindo rotinas textuais familiares e, ao mesmo tempo, propondo variações que sirvam às atividades concretas realizadas com a linguagem.



## DESAFIO

### Notícias do além

Aquele que morrer primeiro e for para o céu deverá voltar à Terra para contar ao outro como é a vida lá no paraíso. Assim ficou combinado entre Francisco e Sebastião, amigos inseparáveis e apaixonados pelo futebol. Francisco teve morte súbita e, passado algum tempo, no meio da noite, sua alma apareceu ao colega:

- Nossa Senhora, Chico! Você veio mesmo!
- Estou aqui, Tião, para cumprir a minha promessa, trazendo-lhe duas notícias.
- Então me fala.
- O céu é uma maravilha, um colosso, uma beleza. Tem futebol todo dia.
- E a outra?
- A outra é que você está escalado para jogar no meu time amanhã cedo.

DIAS, M. V. R. Humor na Marolândia. In: ILARI, R. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2001.

Esse texto pode ser analisado sob dois pontos de vista que incluem situações diferentes de interlocução: a primeira, considerando seu produtor e seus potenciais leitores; e a segunda, considerando os interlocutores Francisco e Sebastião. Para cada uma dessas situações o produtor do texto tem um objetivo específico que se determina, não só pela situação, mas também pelo gênero textual.

Os verbos que sintetizam os objetivos do produtor nas duas situações propostas são, respectivamente,

- a) entreter e seduzir.
- b) divertir e informar.
- c) distrair e comover.
- d) recrear e assustar.
- e) alegrar e intimidar.



Depois do que estudou sobre gêneros textuais nesta Unidade, você acha que conhecer em profundidade alguns gêneros pode ser importante para sua formação? Quais gêneros seria importante conhecer? Por quê?

## HORA DA CHECAGEM

Chegou a hora de conferir as respostas das atividades propostas. Observe, com atenção, as diferenças e semelhanças na forma como escreveu. Você já sabe que uma resposta pode estar correta mesmo que tenha palavras diferentes das que você vai ler. Por isso, antes de apagar, pense sobre o que escreveu, faça correções em palavras, observe a pontuação, registre as dúvidas, confirme o que aprendeu.

### Atividade 1 - Leitura de verbetes

**1** Ao analisar o verbete, você pôde perceber que esse dicionário apresenta oito significados para a palavra *interação*, além de apresentar exemplos de seu uso e de informar sobre sua classe gramatical (s.f.: substantivo feminino), etimologia e variação (paronímia).

**2** É provável que você tenha respondido que as acepções 1, 3 e 4 sejam as mais adequadas quando o assunto é a interação que ocorre por meio da linguagem e dos textos.

**3** Confira se a explicação que deu para a indicação das áreas do conhecimento no verbete ressalta a função informativa predominante do gênero e a amplitude do público a quem se destina (podem ser pesquisadores de várias áreas). Outro fator que explica a importância desse tipo de informação no verbete tem a ver com uma característica geral de todas as palavras: a variação de sentido relacionada à variação do contexto em que são usadas.

**4**  
**a)** Você deve ter reparado que o verbete do minidicionário traz apenas uma das acepções presentes no outro dicionário, a primeira e mais geral. Apesar disso, há informações complementares, como a separação de sílabas (In.te.ra.ção) e também a forma plural da palavra [pl.: ões], que não aparecem no outro.

**b)** É importante que tenha considerado que nos minidicionários há um número reduzido de palavras, pois são edições pequenas, de bolso, que pretendem auxiliar estudantes em fase inicial. É a diferença de interlocutor que motiva as diferenças entre os verbetes.

### Desafio

Alternativa correta: **b**. Como se trata de uma piada, o objetivo é divertir ou alegrar o leitor ou ouvinte. Já considerando os interlocutores Francisco e Sebastião, na conversa entre eles, Chico informa o outro sobre como é o céu e sua “escalação” para o jogo do dia seguinte.



## TEMAS

1. A construção de nossa visão de mundo: mídias e jornal impresso
2. Crônicas: o olhar do cronista sobre o mundo

## Introdução

Nesta Unidade, você vai observar como as linguagens atuam nos meios de comunicação de massa e num de seus veículos mais antigos: o jornal impresso. Estudará algumas particularidades dos textos jornalísticos, aventurando-se pelo universo de repórteres, jornalistas e escritores. As questões propostas ao longo da Unidade ajudarão você a conhecer diferentes maneiras de produzir informações, expressar opiniões, compartilhar experiências.

## TEMA 1

A construção de nossa visão de mundo:  
mídias e jornal impresso

Você já refletiu a respeito de como, ao longo da vida, foi conhecendo o mundo? Sabe o que é mídia e comunicação de massa? Essas serão algumas questões a serem debatidas neste tema. Além delas, você vai analisar a primeira página de um jornal, sua manchete, **chamadas** e fotografias, observando como as legendas são importantes para contextualizar as imagens.



## Chamada

Cada um dos textos, complementados ou não por títulos, foto e legenda, que resumem as notícias na primeira página de um jornal. A chamada resume as informações publicadas sobre um determinado assunto e tem a função de levar o leitor a se interessar pela leitura da notícia completa e localizá-la no jornal.



## O QUE VOCÊ JÁ SABE?

- Pense em sua vida cotidiana e enumere a seguir os meios por onde geralmente você se informa sobre os acontecimentos da sua cidade, do país e do mundo. Coloque o número 1 para sua principal fonte de informação e siga a numeração de acordo com a frequência:



- |                                    |  |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Rádio     | <input type="checkbox"/> Computador com internet |
| <input type="checkbox"/> Televisão | <input type="checkbox"/> Celular com internet    |
| <input type="checkbox"/> Jornais   | <input type="checkbox"/> Outros:                 |
| <input type="checkbox"/> Revistas  | _____  |

• Você vê diferenças entre ficar sabendo de uma notícia pela televisão ou pelo rádio? Escreva algumas.

---

---

---

• Você acha que assistir ao noticiário da televisão é suficiente para que uma pessoa fique bem informada?

---

---

• Como você imagina que as notícias chegam aos jornalistas responsáveis pela publicação delas em um jornal?

---

---

---

• Em sua opinião, que diferenças existem entre informar um fato e formar uma opinião sobre ele?

---

---

---



## As mídias

Tudo o que as pessoas sabem, tudo o que conhecem do mundo chega por duas vias diferentes. Uma delas é a observação direta, feita com os próprios sentidos (tato, olfato, visão, paladar e audição), quando vivenciam e participam dos acontecimentos. É assim que se aprende qual é a textura e o peso da água, qual o formato e os movimentos da Lua, como se comportam certos animais, plantas e pessoas...

A outra via é aquela que traz informações provenientes da vivência de outras pessoas e que são acessadas por meio de conversas, livros, revistas, cinema, jornal e outros suportes das **mídias**.



## Mídia

Do latim *medium*, significa *meio*. No Brasil, passou-se a utilizar o termo de acordo com o significado estadunidense de *media*, para designar o conjunto dos meios de comunicação de massa: televisão, rádio, cinema, internet etc.

É interessante notar a tendência de que, conforme as pessoas se tornam adultas e vão tomando consciência do mundo, a quantidade de informações que descobrem de modo direto é menor se comparada àquela que recebem por essa segunda via – conversando, lendo, assistindo à TV e indo ao cinema. Basta pensar na enorme quantidade de imagens, informações e opiniões com as quais as pessoas se deparam em apenas alguns minutos em frente à televisão.

Por esse motivo, as mídias têm um papel de destaque na sociedade e na vida particular de cada um. Com elas convive-se intensamente todos os dias: pela **televisão**, vê-se, por exemplo, como um terremoto aconteceu do outro lado do planeta, numa cidade distante; pelo **rádio**, ouve-se um jogo de futebol, a movimentação dos jogadores, o comportamento das torcidas, o placar final; pelo **jornal** impresso ou digital, leem-se notícias dos fatos que ocorreram em uma cidade, dos eventos políticos e culturais que você não pôde presenciar.

A interação por meio das linguagens pode acontecer numa conversa face a face, mas também pode se estabelecer entre grupos maiores de pessoas, de modo ampliado. Na interlocução estabelecida pelas mídias, o alvo é sempre um público amplo. Daí o nome **comunicação de massa**. Há grandes suportes que assumem esse papel: rádio, televisão, jornais digitais e impressos, revistas digitais e impressas, internet. Cada um, de modo diferente, de acordo com recursos próprios, interesses e condições específicas, procura atingir seu público.

No rádio, as mensagens são exclusivamente sonoras, mesclando sons, palavras e efeitos sonoros ligados à voz, como timbre, entonação, fluência etc. Nos programas de rádio, o ouvinte tem acesso a temáticas e conteúdos variados por meio de músicas, notícias, anúncios publicitários, entrevistas e debates. Outra característica do rádio é que as transmissões podem ser feitas ao vivo, permitindo a interação com o ouvinte em tempo real.

Na televisão, os textos verbais, escritos ou falados, mesclam-se às imagens (estáticas e em movimento) e aos sons, produzindo um efeito de realidade. É comum que os programas, noticiários e anúncios sejam gravados, mas é possível estabelecer um contato em tempo real com o espectador, como é o caso dos *reality shows* e programas ao vivo.

Nos jornais impressos ou mesmo em sites, a linguagem verbal tem lugar de destaque, ainda que seja indissociável de outras linguagens não verbais na composição de textos de gêneros variados, especialmente fotografias, charges, cartuns e anúncios publicitários. Quando as pessoas leem ou ouvem notícias e reportagens em jornais impressos ou televisivos, elas raramente refletem sobre o modo como essas linguagens foram usadas e como esse uso pensado alcança os sentidos. É fácil acreditar no que se ouve, comover-se com o que é visto, aceitar como verdade tudo o que é lido.

Para lidar de modo inteligente com tanta informação, é preciso desenvolver um senso crítico que permita avaliar se o que se lê ou se ouve está ou não de acordo com aquilo que se pensa e em que se acredita, se deve ser contestado, aceito ou desprezado. Um jeito de aguçar o olhar para fazer leituras mais críticas é examinar as informações e os pontos de vista levando em conta as linguagens empregadas, seus recursos e efeitos.

## O jornal impresso

O jornal impresso é bastante difundido e de fácil acesso. Muita gente, ao sair de casa, gosta de parar em uma banca para comprar o jornal, para dar uma olhadinha nos destaques da primeira página ou ler os jornais que são distribuídos gratuitamente em sinais de trânsito ou no metrô. Você costuma fazer isso?

Nessas publicações, há um conjunto de textos dos mais variados gêneros sobre os assuntos mais diversos. Notícias, editoriais, reportagens, crônicas, poemas, charges, informações sobre a vida cultural da cidade, propagandas, quadrinhos, horóscopo podem compor um jornal voltado para um público bem diversificado. Você já folheou jornais de grande circulação? Já observou como são organizados? Já reparou que recursos são usados na primeira página para chamar a atenção do leitor?

A primeira página dos jornais impressos traz os destaques, os resumos das notícias mais importantes, na visão dos editores. Os repórteres levam para a redação do jornal informações sobre diversos acontecimentos. Os editores, responsáveis pela organização das várias páginas que compõem o jornal, escolhem aquelas que acham mais importantes para mostrar na primeira página. A edição do jornal que chega às bancas de manhã cedo é concluída na noite anterior (a hora do fechamento da edição é indicada, normalmente, no canto superior da primeira página, no cabeçalho). Já os jornais de internet, rádio e TV também trazem para o público notícias de fatos que estão acontecendo no momento. O leitor, ouvinte ou telespectador não precisa aguardar o dia seguinte para saber das novidades.

Em todos os jornais, o principal destaque recebe um título chamado **manchete**. Outros destaques da primeira página recebem títulos menores. Assim, os assuntos são tratados brevemente na primeira página, mas desenvolvidos nos cadernos, dentro do jornal. Cada caderno reúne **gêneros textuais** diversos sobre um ou mais assuntos. Por exemplo, o primeiro caderno dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* reúne textos que expressam opinião (**editoriais** do jornal, **cartas dos leitores**, tendências e debates), notícias sobre a política brasileira e de fora do país etc.; no segundo caderno, estão reunidas notícias e artigos sobre a economia. Há outros cadernos especiais (de informática, cultura, agricultura, turismo etc.), que são publicados em determinado dia da semana e que variam de jornal para jornal.

É possível que o leitor recorra ao jornal para procurar uma informação ou um texto específico, indo direto ao caderno em que vai encontrá-lo. Por exemplo, se a intenção é saber o resultado de uma partida de futebol, o leitor pode seguir direto para o caderno de esportes. Mas a maioria das pessoas começa a leitura do jornal pela primeira página e dali segue abrindo as outras, pulando de caderno em caderno, lendo os textos que despertam maior interesse. Em função disso, a primeira página é considerada um espaço privilegiado para atrair o leitor e também para perceber, ao analisá-la, alguns usos específicos e singulares das linguagens que revelam as intenções e objetivos de quem produz o jornal.

Eugênio Bucci é um jornalista brasileiro e também estudioso de comunicação e mídia. No trecho que você lerá a seguir, ele reflete sobre o poder da imagem e das palavras na primeira página do jornal impresso, apontando alguns de seus efeitos sobre o leitor:



## Glossário

### Manchete

Título da notícia principal, que aparece na primeira página. Se uma notícia tratar do assunto de maior destaque do dia, ela será publicada na primeira página do jornal e terá o título maior em relação a todos os outros títulos. Os títulos das demais notícias também são muito importantes no jornal. Devem ser concisos, conter a informação principal da notícia e chamar a atenção do leitor para que ele queira ler a publicação e, claro, comprar o jornal.

### Editorial

Gênero textual próprio da esfera jornalística em que o jornal ou a revista expressa sua opinião sobre algum acontecimento polêmico ou controverso.

### Carta do leitor

Gênero textual comum em veículos da mídia impressa, publicado em uma seção do jornal destinada à manifestação dos leitores sobre diversos assuntos, para que comentem fatos, opinem, reclamem, façam sugestões etc. É um espaço em que os leitores interagem com aquilo que acontece no mundo e com o que é publicado no jornal.

## Se a palavra condena, a imagem consagra

Eugênio Bucci

[...] Na primeira página de um diário, a manchete, os títulos e os subtítulos conferem certa hierarquia a fenômenos dispersos. As palavras tecem sentidos comuns entre acontecimentos desconectados uns dos outros. A diagramação das notícias mostra que este fato, que mereceu mais espaço, é mais urgente do que o outro; dizem que aquele deslize daquele político não pode ser ignorado; avisam que algo de grave se anuncia no horizonte (pode ser a chuva prevista para o fim de semana, podem ser as consequências sombrias da renúncia do secretário atingido por denúncias de corrupção).

Na mesma primeira página, a foto cumpre uma função bem diferente. Ela escancara a cena, que fala por si (ninguém precisa saber ler uma única palavra para sentir nos olhos o que a imagem expõe). A foto impõe uma pausa, um breve instante de atenção, um momento que pode ser de incredulidade, de simples contemplação, de nojo, ódio, piedade, desejo ou de desprezo. Onde a palavra privilegia o cálculo a imagem desata o sentimento e dessa polarização o jornalismo – não só no papel, mas em toda parte, principalmente na televisão e na internet – extrai o seu melhor sabor. [...]

O Estado de S. Paulo, 14 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,se-a-palavra-condena-a-imagem-consagra-,1096537,0.htm>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

Na continuação desse texto, o autor ressalta, porém, que às vezes essa relação entre palavras e imagens pode entrar em colapso, alertando para casos em que as palavras podem recriminar um tipo de comportamento, enquanto as imagens que as acompanham tratam de seduzir o leitor. Como você imagina que os leitores lidam com isso? Veja a primeira página de um jornal, observando o exemplo reproduzido a seguir.

### ATIVIDADE 1 Primeira página

Observe atentamente a primeira página do jornal *O Estado de S. Paulo*. Olhe no cabeçalho a identificação do jornal. Repare no nome, no logotipo, na data, na hora do fechamento da edição. Observou o dia em que o jornal foi vendido nas bancas? 1º de junho de 2013. Essa data é muito importante para situar no tempo os fatos noticiados, principalmente quando se trata de um jornal mais antigo.





**Caderno2**  
Lulu canta Roberto  
Cantor interpreta  
Jovem Guarda  
em disco. Pág. C9



**Gosto da polêmica**  
Chega ao País *Rangos*  
Reais, do escritor  
inglês Will Self. Pág. C1

**Música.**  
Olga Kopylova  
em uma noite  
de magia  
sonora na Sala  
São Paulo.  
PÁG. C8



**Classificados**  
Para anunciar  
no Estado ligue:  
(11) 3855.2001

## BC age, mas dólar atinge o maior valor em 4 anos

Com alta de 1,75%, moeda americana fechou o dia a R\$ 2,147; no mês, liderou a lista de investimentos

Apesar das intervenções do Banco Central no mercado ontem, o dólar alcançou sua maior cotação em relação ao real desde 5 de maio de 2009. Com a alta de 1,75%, a moeda americana fechou o dia a R\$ 2,147. Desde o início de maio, o câmbio se desvalorizou em 7,24%. A alta do dólar é um movimento internacional. Com a gradual recuperação da economia dos EUA, investidores avaliam que o Fed (Banco Central americano) vai retirar os estímulos monetários e, assim, reduzir a quantidade de moeda no mercado internacional. Até ontem, o BC não havia feito intervenção no mercado, apesar do risco de tornar os pro-

• **Déficit público vai a R\$ 132 bi**  
A alta dos gastos e da inflação e a arrecadação em baixa elevaram o déficit público para R\$ 132,2 bilhões nos 12 meses encerrados em abril. É o segundo pior valor apurado pelo BC. PÁG. B4

dutores importados mais caros e, com isso, pressionar a inflação. Ontem, porém, o banco fez uma operação equivalente à venda de dólares no mercado futuro. Com a disparada dos últimos dias, a moeda americana ficou no topo do ranking de investimentos para o mês. **ECONOMIA / PÁG. B1**



## Protesto contra a austeridade

Manifestantes bloquearam, ontem, o acesso ao Banco Central Europeu em Frankfurt e enfrentaram a polícia. Mais protestos contra a política de austeridade adotada na Europa estão previstos para hoje. A zona do euro já tem 20 milhões de desempregados. **ECONOMIA / PÁG. B6**



## Luta em várias frentes

Índios que ocupam canteiro de obras da usina de Belo Monte (foto) vão a Brasília. Dilma Rousseff pediu apuração de conflito em Sicrolândia (MS). **ECONOMIA / PÁG. B5 • POLÍTICA / PÁG. A8**

## Sem aliança com PT, PMDB pode apoiar Campos

Em pelo menos seis Estados onde ainda não há parecer entre PT e PMDB, dirigentes peemedebistas não descartam apoio regional ao PSB, do governador de Pernambuco, Eduardo Campos, caso ele disputar a Presidência. **POLÍTICA / PÁG. A4**

## EUA criticam Rússia por armar regime sírio

INTERNACIONAL / PÁG. A10

## Turista alemão é baleado na Rocinha

METRÓPOLE / PÁG. A14

## Tarifa de ônibus e metrô sobe amanhã em SP

METRÓPOLE / PÁG. A17

## Ladrões roubam 19 clientes em restaurante de SP

Quatro bandalões fizeram arrombamento quinta-feira à noite no restaurante Buella, no Itaim Bibi. Desseves clientes foram roubados. O humorista Felipe Andreoli estava no local e publicou: "Enquanto tem gente tremendo e chorando, eles devem estar dando risada". **METRÓPOLE / PÁG. A14**

## Esportes Rio corre para entregar o Maracanã

A liminar que suspendeu o amistoso Brasil x Inglaterra foi revogada, mas o entorpecido do Maracanã continua em obras. O governador Sérgio Cabral (PMDB) promete "total segurança" para o público amanhã. **PÁG. A20**

## Muricy deixa o Santos

Técnico foi demitido por telefone. Marcelo Bielsa é o 1º da lista. **PÁG. A22**



**TIMOTHY GARTON ASH**  
Censura não funciona  
A ideia do governo britânico de impor moeda contra "opiniões revoltantes" de radicais na mídia é absurda. Ao menos, odiar é necessário. **VIAGEM GLOBAL / PÁG. A11**

**SÉRGIO AUGUSTO**  
Hitchcock e Nabocok  
Alfred Hitchcock e Vladimir Nabokov eram almas irmãs, até no gosto por ludibriar espectadores e leitores. Nasceram um para o outro. **CADERNO2 / PÁG. C4**

**Índice**

Paridade câmbio		
Dólar	2,147	AN+1,75%
Real	0,466	AN+0,00%
Índice Ibovespa	11.100	AN+0,00%
ECONOMIA & FINANÇAS	01.100	AN+0,00%
CADERNO2	01.100	AN+0,00%
MÉDIA CLASSE	01.100	AN+0,00%

**Tempo na capital**

☀️ **25° Máx.**  
☁️ **14° Min.**

Sala temperatura atual: 23,0°C  
Pós-PP

**NOTAS & INFORMAÇÕES**

**Ponto para o Banco Central**  
A decisão de elevar os juros foi boa surpresa nesta semana de pessimistas notícias econômicas. **PÁG. A3**



**Hyundai**  
O MAIS DESEJADO  
POR QUEM GOSTA  
DE DESIGN E  
TECNOLOGIA.



VEJA MAIS NA PÁGINA 5.

Agora, responda às questões propostas. Volte ao texto sobre o jornal para recuperar ideias que o ajudem a respondê-las.

**1** Na primeira página há diferentes tipos e tamanhos de letras. Considerando que as notícias a que o jornal atribui maior importância têm tamanho de letra maior, qual é a manchete do dia?

---

---

---

**2** Quais são as duas chamadas com maior destaque na primeira página? Observe a que cadernos elas conduzem o leitor e diga o assunto de que tratam.

---

---

---

**3** A foto que aparece ao lado da manchete pode ser um bom exemplo do que disse Eugênio Bucci sobre a força emotiva das imagens? Explique.

---

---

---

**4** Das chamadas ligadas à cidade de São Paulo (SP), qual delas você acha que parece mais importante para o dia a dia da população? Por quê?

---

---

---

**5** Quais dos títulos que remetem a assuntos internacionais chamam mais a sua atenção e por quê?

---

---

---

**6** Observe o anúncio publicitário no final da página. Você acha que ele dá pistas sobre o público-alvo do jornal? Explique, considerando também as chamadas já analisadas.

---

---

---

## As notícias

Entre a ocorrência de um fato e o tempo decorrido para sua divulgação, seja por rádio, jornal ou televisão, há um caminho que envolve muitas pessoas. Imagine mais ou menos como esse processo acontece em um jornal impresso vendido nas bancas.

Geralmente, os acontecimentos chegam às redações dos jornais pelos repórteres responsáveis pela cobertura de setores específicos. São os enviados especiais, os correspondentes. Outro caminho é por meio dos *press releases* enviados pelas próprias organizações, pelos órgãos oficiais, pelas empresas, que podem divulgar comunicados oficiais à imprensa. Muitas vezes, o repórter precisa consultar almanaques, enciclopédias, relatórios. Mais frequente ainda é a necessidade de entrevistar pessoas envolvidas nos eventos ou especialistas em determinados assuntos que não sejam de domínio de qualquer pessoa, para obter dados que complementem a informação que se pretende divulgar numa notícia. Chama-se **fonte** tudo o que fornece informações ao jornalista para que ele escreva uma notícia ou reportagem. Vale lembrar também que há **agências de notícias** responsáveis pela venda de notícias para todo o mundo, por isso um mesmo fato pode ser divulgado em várias mídias ao mesmo tempo.

Pense num acidente entre dois caminhões que tenha interrompido, logo pela manhã, o trânsito em uma importante estrada que liga duas grandes cidades.

Será que esse acontecimento interessaria a um grande número de pessoas? Quem seriam essas pessoas? Será que há relevância para que seja publicado? Essa é a primeira condição para que um fato mereça espaço nas páginas do jornal. Quem decide o que deve ou não virar notícia são os próprios veículos que as divulgam, em sintonia com o interesse do público que consome as notícias.

Você pode imaginar quantos acontecimentos deixam de ser divulgados pela mídia por não terem sido considerados importantes ao público que o veículo deseja alcançar? Essa seleção já diz muito a respeito da posição de cada mídia na sociedade como um todo. Há jornais, por exemplo, que focalizam suas notícias em acontecimentos locais ou de interesse de determinado grupo social. Outros que, com o intuito de alcançar um público mais amplo, privilegiam notícias de interesse nacional, dando pouco espaço para acontecimentos mais regionalizados. Assim, conhecer a posição do jornal que você lê e o público-alvo a que se direciona é uma pista para saber qual “mundo” será retratado nas notícias que produzem e o que será ignorado.



Depois de um fato ter sua relevância reconhecida por aqueles que trabalham na elaboração das **pautas** dos noticiários, começa o processo de construção do texto, sua escrita e **edição**. Antes de chegar aos leitores, os textos escritos pelo jornalista passarão por editores e redatores que corrigem, ajustam o tamanho, propõem cortes, complementações e modificações no texto inicial para que ele assuma a linguagem padrão daquele jornal e esteja de acordo com a ideologia (visões do mundo) que ele assume.



### Pauta

Agenda ou roteiro dos assuntos mais importantes a serem cobertos numa edição ou numa matéria de jornal, revista, programa de rádio ou televisão etc.

É importante pensar em como a linguagem determina de que maneira será reproduzida a realidade. É preciso ter clareza de que a informação não existe em si, independentemente dos seres humanos, como pode existir uma árvore, a chuva, o Sol. Por isso, informar implica necessariamente rerepresentar os fatos com palavras, números e imagens (fotografias, mapas, gráficos), fazendo escolhas, assumindo um ponto de vista sobre eles. A realidade é única, mas as representações feitas dela são múltiplas.

Num acidente como o inventado, muitos pontos de vista dariam ao caso ênfases e contornos diferentes: um motorista envolvido diretamente no acidente (os motoristas dos caminhões ou alguém que presencie o acidente e fique preso no trânsito), um órgão público (a polícia rodoviária, que deve ter sido chamada ao local) ou privado (a empresa que administra a estrada, responsável por organizar o fluxo, prestar socorro e gerenciar as situações) e mesmo o jornalista responsável pela cobertura da situação nas estradas, que passa todo o tempo esperando que algo aconteça. Cada um desses atores sociais falaria do acidente privilegiando seus interesses, de acordo com suas responsabilidades e posição.

Muitas vezes, falas das pessoas ouvidas pelo repórter são incorporadas ao texto, e ele constrói a narração dos fatos com comentários das pessoas que entrevistou, sempre selecionando as partes que julga mais convenientes. O repórter pode ouvir muita gente, mas nem todas as vozes aparecerão na notícia ou na reportagem. Também pode acontecer de o depoimento estar inserido na notícia com cortes ou comentários que criem sentido diferente daquele dado pelo entrevistado.

Quando se trata do universo jornalístico, o “contrato” que se estabelece com o público leitor é de que os fatos ocorreram do modo como são divulgados. Isso

cria uma ideia de que haverá imparcialidade, ou seja, neutralidade e objetividade na transmissão dos acontecimentos. Mas sempre que há linguagem verbal ou não verbal, há escolhas, e as escolhas implicam posicionamento.

É possível que uma notícia seja exata, mas não neutra; pode apresentar um equilíbrio, mostrando vários lados de um acontecimento, mas não é absolutamente imparcial.

### AUTORE FONTE

É comum que o nome do jornalista que escreveu a notícia apareça entre o subtítulo e o primeiro parágrafo do texto ou então após a última frase da notícia. Muitas vezes, junto do nome, coloca-se de que cidade o escritor enviou o texto. Caso o texto tenha sido fornecido por uma agência de notícias, o nome do autor não aparece. Entre as mais conhecidas estão Agência Brasil, Reuters, Agência Estado.

### PRESS RELEASE

Do inglês *press* (imprensa) *release* (comunicado, documento), são textos preparados especialmente para a imprensa por órgãos públicos, empresas, organizações privadas etc. que pretendem divulgar fatos e informações.

### IDEOLOGIA

Conjunto de ideias e convicções filosóficas, sociais e políticas, religiosas etc. que refletem interesses e compromissos de instituições, grupos e organizações sociais como, por exemplo, escolas, partidos políticos, redes de televisão, jornais, grupos religiosos, ambientalistas, feministas etc.

## ATIVIDADE

### 2

## Escolha de palavras e a representação dos fatos

Entre os dias 6 e 7 de novembro de 2013, muitos jornais impressos e digitais divulgaram as informações de um estudo feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), chamado *Aglomerados Subnormais – Informações Territoriais*. Tomando por base dados do Censo 2010, o Instituto gerou informações e forneceu sua análise a respeito do perfil dos moradores de favelas, analisando localização, estrutura, carências e outras características dessas áreas ocupadas em grandes cidades brasileiras. Cada jornal optou por anunciar o estudo do IBGE a seu modo.

### FICA A DICA!

Se você quiser conhecer o estudo do IBGE, ele está disponível no link: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=7552>> (acesso em: 26 ago. 2014).



**1** Leia alguns títulos das notícias que os jornais brasileiros deram sobre o estudo do IBGE.

Manchete 1

## **Favelas só se igualam a “asfalto” em TV e geladeira**

SOARES, Pedro. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 7 nov. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/137731-favelas-so-se-igualam-a-asfalto-em-tv-e-geladeira.shtml>>. Acesso em: 5 set. 2014.

Manchete 2

## **Favela tem muito acesso a bens e pouco a empregos**

TOSTA, Wilson. *O Estado de S. Paulo*, 7 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,favela-tem-muito-acesso-a-bens-e-pouco-a-empregos,1094033,0.htm>>. Acesso em: 5 set. 2014.

Manchete 3

## **Dados do IBGE mostram perfil de favelas e moradores**

UOL Notícias, 5 nov. 2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/infograficos/2013/11/05/dados-do-ibge-mostrar-perfil-de-favelas-e-moradores.htm>>. Acesso em: 22 set. 2014.

Manchete 4

## **IBGE: consumo de TV e geladeira aproxima favela do resto da cidade, mas exclusão digital se mantém**

SPITZ, Clarice; CASTRO, Juliana. *O Globo*, 6 nov. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/ibge-consumo-de-tv-geladeira-aproxima-favela-do-resto-da-cidade-mas-exclusao-digital-se-mantem-10695010>>. Acesso em: 22 set. 2014.

a) Qual(is) manchete(s) destaca(m) a questão do consumo?

---

---

b) Qual(is) manchete(s) cita(m) a fonte da informação?

---

---

2 Leia a seguir trechos da notícia IBGE: SP concentra 19% do total de “aglomerados subnormais” do País, que o jornal *O Estado de S. Paulo* publicou sobre o estudo do IBGE. Marque **F** para **fato**, **O** para **opinião** e **D** para **dado**.

Consulte o quadro com as definições de *dado*, *fato* e *opinião*.

### DADO

Números, estatísticas e outras informações que não têm marcas de subjetividade, ou seja, não expressam a visão pessoal de alguém.

### FATO

Acontecimento que pode ser comprovado por qualquer pessoa de forma objetiva.

### OPINIÃO

Declaração pessoal ou de um grupo, que revela um modo particular de avaliar e interpretar a realidade.

a)

[...] São Paulo concentra o maior número de domicílios em favelas do País. [...]

b)

[...] “São Paulo teve ocupação pelos aglomerados mais na periferia do que salpicada em seu tecido urbano”, explica Maurício Gonçalves da Silva, do IBGE. [...]

c)

[...] “Se eu tivesse condição, faria uma casa de blocos, mas até que sou feliz aqui”, diz Odete, que coloca pedras como rodapés da casa para impedir a entrada de ratos. [...]

d)

[...] O desempregado José Roberto Adão, de 35 anos, vive com filho de 3 anos em uma área de 8 m<sup>2</sup>, sem banheiro no barraco, cuja porta é um lençol velho. [...]

## HORA DA CHECAGEM

A seguir, você encontrará algumas orientações que o ajudarão a avaliar as respostas que escreveu nas atividades propostas. Você já sabe que uma resposta pode estar correta mesmo que tenha palavras diferentes das que você vai ler aqui. Por isso, antes de apagar, pense sobre o que escreveu, faça correções em palavras, observe a pontuação, registre as dúvidas, confirme o que aprendeu.

### Atividade 1 - Primeira página

**1** Para o jornal, a notícia mais importante do dia é a que aparece em letras maiores: *BC age, mas dólar atinge o maior valor em 4 anos*. O leitor pode ler essa notícia completa no caderno de Economia.

**2** As duas chamadas que ganham maior destaque são a que está ligada à manchete e a que está ligada à fotografia, *Protesto contra a austeridade*. Vale lembrar que as chamadas resumem as notícias na primeira página de um jornal e têm a função de levar o leitor a se interessar pela leitura da notícia completa e localizá-la no jornal. As duas chamadas conduzem o leitor para as notícias completas no caderno de Economia, que trata de assuntos relacionados a negócios e mercado, bolsa de valores, fatos e números que influenciam a economia do Brasil e do mundo.

**3** Veja se você relacionou a foto em destaque na primeira página à ideia de Eugênio Bucci que está em todo o parágrafo da segunda coluna do texto: “Na mesma primeira página, a foto cumpre...”. Antes de entender qual o assunto da chamada, o leitor se depara com uma imagem de forte impacto: policiais paramentados cercam e agridem uma pessoa que parece indefesa, em meio a um tumulto. Esse conteúdo da fotografia chega ao leitor de forma “escancarada” e desperta emoções fortes, antes que ele possa pensar a respeito dos eventos noticiados.

**4** As manchetes ligadas especificamente à cidade de São Paulo são três, uma do caderno de Cultura (*Música. Olga Kopylova em uma noite de magia sonora na Sala São Paulo*) e outras duas do caderno Metrôpole, que trata de assuntos da cidade (*Tarifa de ônibus e metrô sobe amanhã em SP* e *Ladrões roubam 19 clientes em restaurante de SP*). Qual das três você considerou mais importante para o dia a dia da população? É possível que você tenha considerado que a chamada das tarifas desperte o interesse de um grupo maior de leitores, já que envolve os dois principais meios de transporte público da cidade.

**5** Você deve ter localizado apenas o título *EUA criticam Rússia por armar regime sírio* que remete a um assunto internacional – e só vai achá-lo atraente se tiver interesse por assuntos ligados à guerra. No entanto, ao voltar e ler as chamadas, você poderá perceber que o título *Protesto contra a austeridade* também anuncia uma notícia internacional de economia. Esse exercício pode ajudá-lo a concluir que, na leitura da primeira página de um jornal, conhecer as chamadas ajuda na seleção das notícias que mais interessam.

**6** É possível que você tenha respondido que a propaganda do carro se dirige a um público de renda elevada, pois o automóvel parece ser bem sofisticado. Esse dado, somado às notícias internacionais e de economia que ganharam ênfase entre as chamadas de capa, leva à ideia de que o público do jornal deva ser de leitores da elite, com alto poder aquisitivo.



Nas páginas dos jornais, há também espaço para a literatura. Em meio a notícias, entrevistas e reportagens comprometidas com a informação e com versões da realidade, existe a crônica!

O cronista é um misto de escritor e jornalista. Escreve textos que podem tratar de assuntos diversos, daquilo que foi noticiado recentemente ou de qualquer outro fato que se ligue ao cotidiano dele e de seus leitores. Costuma-se afirmar que a crônica sempre se prende à atualidade, sem excluir a nostalgia do passado; que sempre procura ser engraçada, sem deixar de ser séria; que sempre é tendenciosamente crítica, mas nunca agressiva; que não escolhe outro assunto que não a vida cotidiana, e que por isso fala de tudo.

Ela também assume as formas mais inusitadas. Tanto que, às vezes, pode se parecer mais com uma reportagem, um artigo, uma crítica, um conto, uma carta, um comentário... Pode, enfim, parecer-se com o gênero textual que o cronista quiser.

As crônicas, em geral, circulam em jornais e revistas, impressos ou digitais, mas é cada vez mais comum que apareçam também em livros, em forma de antologias, e sites. A seguir você vai ler algumas delas e observar como podem ser tão diferentes e, ainda assim, manterem a mesma função social, ou seja, pertencerem ao mesmo gênero textual.



### O QUE VOCÊ JÁ SABE?

- Por que você acha que os jornais reservam em suas páginas um espaço para um texto mais literário, como a crônica?

---

---

- Você já leu alguma crônica em jornais, livros ou sites? Lembra-se de que tratavam esses textos?

---

---

- Em sua opinião, por que algumas crônicas, apesar de serem escritas para o jornal, acabam sendo publicadas também em livros?

---

---



**ASSISTA!**

Língua Portuguesa – Volume 2

*Crônica, um gênero brasileiro*

Nesse vídeo, você vai conhecer mais sobre esse gênero textual, poderá apreciar entrevistas com grandes cronistas e também ouvir a leitura de algumas crônicas. Confira!



## O trabalho do cronista

O texto que você lerá na atividade a seguir faz parte de uma reunião de crônicas publicada no livro *Os filhos da Candinha*. Seu autor, Mário de Andrade (1893-1945), que fez a seleção das crônicas dessa coletânea, escreveu uma advertência no prefácio da obra.

### Advertência

As crônicas ajuntadas neste livro foram escolhidas de preferência entre as mais **levianas** que publiquei – literatura. Faço assim porque me parece mais representativo do que foi a crônica para a minha aventura intelectual. Nunca fiz dela uma arma de vida, e quando fiz, frequentemente agi mal ou errado. No meio da minha literatura, sempre tão intencional, a crônica era um **sueto**, a válvula verdadeira por onde eu me **desfatigava** de mim. Também é certo que jamais lhe dei maior interesse que o momento breve em que, com ela, brincava de escrever. É o que em geral este livro deve representar.

Os filhos da Candinha já estarão dizendo que eu podia escolher outras, ao menos pelo assunto, mais justificáveis dentro das preocupações intelectuais de agora. Mas por isso mesmo que todas, essas como as que vão aqui, foram escritas no momento de libertação, as mais “sérias” me desgostam muito, por deficientes e mal pensadas. Não representam o que sempre eu quis fazer.

No ato de passar a limpo, estas crônicas foram bastante encurtadas e corrigidas. Não pude ficar impassível diante de encomprimentos de exigência jornalística, bem como desta aspiração amarga ao melhor. E também fiz várias reposições de linguagem. Às vezes os jornais e os editores ainda se **arrepelam** com a minha gramática desbocada, me corrigem, e disso derivam numerosos **lusismos** escorregados nos meus escritos. Bem contra meu gosto aliás, pois não tenho a menor pretensão de rivalizar com o português de Portugal. Pretensão

sensível mesmo em muitos escritores “vivos” do Brasil, que os prova **néscios** e os torna bem ridículos.

Mário de Andrade

São Paulo, 24/novembro/1942.

ANDRADE, Mário de. Advertência. In: \_\_\_\_\_. *Os filhos da Candinha*. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p. 27.  
© Detentores dos direitos autorais de Mário de Andrade, gentilmente cedidos pelas Empresas Edíouro Publicações.



## Glossário

### Arrepelar

Descabelar.

### Desfatigar

Aliviar-se da fadiga, do cansaço.

### Leviano

Qualidade daquilo que não tem seriedade, que age precipitadamente.

### Lusismo

Usos que são próprios de Portugal, referindo-se ao apego dos jornais à variante europeia da língua portuguesa.

### Néscio

Incompetente, incapaz, ignorante.

### Sueto

Interrupção do trabalho para descansar; folga, descanso, ócio.

As crônicas, por também serem textos jornalísticos, precisam se adequar à rotina do jornal e, por isso, passam por diversos profissionais, revisores e editores antes de chegarem ao leitor. A advertência do autor chama a atenção para o enorme desafio de publicar textos desse gênero. Diferente do processo mais comum de escrita de textos literários, a crônica tem prazos a cumprir, tamanho determinado para ocupar a página do jornal e a periodicidade que pede um texto novo por mês ou, mais comumente, por semana. Fora isso, seu leitor, a princípio, também se caracteriza pela rapidez com que consome os textos, pelo tipo de leitura característica dos jornais, descartando-os tão logo tenha em mãos a edição do dia seguinte.

## ATIVIDADE

### 1

## O trânsito pelos olhos do cronista

**1** Leia a seguir uma crônica de Mário de Andrade. Ela foi publicada originalmente em um jornal na década de 1940 e, depois, na coletânea *Os filhos da Candinha*. Após a leitura, responda às questões propostas.

## Problemas de trânsito

Mário de Andrade, 1939 [1943]

Não é possível silenciar o acontecimento grave que foi para este levíssimo Rio a Semana do Trânsito, instituída para ensinar aos cariocas a ciência de andar bem direitinho. Numa bela segunda-feira de maio, o centro apareceu cheio de inovações suspeitas. Alto-falantes bocejavam pelas esquinas, fechavam cada canto de calçada rijas cordas d' aço intransponíveis, e no meio das mais labirínticas encruzilhadas discursavam uns púlpitos cobertos por um casco arredondado, a que logo os cariocas deram o nome de “**guarda-chuva de Chamberlain**”. Pouco depois toda essa aparelhagem agia, e a população, **acossada** por milhares de policiais palpantes, começou a saber como se andava direitinho.

Era preciso mesmo. O Rio é uma cidade verdadeiramente catastrófica. Em certas horas de volta para casa ou de ida para o trabalho, é quase impossível um pedestre atravessar as avenidas de beira-mar. Isso, os automóveis vêm feito uma **pororoca** de epopeia, com violência impassível, de uma segurança portuguesa. Em certas ruas inda centrais e internas, como a do Catete, o movimento é tão vivaz, a impiedade dos bondes é tão portuguesa, o barulho, ôh, principalmente o barulho é tão futebolístico, que em três meses qualquer ser que se utilize um pouco da cabeça fica tomado das mais **estupefacientes** fobias.

Manaus também me deu sensações catastróficas, com seu processo londrino dos veículos tomarem a esquerda em vez da direita, como me acostumaram estas cidades do Sul. E como eu andava em automóveis oficiais, naturalmente indisciplinados e velocíssimos, não podendo berrar de susto por causa da boa educação, ah meu Deus! dei mais suspiros que em toda a minha adolescência, que passei todinha suspirando à toa. Mas no Amazonas, rapazes, pelo contrário, o trânsito dos **gaiolas** é tão **acomodatício**, que a gente querendo, pra variar, deixa o vapor partir, e vai por terra pegar ele em de mais longe. Caso lindo foi aquele da cidadinha pernambucana que atravessei, pleno sol do **meidia**. O prefeito mui viajado tinha descoberto os problemas da circulação e na larga rua sem ninguém nem nada, havia um polícia de trânsito com o seu simbólico bastão. Estávamos ainda a uns cem metros, que ele, lentíssimo, com um largo gesto **episcopal**, tirava o bastão da cinta e nos avisava que a rua, completamente vazia, estava completamente vazia mesmo e podíamos passar. Passamos na volada. Mas percebi muito bem o sorriso do guarda. Tinha... sei que não exagero, tinha uma expressão de desamparada gratidão. Éramos nós por certo, aquele dia, os que primeiro lhe dávamos a esmola espiritual do “funciono, logo existo”. E por isso o riso do guarda nos cantava: – Obrigado, meus manos, obrigado!

O carioca já vai procurando, com a sua **galhofa** bem-humorada, reagir contra os transtornos psíquicos que está lhe causando esta boa educação transitória (de

“trânsito”). Também os cantos fechados das esquinas já têm o nome de “corredor polonês”. Mas a verdade é que os cariocas estão desanimadamente aflitos, limitados assim no seu individualismo liberdoso. Os guardas se **esfalfam**, gritando contra os desobedientes. É uma delícia **compendiar** os gritos deles: “Esse moço aí de branco! Não! o outro, de cara meio triste, tome a sua direita! Olha a mocinha de blusa marrom, espere empinada na calçada!” Uns verdadeiros santos!

O mais engraçado é que os alto-falantes são meramente teóricos, **prelecionando** sem atentar ao que se passa na rua. Lá num estúdio do Paraíso, um funcionário em estilo radiofônico intensivo, soletra normas teóricas de transitar, se imagine! Abriam o sinal verde, e o grupo “empinado” na calçada principia atravessando a rua. Mas o alto-falante grita: “Olha o sinal **encarnado**! Mais atenção! Não passe agora!” O grupo estaca **aturdido**. O guarda grita – “Passem, gente!” O alto-falante: “Olha aquela criança que vai ficar debaixo do automóvel!” Todos olham horrorizados, não há criança! os automóveis estão paradíssimos! “Abriu o sinal branco! Pronto! Atenção! Abriu o sinal verde! passem depressa!” Mas na verdade o sinal que se abriu foi o encarnado, o grupo quer passar, o guarda se **esbofa** “Não passe!”, os autos avançam irritados com a espera, xingando. O pessoal fogem em confusão.

E o rapaz de bicicleta? Vinha pedalando com desenvoltura, perdera um tempão com o passa-não-passa das esquinas, o patrão devia estar já com uma daquelas raivas portuguesas, na mercearia. O asfalto da esquina estava livre e o empregadinho atirou a bicicleta na travessia. Um apito violentíssimo parou nossa respiração. O rapaz olhou para trás, era o guarda danado, “Não viu o sinal!” O rapaz voltou. “Não volte, ferida! é contramão!” Aí o portuguesinho desanimou. Fez um ar de desgraça tamanha, sacudiu a cabeça desolado, e, com uma praga que não se repete, desapeou, pôs a bicicleta no ombro, subiu na calçada e lá se foi com os mais fáceis pedestres, talvez pedestre para todo o sempre.

A negrinha chegou na beira da calçada, justo quando o guarda preparava o gesto largo para dar passagem aos autos. Os últimos dos atravessadores já estavam pelo meio da rua, e o guarda fez sinal à rapariga que esperasse a próxima vez. Ela esperou paciente. Depois que as máquinas passaram, o guarda mudou a direção do gesto, a negrinha podia passar. Mas sucedeu que ninguém mais aparecera pra passar daquela vez, só havia a negrinha. A avenida Rio Branco suntuosa, com seus salientes monumentos, Teatro Municipal, Biblioteca Nacional, Escola de Belas Artes esperavam na manhã branca que a negrinha passasse, esperavam. “Passa, menina!” que o guarda fez impaciente. Ela olhou de um lado, do outro, pôs a mão na cara, tapando o riso:

– Ah! sozinha não! tenho vergonha!



## Glossário

### Acomodatício

Adaptável, fácil de se acomodar.

### Acossado

Atormentado, incomodado, perseguido.

### Aturdido

Atordoado, confuso.

### Compendiar

Reunir ou publicar em compêndio (livro).

### Encarnado

Vermelho, da cor da carne.

### Episcopal

Relativo a bispo.

### Esbofar

Ficar muito cansado por esforço excessivo.

### Esfalfar

Cansar-se, esforçar-se ao extremo.

### Estupefaciente

Aquilo que provoca espanto, assombro. Na Medicina, pode equivaler a entorpecente, substância que provoca danos físicos e psicológicos.

### Gaiola

Embarcação comum nos rios brasileiros, oferece pouco conforto aos passageiros, que, em geral, acomodam-se em redes armadas umas junto às outras.

### Galhofa

Brincadeira, gracejo, deboche.

### Guarda-chuva de Chamberlain

Expressão usada como referência ao emblemático guarda-chuva usado pelo primeiro-ministro inglês Arthur Neville Chamberlain, que ficou conhecido como um pacificador que tentou evitar o conflito entre a Inglaterra e a Alemanha de Hitler, assinando o Acordo de Munique (1938).

### Meidia

Meio-dia, grafado como se fala.

### Pororoca

Grande onda que ocorre em rios volumosos, causando enorme estrondo e destruindo tudo o que encontra em sua passagem.

### Prelecionar

Discursar, falar em público, dar lição.

a) Ao escrever sobre a Semana do Trânsito, Mário de Andrade fornece sua visão sobre o Rio de Janeiro (RJ) e sua população na década de 1940. Volte ao texto e anote algumas características da cidade e dos cariocas que, do ponto de vista do autor, foram retratadas na crônica.

---

---

---

---

b) Pela leitura do texto, é possível perceber a opinião do autor sobre a Semana do Trânsito? Justifique sua resposta.

---

---

---



**2** Apesar de Mário de Andrade confessar, no prefácio do livro, que suas crônicas foram escritas com leviandade, que com elas ele “brincava de escrever”, é possível perceber um trabalho muito cuidadoso do autor com a escolha das palavras e com a construção do texto.

Veja a seguir alguns dos recursos utilizados por ele e procure refletir sobre os efeitos que produzem.

• **O uso figurado da linguagem** cria associações entre elementos que a princípio fazem parte de universos diferentes. Porém, ao serem relacionados pelo autor, criam significados inusitados, ampliando a expressividade do texto, convidando o leitor à interpretação. Anote como você interpreta as frases a seguir:

a) “Alto-falantes bocejavam pelas esquinas,”

---

---

---

---

b) “[...] o barulho, ôh, principalmente o barulho é tão futebolístico,”

---

---

---

---

• Segundo o *Dicionário Houaiss*, a **ironia** é uma figura de linguagem por meio da qual se diz o contrário do que se quer dar a entender. Na crônica de Mário de Andrade, o autor se valeu de ironias para expressar sua opinião sobre a Semana do Trânsito.

c) Releia o primeiro parágrafo do texto e reflita: O autor considera que a ação dos policiais ajudou a população a “andar direitinho”? Justifique sua resposta.

---

---

---

---

d) Nos parágrafos finais da crônica, o autor ilustra, por meio de duas narrações, a do ciclista e a da negrinha, como foi a ação dos policiais na Semana do Trânsito. Reflita:

– A reação do ciclista de colocar a bicicleta nos ombros e transitar a pé sugere que a ação do policial foi eficiente? Explique.

---

---

---

– Na narração sobre a travessia da negrinha, nos dois últimos parágrafos, o autor faz uma denúncia sobre a situação do negro no Rio de Janeiro da época. Releia o trecho e anote o que a crônica evidencia sobre o tema.

---

---

---



### Breve história da crônica

Desde a Idade Média, a crônica já era a forma mais utilizada para o registro de fatos locais – eclipses, coroamentos, uma campanha ou conquista, glórias de uma casa reinante, novas descobertas, feitos de um cavaleiro ou de um povo – e de tudo o que, aos olhos dos cronistas, pudesse ser digno de nota. No entanto, os relatos dessa época limitavam-se a registrar os eventos sem lhes aprofundar as causas ou lhes dar qualquer interpretação.

Só a partir do Renascimento (século XIV), quando a noção de *crônica* deu lugar à de *história*, aparecem as primeiras crônicas que apresentam uma análise mais crítica do que relatam e mostram as consequências de processos históricos. Crônicas assim são as do escritor português Fernão Lopes, que fornecem um amplo panorama de sua época, dos lugares descritos, mas também das fraquezas ou dos feitos das pessoas.

Em terras brasileiras, na passagem do século XV para o XVI, Pero Vaz de Caminha escreve uma longa carta-crônica ao rei de Portugal, dom Manuel, relatando a descoberta das novas terras, os detalhes da viagem, do contato com a gente que vivia aqui... vê, compara, sente e relata tudo de significativo que seu olhar permitiu ver por aqui.

Muitos séculos e muitas crônicas depois, finalmente, a crônica assumiu o sentido que lhe é atribuído hoje. Precisamente em 1800, o *Journal des Débats*, em Paris, introduziu a crônica diária, colocando-a abaixo de uma linha para separá-la da

parte noticiosa do jornal. Recebeu ali o nome de *feuilleton* (pequena folha). Vale lembrar que abaixo dessa linha também saíram mais tarde os capítulos de romances publicados nos jornais (os romances de folhetim).

Aqui no Brasil, muitos escritores cultivaram o gênero... Olavo Bilac, Machado de Assis, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector... Alguns como Rubem Braga, Sérgio Porto e Antônio Maria tornaram-se especialistas nesse gênero.

Atualmente, autores como Martha Medeiros, Luis Fernando Verissimo, Antonio Prata, Fabrício Carpinejar, Marcelo Rubens Paiva, José Roberto Torero dão continuidade à tradição da crônica no Brasil. Nos últimos anos, alguns deles passaram a escrevê-las também para publicá-las em blogs na internet. É curioso perceber que, mesmo com as mudanças de contexto social e cultural e até mesmo de suporte, atravessando diferentes épocas, a crônica permanece como um gênero sempre presente, que trata de temas cotidianos, levando o leitor a refletir sobre eles, propondo um olhar especial para aquilo que, em geral, é visto apenas como trivial.

## ATIVIDADE

## 2

### Os jornais pelos olhos do cronista

O texto que você lerá a seguir foi publicado no livro *A borboleta amarela*, reunião de crônicas do autor Rubem Braga (1913-1990). Você já ouviu falar nesse autor?

Leia a crônica e depois responda às questões.

## Os jornais

Rubem Braga

Meu amigo lança fora, alegremente, o jornal que está lendo e diz:

– Chega! Houve um desastre de trem na França, um acidente de mina na Inglaterra, um surto de peste na Índia. Você acredita nisso que os jornais dizem? Será o mundo assim, uma bola confusa, onde acontecem unicamente desastres e desgraças? Não! Os jornais é que falsificam a imagem do mundo. Veja por exemplo aqui: em um subúrbio, um sapateiro matou a mulher que o traía. Eu não afirmo que isso seja mentira. Mas acontece que o jornal escolhe os fatos que noticia. O jornal quer fatos que sejam notícias, que tenham conteúdo jornalístico. Vejamos a história desse crime. “Durante os três primeiros anos o casal viveu imensamente feliz...” Você sabia disso? O jornal nunca publica uma nota assim:

“Anteontem, cerca de 21 horas, na rua Arlinda, no Méier, o sapateiro Augusto Ramos, de 28 anos, casado com a senhora Deolinda Brito Ramos, 23 anos de idade, aproveitou-se de um momento em que sua consorte erguia os braços para segurar uma lâmpada para abraçá-la alegremente, dando-lhe beijos na garganta e na face, culminando em um beijo na orelha esquerda. Em vista disso, a senhora em questão voltou-se para o seu marido, beijando-o longamente na boca e murmurando as seguintes palavras: ‘Meu amor’, ao que ele **retorquiu**: ‘Deolinda’. Na manhã seguinte, Augusto Ramos foi visto saindo de sua residência às 7:45 da manhã, isto é, dez minutos mais tarde do que o habitual, pois se demorou, a pedido de sua esposa, para consertar a gaiola de um canário-da-terra de propriedade do casal.”

A impressão que a gente tem, lendo os jornais – continuou meu amigo – é que “lar” é um local destinado principalmente à prática de **“uxoricídio”**. E dos bares, nem se fala. Imagine isto:

“Ontem, cerca de 10 horas da noite, o indivíduo Ananias Fonseca, de 28 anos, pedreiro, residente à rua Chiquinha, sem número, no Encantado, entrou no bar ‘Flor Mineira’, à rua Cruzeiro, 524, em companhia de seu colega Pedro Amâncio de Araújo, residente no mesmo endereço. Ambos entregaram-se a fartas **libações** alcoólicas e já se dispunham a deixar o botequim quando apareceu Joca de tal, de residência ignorada, antigo conhecido dos dois pedreiros, e que também estava visivelmente alcoolizado. Dirigindo-se aos dois amigos, Joca manifestou desejo de sentar-se à sua mesa, no que foi atendido. Passou então a pedir rodadas de conhaque, sendo servido pelo empregado do botequim, Joaquim Nunes. Depois de várias rodadas, Joca declarou que pagaria toda a despesa. Ananias e Pedro protestaram, alegando que eles já estavam na mesa antes. Joca, entretanto, insistiu, seguindo-se uma disputa entre os três homens, que terminou com a intervenção do referido empregado, que aceitou a nota que Joca lhe estendia. No momento em que trouxe o troco, o garçom recebeu uma boa gorjeta, pelo que ficou contentíssimo, o mesmo acontecendo aos três amigos que se retiraram do bar alegremente, cantarolando sambas. Reina a maior paz no subúrbio Encantado, e a noite bastante fresca, tendo dona Maria, sogra do comerciante Adalberto Ferreira, residente à rua Benedito, 14, senhora que sempre foi muito friorenta, chegado a puxar o cobertor, tendo depois sonhado que seu netinho lhe oferecia um pedaço de goiabada.”

E meu amigo:

– Se um repórter redigir essas duas notas e levá-las a um secretário de redação, será chamado de louco. Porque os jornais noticiam tudo, tudo menos uma coisa tão banal de que ninguém se lembra: a vida...

Maio, 1951



## Glossário

### Libação

Ato de beber por prazer, para brindar.

### Retorquir

Responder, retrucar, replicar.

### Uxoricídio

Assassinato de mulher cometido pelo marido.

**1** Você poderia dizer que a crônica de Rubem Braga trata de um assunto do cotidiano? Qual?

---

---

---

---

---

**2** Releia a seguir um trecho da crônica e depois dê sua opinião, respondendo à questão.

[...] Os jornais é que falsificam a imagem do mundo. Veja, por exemplo, aqui: em um subúrbio, um sapateiro matou a mulher que o traía. Eu não afirmo que isso seja mentira. Mas acontece que o jornal escolhe os fatos que noticia. O jornal quer fatos que sejam notícias, que tenham conteúdo jornalístico. [...]

Assim como o personagem da crônica, você acha que, ao selecionar os fatos que noticia, o jornal pode falsificar a imagem do mundo? Por quê?

---

---

---

---

---

**3** Diferente da crônica lida anteriormente, nessa, a princípio, não é o olhar do autor que ganha destaque, mas, sim, o de outro personagem criado por ele. Quem é o personagem que aparece no texto?

---

---

---

---

---



**4** Como o autor organiza o texto para diferenciar a voz do narrador da voz do amigo e dos trechos de jornal que ele inventa?

---

---

**5** A criação do personagem e a opção de atribuir a ele as ideias apresentadas no texto é um recurso textual que produz alguns efeitos. Reflita e responda: Com que intenção você acha que o autor optou por escrever a crônica desse modo?

---

---

**6** Mesmo tratando de fatos pouco comuns nos jornais, o personagem da crônica, ao narrá-los, usa uma linguagem jornalística. Destaque alguns elementos das notícias grifando o próprio texto.

**7** O personagem da crônica critica os jornais da década de 1950 por considerar que neles não há espaço para a vida. Você acha que os jornais atuais são diferentes nesse sentido? Dê sua opinião.

---

---

---

---

---

O texto que você leu, *Os jornais*, foi escrito por Rubem Braga, autor considerado um mestre no gênero crônica. Ao longo de 62 anos dedicados ao jornalismo, ele produziu mais de 15 mil crônicas e contribuiu muito para a criação da crônica tipicamente brasileira. Em seus textos, introduziu inovações ligadas à linguagem, incorporando elementos da poesia, da fala cotidiana; ampliou as possibilidades de formato, escrevendo crônicas em forma de carta, conversa, poema; afirmou a presença da ficção nas páginas dos periódicos.



### ASSISTA!

Língua Portuguesa – Volume 1

*O mundo da leitura*

Agora que você já estudou como as linguagens atuam nos meios de comunicação de massa e num de seus veículos mais antigos, o jornal impresso, veja esse vídeo. Ele apresenta diferentes modos de ler e ajudará a complementar o estudo que você realizou nesta Unidade.



Tanto a crônica como a notícia são gêneros textuais que pretendem interagir com os leitores de forma imediata, em seu cotidiano, e a tendência é que os textos sejam lidos e depois descartados. Por que você acha que algumas crônicas saem das páginas do jornal e sobrevivem nos livros? Por que o mesmo não ocorre com as notícias? Qual a relevância de ler atualmente as duas crônicas presentes nesta Unidade, se foram escritas há tantas décadas?

## HORA DA CHECAGEM

Chegou a hora de conferir as respostas das atividades propostas. Ao ler o texto a seguir, volte às questões e observe se é necessário ajustar, corrigir ou completar aquilo que você escreveu para respondê-las.

### Atividade 1 - O trânsito pelos olhos do cronista

1

a) Você pode ter respondido que é possível perceber que, pelo olhar do cronista, no Rio de Janeiro, já na década de 1940, era difícil voltar para casa ou ir ao trabalho a certas horas em função do intenso e desordenado movimento de automóveis e bondes (“O Rio é uma cidade verdadeiramente catastrófica. Em certas horas de volta para casa ou de ida para o trabalho, é quase impossível um pedestre atravessar as avenidas de beira-mar.”). O autor também ressalta o espírito do carioca, que, ao seu olhar, se mostra bem-humorado, dando nomes engraçados às inovações trazidas com a Semana do Trânsito (“O carioca já vai procurando, com sua galhofa bem-humorada, reagir contra os transtornos psíquicos que lhe está causando esta boa educação transitória (de ‘trânsito’).”).

b) Verifique se você respondeu que o texto de Mário de Andrade faz uma crítica à Semana do Trânsito, ao descrever a ação dos policiais como inadequada e pouco eficaz, ressaltando o modo como a população reagiu às intervenções deles, com galhofa e constrangimento.

2

a) Veja se você percebeu o uso figurado nos trechos selecionados para que pudesse interpretá-los. Em “Alto-falantes bocejavam pelas esquinas”, é possível entender que aquilo que os policiais gritavam para a população era tão entediante que os autofalantes pareciam bocejar.

b) Em “o barulho, ôh, principalmente o barulho é tão futebolístico”, o autor faz uma aproximação entre o ruído dos automóveis e o alvoroço dos jogos de futebol para enfatizar que o ruído nas ruas podia ser atordoador.

c) Você deve ter reparado que, apesar de dizer uma coisa, ao longo do texto, o autor vai construindo sua ideia contrária. Se no primeiro parágrafo diz que os policiais ajudaram a população a “andar direitinho”, que “era preciso mesmo” educar os pedestres, nos outros parágrafos mostra como eles agiram de forma inadequada, mais atrapalhando do que ajudando a organizar o trânsito.

d) Valeria reler o texto para focalizar as narrações que aparecem nos últimos parágrafos. Na primeira pergunta, você deve ter respondido que as orientações do policial não auxiliaram o

ciclista, pelo contrário, o fizeram desistir de pedalar. Na segunda pergunta, além de demonstrar mais uma vez como a ação do policial foi inadequada, o autor fornece dados para que o leitor perceba que a cidade oprimia negros, por mantê-los ainda excluídos das instituições de arte e cultura. Por isso escreve: “A avenida Rio Branco suntuosa, com seus salientes monumentos, Teatro Municipal, Biblioteca Nacional, Escola de Belas Artes esperavam na **manhã branca** que a negrinha passasse, esperavam”.

## Atividade 2 - Os jornais pelos olhos do cronista

**1** É bem provável que você tenha reconhecido a atualidade do assunto, já que ainda hoje os jornais parecem privilegiar os fatos de impacto, muitas vezes ligados a violência, crimes, desastres etc., como modo de atrair a atenção dos leitores.

**2** A resposta é pessoal, porém você pode ter aproveitado o que estudou sobre o jornal no Tema 1 e refletir a respeito do que diz o personagem da crônica: se só viram notícia os fatos que vão interessar ao público-alvo e aqueles que, de alguma forma, estão de acordo com a posição e os interesses do próprio jornal, a realidade não será apresentada em sua totalidade, será sempre parcial. Você se lembra de quantos fatos ficam de fora das páginas dos diários? Acha que isso pode ser uma deformação do real?

**3** Você deve ter reparado que, na crônica de Rubem Braga, logo no primeiro parágrafo, o narrador dá voz ao amigo, que está lendo um jornal (“Meu amigo lança fora, alegremente, o jornal que está lendo e diz:”).

**4** Verifique se você observou atentamente alguns sinais de pontuação que aparecem ao longo do texto. Repare que a voz do amigo é introduzida por um travessão. É a voz dele que predomina na crônica. Os trechos de jornal que são lidos aparecem entre aspas. Repare também que as duas notícias que o amigo inventa também aparecem entre aspas. A voz do narrador vai aparecer no primeiro parágrafo e nas vezes em que mostra ao leitor como o amigo continua suas reflexões sobre os jornais. Repare nas expressões: “continuou meu amigo”, no quarto parágrafo, “E meu amigo:”, no penúltimo parágrafo do texto.

**5** Várias respostas são possíveis, já que se trata de uma hipótese. Você pode ter respondido que o autor criou esse recurso textual para que o texto pareça mais verdadeiro, já que a voz que critica o jornal é a do amigo, ou seja, de outra pessoa. Ou para que a crônica pareça ter sido escrita a partir de um fato verdadeiro e corriqueiro: a conversa entre o autor e um amigo.

**6** Observe se você grifou trechos como: “Ontem, cerca de 10 horas da noite, o indivíduo Ananias Fonseca, de 28 anos, pedreiro, residente à rua Chiquinha, sem número, no Encantado, entrou no bar ‘Flor Mineira’, à rua Cruzeiro, 524, em companhia de seu colega Pedro Amâncio de Araújo, residente no mesmo endereço”. Em notícias, é muito comum que sejam fornecidas informações precisas sobre os acontecimentos (dia e hora) e que os personagens envolvidos sejam identificados por sua idade, profissão e/ou local de residência.

**7** A resposta é pessoal. Você acha que os jornais mudaram da década de 1950 para cá? Acha que atualmente também não há espaço para a vida nas notícias de jornal? Percebe que essa questão pode variar de jornal para jornal? Não deixe de escrever o que você pensa.



## TEMAS

1. Textos literários: a arte da literatura
2. Como abordar textos literários?

## Introdução

O que é literatura? O que são textos literários? Como abordar textos que podem proporcionar prazer, emoção, estranhamento, afetos e tantos outros sentimentos? Nesta Unidade, você vai refletir sobre essas questões. Conhecerá diferentes definições de literatura, recursos utilizados para produção literária e ver como eles podem provocar sensações. Vai também ler e interpretar textos literários em prosa e em verso, conhecer um pouco dos movimentos artísticos e literários e dos contextos de produção das obras. Você vai saber por que, ao ler textos literários, amplia sua experiência e visão do mundo, conhece fatos históricos e acontecimentos culturais de diferentes lugares e épocas.

**TEMA 1** Textos literários: a arte da literatura

Ao estudar gêneros da esfera literária – poemas, contos, causos, crônicas, peças de teatro, cordéis etc. –, você vai se deparar com um uso artístico da palavra. Mas, além da organização do texto, do trabalho com alguns recursos da linguagem (que você aos poucos vai conhecer), o que mais contribui para que um texto seja considerado literário? O que é literatura? Essas serão algumas das questões debatidas neste tema.

**O QUE VOCÊ JÁ SABE?**

Leve em conta sua experiência de vida e as ideias apresentadas para responder às questões a seguir:

- O que, para você, significa literatura?

---

---

---



- Qual a lembrança mais marcante que você tem de leitura ou de escuta de gêneros da esfera literária? Escreva livremente sobre essa experiência.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



## Textos literários, textos não literários

Imagine a seguinte situação cotidiana: um amigo está contando para você de uma viagem que fez nas férias. Em meio ao relato, de repente, ele diz a frase: “e, quando entramos na estrada, **tinha uma pedra no meio do caminho**”.

As circunstâncias em que a frase destacada foi dita permitem que você a compreenda como uma informação. A *pedra* foi um obstáculo inesperado surgido em uma estrada, durante uma viagem. As palavras escolhidas por seu amigo para contar esse fato dão à frase um sentido específico, que pode ser comprovado como uma realidade, como algo que aconteceu e que foi vivenciado por quem conta a viagem.

Agora leia a mesma frase em outro texto, combinada com outros elementos:

No meio do caminho tinha uma pedra  
**tinha uma pedra no meio do caminho**  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.

ANDRADE, Carlos Drummond de. No meio do caminho. In: \_\_\_\_\_. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 16. Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond. <<http://www.carlosdrummond.com.br>>. (ênfases adicionadas)

O que mudou agora? A frase destacada pode continuar sendo entendida apenas como uma informação? O texto agora abre outras possibilidades de leitura? Que leituras poderiam ser feitas? O fato de a frase aparecer tantas vezes repetidas provoca alguma sensação? Saber que a frase faz parte de um poema intitulado *No meio*

do caminho, escrito em 1930 pelo poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), muda algo? Essas são perguntas importantes que serão respondidas. Mas antes de continuar essa conversa, leia o poema na íntegra:

### No meio do caminho

Carlos Drummond de Andrade

No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
no meio do caminho tinha uma pedra.

ANDRADE, Carlos Drummond de. No meio do caminho. In: \_\_\_\_\_. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 16.  
Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond. <<http://www.carlosdrummond.com.br>>. (ênfases adicionadas)

A maneira como as frases estão distribuídas no espaço do papel, o ritmo gerado pela repetição de algumas palavras e as múltiplas possibilidades de interpretação mostram uma utilização especial da língua que falamos e escrevemos. O poema é uma criação artística e, como tal, é texto planejado para condensar muitos significados.

A frase destacada é repetida tantas vezes que surpreende e pode provocar uma sensação diferente em quem lê o texto. As frases já não reproduzem apenas uma realidade imediata, mas criam – pela repetição – uma novidade incomum de uma informação. *Pedra* e *caminho* vão além de um obstáculo que impede a passagem em uma estrada ou via. *Pedra*, no poema, pode significar decepções, frustrações, pode ser interpretada como tudo o que nos atrapalha na vida, tudo o que nos impede de realizar o que almejamos. *Caminho*, por sua vez, pode significar percurso de vida.

A seleção e a combinação das palavras e o *toque poético* do texto de Carlos Drummond de Andrade criam outra realidade, mais profunda do que a realidade traduzida no discurso comum do amigo que conta a viagem. Em textos *literários*, é possível notar um uso artístico da palavra que sugere grandes variedades de interpretações. A linguagem – em sua mais ampla variedade – é utilizada em textos

literários orais e escritos (em prosa e verso) para produzir os mais variados efeitos de sentido nos leitores e nos ouvintes.

Ao pensar sobre literatura, é preciso refletir sobre o texto literário. Uma frase pode ou não ser considerada literária em função de um conjunto de fatores que passam por quem a diz ou a escreve, pela maneira como é falada, escrita e lida, pela intenção com que é dita ou escrita. Um mesmo texto pode ganhar sentidos distintos de acordo com as circunstâncias, com o contexto em que é produzido. Assim, não somente a organização do texto, mas também o emprego de certos recursos da linguagem (que você aos poucos vai conhecer) contribuem para que um texto seja considerado literário. A literariedade de um texto é definida também por elementos externos, como o nome do autor, seu papel e lugar social, e o julgamento do leitor.

Leitores, editores, críticos e estudiosos da literatura, ao opinarem sobre textos, acabam valorizando ou desvalorizando determinados livros. É importante lembrar que os critérios para fundamentar a crítica mudam de época para época. Mudam tanto ao ponto de uma obra poder ser considerada trágica por uma geração e cômica pela geração seguinte. Em determinada época, alguns livros podem fazer muito sucesso e ser fenômeno de vendagem, mas na época seguinte serem ignorados porque deixam de ser vistos como “grandes obras”. Outras podem continuar a ser importantes, às vezes, mais por razões históricas do que literárias.

Mas há também um conjunto de obras que especialistas e críticos consideram “clássicas”, por serem obras importantes que marcam a vida da sociedade de diferentes formas. São obras que costumam ser várias vezes publicadas, lidas, relidas e analisadas por estudiosos da literatura e comentadas por diferentes leitores. Escritores como Machado de Assis, Manuel Bandeira, Clarice Lispector, João Guimarães Rosa, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e tantos outros autores produziram obras que são altamente valorizadas, consideradas do mais alto nível, por isso continuam sendo estudadas nas escolas, nas universidades e, conseqüentemente, apreciadas por leitores de todas as épocas.

Há, portanto, muitos fatores que são considerados para determinar se um texto é literário ou não.

Retomando ideias importantes... A literariedade não está apenas no texto. Um mesmo texto pode ganhar sentidos distintos de acordo com a maneira como a obra é recebida. Os julgamentos que os leitores – especialistas, críticos, jornalistas, editores, estudantes etc. – fazem dos textos que leem têm muita relação com o que

se considera que é ou não literatura. Todo leitor é um crítico. Mas o olhar crítico se aperfeiçoa com as práticas de leitura.

Os **textos literários** envolvem os gêneros da narrativa de ficção.

Por ficção entende-se aquilo que está relacionado à invenção, à criação de mundos possíveis ou totalmente inusitados, à fantasia, ao imaginário. Nesse sentido, toda obra literária torna presente o universo da ficção: poemas, crônicas, biografias romanceadas, memórias literárias, textos da literatura infantil, contos, romances, novelas etc. Na ficção, mesmo que um autor inclua em sua obra fatos da vida real, o ato de registrar esses fatos com as palavras faz deles uma criação ficcional, mesmo que o leitor acredite ser verdadeiro o que leu.

### PROSA

A palavra *prosa* vem do latim e significa “discurso contínuo, seguido, em linha reta”. Na linguagem continuada da prosa, há parágrafos. Alguns gêneros que se apresentam para os leitores normalmente em prosa são o conto, a novela e o romance.

### VERSO

Verso é cada linha de um poema. Essa palavra é derivada de *versus*, do verbo *vertere*, que significa “tornar, voltar”. Os versos têm o tamanho que o poeta desejar. Há inúmeros gêneros que são escritos em versos: sonetos, cordéis, baladas, alguns textos teatrais, fábulas em verso, cantigas, epopeias etc.

### MÉTRICA

Em língua portuguesa, a métrica ou a medida do verso é constituída pela contagem do número de sílabas e disposição dos acentos tônicos que formam o verso.

## ATIVIDADE

### 1 Mergulho no universo ficcional

**1** Você vai ler agora um trecho do poema *Biblioteca verde*, de Carlos Drummond de Andrade.

Nesse poema, depois de muito insistir, um menino consegue convencer o pai a comprar os livros pertencentes à Biblioteca Internacional de Obras Célebres, coleção de prestígio distribuída no Brasil no começo do século XX.

Leia o texto, que retrata o amor entre um menino e seus livros, e depois responda às questões.

## Biblioteca verde

Carlos Drummond de Andrade

[...]

Chega cheirando a papel novo, mata  
de pinheiros toda verde. Sou  
o mais rico menino destas redondezas.  
(Orgulho, não; inveja de mim mesmo.)  
Ninguém mais aqui possui a coleção  
das Obras Célebres. Tenho de ler tudo.  
Antes de ler, que bom passar a mão  
no som da **percalina**, esse cristal  
de fluida transparência: verde, verde.  
Amanhã começo a ler. Agora não.

Agora quero ver figuras. Todas.  
**Templo de Tebas. Osíris, Medusa,**  
**Apolo** nu, **Vênus** nua... Nossa  
Senhora, tem disso nos livros?  
Depressa, as letras. Careço ler tudo.  
A mãe se queixa: Não dorme este menino.  
O irmão reclama: Apaga a luz, cretino!  
**Espermacete** cai na cama, queima  
a perna, o sono. Olha que eu tomo e rasgo  
essa Biblioteca antes que pegue fogo  
na casa. Vai dormir, menino, antes que eu perca  
a paciência e te dê uma sova. Dorme,  
filhinho meu, tão doido, tão fraquinho.

Mas leio, leio. Em filosofias  
tropeço e caio, cavalgo de novo  
meu verde livro, em cavalarias  
me perco, medievo; em contos, poemas  
me vejo viver. Como te devoro,  
verde pastagem. Ou antes carruagem  
de fugir de mim e me trazer de volta  
à casa a qualquer hora num fechar  
de páginas?

Tudo que sei é ela que me ensina.  
O que saberei, o que não saberei  
nunca,  
está na Biblioteca em verde murmúrio  
de flauta-percalina eternamente.





## Glossário

### Apolo

Na mitologia grega, filho de Zeus e de Leto. É o deus da Medicina, da música (especialmente da lira), do arco e flecha e da profecia; deus também da luz e da juventude, às vezes identificado com o Sol.

### Espermacete

Substância obtida da cabeça da baleia e utilizada na fabricação de velas e de outros produtos.

### Medusa

Na mitologia grega, uma das três Górgonas de que fala o antigo poeta grego Hesíodos, autor de *Os trabalhos e os dias*. Medusa era uma figura assustadora. Tinha um olhar feroz e os cabelos cheios de serpentes.

a) Nos primeiros versos, por que o **eu lírico** afirma que é o mais rico menino das redondezas?

---



---



---



---



---



---



---



---



---



---

b) Conte como o menino foi tomando posse dos livros que ganhou.

---



---



---



---



---

### Osíris

O mais venerado entre os deuses egípcios, representando o princípio reprodutivo masculino na natureza e encarnado no touro Ápis.

### Percalina

Tecido de algodão geralmente aplicado em encadernações.

### Templo de Tebas

Os templos, na Antiguidade, eram construídos com a intenção de servir de morada ao deus a que era consagrado. Tebas era uma cidade da Grécia antiga.

### Vênus

Na religião romana, assumiu a configuração de deusa do amor e é identificada com Afrodite.



## Eu lírico

O “eu” que fala no poema, e não necessariamente o poeta que escreveu o texto. Da mesma forma, há diferença entre autor e narrador, pois aquele que escreve não necessariamente é o mesmo que conta. O narrador é uma criação do autor e pode distinguir-se dele pelo sexo, pelos gostos, pelos valores ou pela natureza. O poema também tem um autor e um eu lírico, que pertence ao universo da palavra. Há inúmeras canções escritas por um compositor (o autor) cujo eu lírico (o “eu” que fala no texto) é feminino. No poema *Biblioteca verde*, por exemplo, o eu lírico é o menino que narra sua relação com os livros. Há poemas em que o eu lírico é um animal, um deus ou um grupo de pessoas.

c) Como você descreveria a relação do menino com os livros?

---

---

---

d) “Como te devoro,/verde pastagem. Ou antes carruagem/de fugir de mim e me trazer de volta/à casa a qualquer hora num fechar/de páginas?” Considerando esses versos, é possível afirmar que a leitura, para o menino, fazia-o escapar das quatro paredes? Justifique sua resposta.

---

---

---

2 O próximo texto que você vai ler foi retirado do livro *Lili inventa o mundo*, de Mario Quintana (1906-1994). Nessa obra, por meio da personagem Lili, é possível perceber o olhar sempre humano e sensível do escritor. Leia o texto – escrito em prosa – e responda às questões.

### Conto de todas as cores

Mario Quintana

Eu já escrevi um conto azul, vários até.  
Mas este agora é um conto de todas as cores.  
Sim, porque era uma vez  
    uma menina verde  
    um menino azul  
    um negrinho dourado  
e um cachorro com todos os tons e entretons do arco-íris.  
Até que,  
    devidamente nomeada pelo Senhor Prefeito  
veio ao seu encontro uma Comissão de Doutores  
– todos eles de preto, todos eles de barbas, todos eles de óculos  
E,  
por mais que cheirassem e esfregassem os nossos quatro amigos,  
viram que não adiantava nada  
e puseram-se gravemente a discutir se aquilo poderia ser mesmo  
de nascença ou...  
– Mas nós não nascemos – interrompeu o cachorro – nós  
fomos  
inventados!

a) Estudiosos da literatura costumam afirmar que Mario Quintana coloca o leitor de qualquer idade diante da possibilidade de viver a experiência de sonhar. Você acha que o conto apresentado pode confirmar essa afirmação? Por quê?

---

---

---

b) Que justificativa você daria ao título do conto?

---

---

---

c) Por que, em sua opinião, dentre os personagens que aparecem no conto, é o cachorro que interrompe a pergunta da comissão de doutores?

---

---

d) Que características dos textos literários podem ser observadas no texto de Mario Quintana? Explique.

---

---



## Definições de literatura

Muitas têm sido as tentativas de definir literatura, sem que se chegue a alguma definição definitiva. Pode-se considerar literatura tudo aquilo que tenha sido escrito, das histórias em quadrinhos aos manuais que ensinam a montar um brinquedo ou colocar para funcionar uma máquina. Mas a palavra *literatura* pode ser usada em um sentido mais restrito. Por exemplo, quando há uma referência aos textos escritos em certo período histórico, costuma-se dizer *literatura renascentista*, *literatura romântica*; ou, quando há uma referência a textos que foram escritos em um certo lugar, fala-se *literatura brasileira*, *literatura francesa*.

Num terceiro sentido, entre outros possíveis, a palavra *literatura* está relacionada à expressão artística e ao mundo da ficção. Literatura é uma das artes, a que é formada pelo conjunto de textos literários considerados artísticos, em sua modalidade oral, visual e escrita.

## O QUE PODE A LITERATURA?

Tzvetan Todorov é um importante teórico de literatura da atualidade. Filósofo e linguista, nasceu em Sófia, na Bulgária, em 1939. Leia um pequeno trecho de seu livro *A literatura em perigo* e veja o que pensa esse autor sobre literatura: “[...] A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. [...]” (Todorov, 2010, p. 76).

O texto de Todorov fala da importância da literatura e de seu papel vital em dizer às pessoas o que são. As verdades dadas pela poesia e pela ficção fazem-nas compreender melhor o mundo e ajudam-nas a viver.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

Na escola, a literatura – vista como uma das artes – é objeto de estudo e, por conseguinte, os textos literários são lidos, discutidos, analisados, apreciados, julgados. Para estudar as obras consideradas literárias pela escola e desenvolver a sensibilidade e agudeza crítica, é preciso ler e analisar os textos produzidos em diferentes contextos, percebendo o que o texto diz (o conteúdo) e como ele diz (a maneira como está escrito).

Mas é importante frisar que, além do modo como o texto está organizado, a sua linguagem, as convenções e ideologias que “coloca em cena”, há elementos externos que também conferem *literariedade* aos textos: nome do autor, mercado editorial, grupo cultural, critérios críticos em vigor. Por isso, pode-se afirmar que a literatura é um fenômeno cultural e histórico, que pode receber diferentes definições em épocas diversas e por vários grupos sociais.

Mas como a maioria dos livros didáticos de Língua Portuguesa direcionados a estudantes do Ensino Médio enfoca a literatura? Nesses livros, você vai encontrar vários capítulos dedicados a ela, mas com o foco na **historiografia literária**. O que isso quer dizer? Quer dizer que, ao estudar, nesses livros, a literatura brasileira, você vai verificar que o Brasil tem uma vasta e variada literatura que aparece dividida em dois grandes momentos históricos: o **período colonial** (de 1500 a 1822) e o **período nacional** (da Independência do Brasil até hoje). Esses dois momentos estão subdivididos em “escolas literárias”, com datas que indicam o início e o fim de cada uma. Cada escola literária é definida por um conjunto de características gerais que funcionam como



### Historiografia literária

Estudo e descrição das características estéticas das diferentes escolas ou movimentos literários.

referências para o estudo das obras. Para que você tenha uma ideia de como essa divisão costuma ser proposta nos livros didáticos, observe o quadro a seguir, com uma síntese (incompleta) de algumas escolas literárias ou estilos de época:

Período colonial (de 1500 a 1822)
<b>Quinhentismo</b> (século XVI): conjunto de textos sobre o Brasil recém-descoberto escritos por cronistas e viajantes. As produções escritas dessa época registram o impacto da nova terra sobre o europeu descobridor.
<b>Seiscentismo</b> ou <b>Barroco</b> : o período que abrange essa escola literária costuma ser demarcado entre 1601 (com a publicação do poema <i>Prosopopeia</i> , de Bento Teixeira) e 1768, com a Fundação da Arcádia Ultramarina, em Vila Rica, Minas Gerais. É na Bahia que se desenvolve o chamado barroco literário brasileiro. Nessa época, muitos dos valores cristãos são retomados, e as manifestações literárias aparecem numa linguagem complexa, sofisticada, rebuscada, “circular”. Há dois estilos que predominam: <i>cultismo</i> (jogos de palavras, de construções e imagens) e <i>conceptismo</i> (valorização dos conceitos, ideias e argumentos).
<b>Setecentismo</b> ou <b>Arcadismo</b> : período que se estende de 1768 a 1808. Os principais autores – Claudio Manuel da Costa e Tomás Antonio Gonzaga – estão ligados ao movimento da <i>Inconfidência</i> , em Minas Gerais. Nessa época, predominam as ideias iluministas, a retomada da postura racional, o equilíbrio entre razão e sentimento, a arte como imitação da natureza, a recuperação dos modelos clássicos, a simplicidade formal.

As escolas literárias do **período nacional** são: **Romantismo, Realismo/Naturalismo, Simbolismo, Modernismo**.

Ao estudar os estilos de época e as escolas ou movimentos literários, conhecem-se os temas, os recursos da linguagem literária atribuídos às obras de cada época e as interpretações da **história da literatura**. Mas o estudo de textos literários que parte de características prévias como as apresentadas no quadro pode dar a impressão de que estudar literatura é apenas memorizar nomes e características da época de cada escola literária.

As produções artísticas do século XVII, por exemplo, que hoje em dia são chamadas *barrocas*, não eram assim chamadas pelos poetas, pintores, escultores, músicos que as criaram. Foi só no século XIX que os estudiosos e historiadores construíram a ideia de que as obras criadas no século XVII seguiam um padrão, com características comuns, como: *informalidade, irracionalismo, contraste, deformação, excesso, exuberância*. No entanto, é importante você saber que, para compreender a estrutura, a função e o valor histórico dos textos literários, as características genéricas, como as do quadro apresentado, são insuficientes. Cada obra literária é única e pode ter características formais e temas diferentes dos que são atribuídos à escola literária a que pertence.



Toda essa conversa é importante para que se diferencie **arte literária** e **história da literatura**. Antes de saber mais sobre a historiografia literária, é necessário aprender a construir sentidos em textos escritos e orais em prosa e em verso.

## ATIVIDADE 2 O que é literatura?

Diferentes estudiosos já escreveram sobre literatura na tentativa de explicar, definir, encontrar sua essência, dizer o que ela é. A seguir, você lerá um fragmento do texto *O direito à literatura*, de Antonio Candido (1918-), que apresenta uma definição de literatura.

### O direito à literatura

Antonio Candido

[...]

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadri-nhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance.

Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. [...]

Considerando as informações do texto, responda:

**1** Que ideias Antonio Candido apresenta para defender que a literatura é uma necessidade universal?

---



---



---



---

**2** Segundo o autor, ninguém pode passar 24 horas sem mergulhar no universo da ficção. Faça uma lista dos momentos em que, durante seu dia, você mergulha no universo da ficção.

---



---



---



---



---



**ASSISTA!**

Língua Portuguesa – Volume 1

*Literatura em prosa e verso*

O vídeo apresenta algumas definições de literatura, que o ajudarão a sistematizar os conhecimentos que você construiu até o momento sobre o assunto, e também mostra aspectos que podem determinar se um texto é ou não literário. Vale a pena conferir!

**3** Antonio Candido chama de literatura todas as criações de *toque poético*. O que você entende por *toque poético*?

---



---



---

## HORA DA CHECAGEM

Agora você vai conferir as respostas das atividades propostas. Ao ler o texto a seguir, volte às questões e observe se precisa ajustar, corrigir ou completar o que escreveu para respondê-las.

### Atividade 1 - Mergulho no universo ficcional

- 1**
- a) Nos primeiros versos, o menino afirma que é o mais rico das redondezas porque só ele possui a coleção das Obras Célebres.

- b) Você pode ter respondido que primeiro o menino sente o cheiro dos livros; depois, passa a mão sobre eles; em seguida, vê as figuras; por fim, as letras.
- c) Você pode ter percebido a relação do menino com os livros nos versos: “em contos, poemas/me vejo viver. [...]”.
- d) Os versos “carruagem/de fugir de mim e me trazer de volta/à casa a qualquer hora num fechar/de páginas?” podem comprovar que, lendo, o menino escapava das quatro paredes.

## 2

- a) É provável que você tenha respondido que sim. Esse conto tão curtinho foi escrito com imaginação e sensibilidade. Dá um recado ao leitor de que com imaginação é possível tudo: um menino azul, uma menina verde, um negrinho dourado e um cachorro com todos os tons e entretons do arco-íris.
- b) Muitas respostas são possíveis para justificar o título *Conto de todas as cores*. Há muito simbolismo em torno do significado das cores como, por exemplo, na cor azul, para a qual o autor cita que já escreveu um conto. É uma cor profunda, em que o olhar mergulha e perde-se no infinito, bem onde o real se transforma em imaginário. Não seria azul a cor da liberdade?
- c) O fato de o cachorro interromper a pergunta pode reforçar o caráter inventivo e fantasioso do texto ficcional, do conto.
- d) Várias respostas são possíveis. Você pode ter respondido que o texto de Mario Quintana pode ser relacionado à invenção, à criação, à fantasia, ao imaginário, ou seja, a vários fatores do texto ficcional. As obras literárias são criações de *toque poético* e ficcional. Trata-se de um conto escrito com a finalidade de provocar sensações variadas. Há personagens, um narrador que conta a história.

### Atividade 2 - O que é literatura?

- 1 Você pode ter recuperado as seguintes ideias: a literatura aparece como manifestação universal, porque agrega todas as criações de *toque poético* e ficcional. Segundo Antonio Candido, ninguém consegue passar 24 horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado.
- 2 Há muitas possibilidades de resposta: a novela da televisão, a revista em quadrinhos, a piada, os causos, as canções cantaroladas etc. podem ser exemplos de mergulhos no universo da ficção.
- 3 Muitas respostas são possíveis, não há uma resposta única. É possível que você tenha respondido que *toque poético* pode significar a beleza da sonoridade das palavras, as imagens diferentes proporcionadas pelas palavras ou os vários sentidos que as palavras podem assumir.



### Registro de dúvidas e comentários

---

---

---

---



Você vai conhecer agora alguns dos recursos da linguagem disponíveis para diversos usos nos textos visuais, orais e escritos dos gêneros produzidos na esfera literária.

Para ler os gêneros dessa esfera, é fundamental aprender a observar “pistas” nos textos e (re)construir, a partir delas, os sentidos. É necessário conhecer os recursos da linguagem, como as metáforas e outras figuras de linguagem, o ritmo gerado pela sonoridade, as sequências por oposição ou simetria, as repetições expressivas de palavras ou de sons etc. Lendo textos literários em verso e em prosa, você vai conhecer alguns desses recursos da linguagem.



### O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Leve em conta sua experiência de vida e as ideias apresentadas acima para responder às questões a seguir.

- Os gêneros da esfera literária – causos, canções, cordéis, contos, fábulas, lendas, mitos, novelas, peças de teatro, romances etc. – cumprem um papel importante em sua vida? Por quê?

---

---

---

- Nos dias atuais, é comum a produção literária ser definida como uma obra de arte. Levando em consideração essa concepção, o que, em sua opinião, pode tornar a leitura de um texto literário diferente da leitura de uma notícia em um jornal?

---

---

---



### (Re)construindo sentidos

Textos são objetos simbólicos que pedem para ser interpretados. Não é possível ler sem que ocorra a interpretação. Mas o que é interpretar? Como interpretar um texto considerado literário?

A palavra *ler* vem da palavra latina *legere*, que tem vários significados. Entre os sentidos que essa palavra apresenta, destaca-se o de *roubar*, o de *colher*, sentidos que podem ajudar a compreender um pouco melhor a prática da leitura. Ao ler, o leitor apropria-se das ideias do autor do texto, como se as “roubasse” para construir novos sentidos. Faz isso ao refletir sobre os significados das palavras e expressões, sobre como estão organizadas no texto, ao observar certos recursos linguísticos, sonoros, visuais. O leitor busca pistas que os autores, editores e ilustradores deixam nos textos e, sem pedir permissão, dá ao texto novos sentidos, constrói ou reconstrói os significados.

Na atividade a seguir, você terá alguns caminhos que o ajudarão a construir sua interpretação dos textos.

## ATIVIDADE 1 Como construir sentidos

Você lerá três textos que tratam do mesmo tema. Ao lê-los, procure observar as semelhanças e as diferenças entre eles. Repare na linguagem utilizada, na sonoridade, no arranjo das palavras. Leia cada texto quantas vezes você quiser antes de responder às perguntas que serão propostas.

Texto 1

### A paixão do amor

Betty Milan

[...]

Tão idealizado é o amado que para o amante ele não tem nenhum defeito, o que quer que diga, mesmo se tratando de um absurdo, está bem. Tem razão, embora minta ou seja injusto.

Sensível à beleza, o amor ignora a feiura. Que importância teria ela, se o que o amado diz nenhum outro diz ou se dito por outro não soaria da mesma maneira, não me faria ver as mesmas cores ou ouvir assim esta melodia que só a sua presença ou a presença da sua ausência intensifica e faz existir?

O ser amado é invariavelmente belo. O que noutro poderia ser considerado feio, naquele é uma forma de encanto. [...]



## Texto 2

**O sempre amor**

Adélia Prado

Amor é a coisa mais alegre  
amor é a coisa mais triste  
amor é coisa que mais quero.  
Por causa dele falo palavras como lanças.  
Amor é a coisa mais alegre  
amor é a coisa mais triste  
amor é coisa que mais quero.  
Por causa dele podem entalhar-me,  
sou de pedra-sabão.  
Alegre ou triste,  
amor é coisa que mais quero.

PRADO, Adélia. O sempre amor. In: \_\_\_\_\_. *Poesia reunida*. São Paulo: Arx, 1991, p. 86.

## Texto 3

**Prova de amor**

Marina Colasanti

“Meu bem, deixa crescer a barba para me agradar”, pediu ele.

E ela, num supremo esforço de amor, começou a fiar dentro de si, e a laboriosamente expelir aqueles novos pelos, que na pele fechada feriam caminho.

Mas quando, afinal, doce barba cobriu-lhe o rosto, e com orgulho **expectante** entregou sua estranheza àquele homem: “Você não é mais a mesma”, disse ele.

E se foi.

COLASANTI, Marina. Prova de amor. In: \_\_\_\_\_. *Contos de amor rasgados*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 163.**Expectante**

Que espera em observação.

**1** Os três textos apresentados tratam do mesmo tema. Qual?

---

---

---

**2** Como o texto 1 retrata a pessoa apaixonada?

---

---

---

---

**3** Dizem que o amor é cego e surdo. As ideias do texto 1 estão em acordo ou em desacordo com essa frase? Justifique a resposta.

---

---

---

---

**4** Você viu que a seleção e a combinação das palavras, o *toque poético*, nos textos podem criar novos sentidos. Escolha um trecho, no texto 1, que, para você, foi escrito com um *toque poético*.

---

---

---

---

**5** No texto 2, como a autora procurou definir o amor? O que mais chamou sua atenção nesse texto?

---

---

---

---

**6** Por que, em sua opinião, em um poema tão curto como o do texto 2, a autora repetiu os três primeiros versos?

---

---

---

---

**7** O texto 3 conta uma história. É uma história comum? O que há de diferente nela? O que é possível aprender com ela?

---

---

---

---

---

---

8 Compare os três textos. Em todos eles o sentimento do amor é visto da mesma forma? Justifique a resposta.

---

---

---

---

---

---

9 Qual dos três textos, em sua opinião, melhor retrata a concepção que você tem de amor? Por quê?

---

---

---

---

---

---



### Pistas dos textos em verso

O texto *O sempre amor*, de Adélia Prado (1935-), é um poema. Um poema é uma obra escrita geralmente em versos. Como já visto, verso é o nome que se dá a cada linha do poema. Um agrupamento de versos chama-se *estrofe*.

O poema de Adélia Prado é formado por uma única estrofe. Nessa estrofe, há repetição de versos. Uma primeira pista, para ler poemas, é observar como os versos foram organizados. O que você notou em relação a essa organização? Reparou que os três primeiros versos se repetem no poema?

A repetição é um recurso usado intencionalmente no poema *O sempre amor*. Chama-se **encadeamento** a repetição de verso a verso, fonemas, palavras, frases e até um verso inteiro. Toda repetição gera um ritmo, por isso esse recurso – o encadeamento – foi muitíssimo usado na poesia medieval e também na poesia moderna, em **versos livres**, ou seja, versos que não obedecem a padrões de métrica ou rima, como os que Adélia Prado escreveu.

O encadeamento é uma pista... A repetição está no poema, e os leitores podem percebê-la. Mas, para interpretar, não basta identificar a repetição, é preciso ir

adiante e perguntar por que a autora, para definir o amor, lançou mão desse recurso linguístico. Ao responder a essa questão, é feita uma interpretação.

O poema começa com os versos que depois serão repetidos: “Amor é a coisa mais alegre/amor é a coisa mais triste”.

Há algo que seja mais alegre do que a coisa “mais alegre”? Há algo que seja mais triste do que a coisa “mais triste”? É como se o amor se situasse entre dois extremos. E os encadeamentos? De que forma esse recurso pode ajudar a expressar um sentimento que é uma força irresistível, muito além do que se pode controlar, sobre o qual se tem dificuldade de falar? Se o amor é considerado sentimento indescritível, nem se todas as palavras do mundo fossem reunidas se conseguiria descrevê-lo, certo? Adélia Prado, assim, preferiu defini-lo da forma mais econômica possível, repetindo os versos que estabelecem os dois extremos para o amor. Essa é uma interpretação possível para o poema, mas podem existir outras. Você pensou em alguma hipótese para essa repetição?

Para interpretar um poema, é preciso formular hipóteses, estabelecer relações entre as ideias apresentadas e os diversos recursos da língua e da linguagem utilizados pelos poetas. É preciso observar a maneira como o texto aparece organizado, o gênero escolhido pelo autor.

## Conotação

Outro recurso que pode ser observado em um poema é o uso das palavras em sentido **conotativo**.

No poema, há expressões que podem ser interpretadas de várias maneiras, palavras em que se percebe um acréscimo de outro significado. Quando há um acréscimo de sentido às palavras, elas passam a ter um sentido figurado ou **conotativo**. Nos gêneros da esfera literária, é frequente o trabalho com o sentido conotativo ou figurado das palavras.

O sentido figurado ou conotativo não surge apenas com base no contexto em que a palavra aparece. Depende também do leitor que usa sua experiência e seu conhecimento de mundo para interpretar o texto. Por exemplo, no poema, as palavras “lanças” e “pedra-sabão” estão no sentido conotativo. No contexto do poema, o que significa falar palavras como “lanças”? O que significa ser de “pedra-sabão”?

Observe que, quando se usa o sentido conotativo, há, na verdade, uma soma, um acréscimo de sentidos que a palavra ganha.



## Pistas dos textos em prosa

Para descobrir pistas de textos em prosa é preciso observar detalhes de como o texto está escrito, a fim de buscar o sentido que está nas entrelinhas. *Prova de amor*, de Marina Colasanti (1937-), é um conto que envolve dois personagens – *ele* e *ela*. É interessante que os personagens não tenham nome. *Ele* e *ela* podem ser várias pessoas, e a história, com isso, ganha um caráter mais universal. O narrador – quem conta a história – revela o pedido inusitado que *ele* faz a *ela*: que deixe crescer a barba para agradar a *ele*. O pedido é estranho, quase impossível de ser realizado por uma mulher, tão estranho que pode ser uma pista.

Mas, no conto, o que era quase impossível torna-se realidade. Repare nas expressões “supremo esforço de amor” e “pela pele fechada feriam caminho”, que indicam o sacrifício, a ação desmedida, que ocasionava dor, para atender ao pedido inusitado do companheiro. O desfecho (o fim da história) também surpreende, pois, quando o impossível se realizou, o homem, indiferente a todos os esforços da companheira para atendê-lo, diz apenas que *ela* não é mais a mesma e a abandona.

O que será que o texto quer dizer? Que o homem, em uma relação amorosa, é inconstante? Mesmo com a submissão e o sacrifício (a prova de amor) da mulher, o que predomina é a indiferença? Homens não se comovem com provas de amor? Serão esses os sentidos por trás dessa história? Que outros sentidos poderiam ser encontrados? A palavra “barba”, no conto, pode significar mais do que conjunto de pelos que nascem na face do homem. Pode significar sacrifício, doação, entrega, submissão.

## Comparando os textos

Deu para ter uma ideia de como se podem construir sentidos lendo textos literários? Se você comparasse o texto de Adélia Prado com o de Marina Colasanti poderia construir novos sentidos. Os dois textos tratam do amor, mas cada um revela uma faceta desse sentimento. No texto 2, pode-se dizer que o eu lírico se submete ao amor, sem se importar com a alegria ou a tristeza: “alegre ou triste,/ amor é coisa que mais quero”. No texto 3, é possível ler a prova de amor como uma espécie de submissão, mas que resulta em uma separação. É possível continuar desejando o amor, mesmo depois de vivenciar situações como a que foi narrada no texto 3?

## ATIVIDADE 2 Leitura de textos literários

Você vai ler, a seguir, outros textos que falam de amor. O primeiro é escrito em versos: um poema de Carlos Drummond de Andrade. O segundo, escrito em prosa, é um conto do escritor mineiro Murilo Rubião (1916-1991).

1 Leia o poema de Drummond e responda às questões.

### Confronto

Carlos Drummond de Andrade

Bateu Amor à porta da Loucura.  
 “Deixa-me entrar – pediu – sou teu irmão.  
 Só tu me limparás da lama escura  
 a que me conduziu minha paixão.”

A Loucura **desdenha** recebê-lo,  
 sabendo quanto Amor vive de engano,  
 mas **estarece** de surpresa ao vê-lo,  
 de humano que era, assim tão inumano.

E exclama: “Entra correndo, o pouso é teu.  
 Mais que ninguém mereces habitar  
 minha casa infernal, feita de **breu**,

enquanto me retiro, sem destino,  
 pois não sei de mais triste **desatino**  
 que este mal sem perdão, o mal de amar.”

ANDRADE, Carlos Drummond de. Confronto. In: \_\_\_\_\_. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 1200.  
 Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond. <<http://www.carlosdrummond.com.br>>.



### Glossário

#### Breu

Escuridão, coisa escura.

#### Desatino

Loucura, disparate, desvario.

#### Desdenhar

Desprezar.

#### Estarecer

Assombrar, espantar.

a) Em sua opinião, o título *Confronto* é uma boa referência ao que acontece no poema? Por quê?

---



---



b) Por que o poeta usou letras iniciais maiúsculas para o Amor e para a Loucura?

---

---

---

c) O que levou a Loucura a abandonar sua própria casa para que o Amor passasse a viver nela?

---

---

---

d) Retire do poema dois termos que aparecem no sentido conotativo.

---

---

e) Em sua opinião, o texto passa uma mensagem otimista ou pessimista em relação ao ato de amar? Justifique sua resposta.

---

---

---

f) O Amor afirma que é irmão da Loucura. Isso surpreende você? Por quê?

---

---

---

2 Agora, leia o conto de Murilo Rubião e responda às questões.

## Elisa

Murilo Rubião

Eu amo os que me amam; e os  
que vigiam desde a manhã, por  
me buscarem, achar-me-ão.  
(Provérbios, VIII, 17)

Uma tarde – estávamos nos primeiros dias de abril – ela chegou à nossa casa. Empurrou com naturalidade o portão que vedava o acesso ao pequeno jardim, como

se obedecesse a hábito antigo. Do alpendre, onde me encontrava, escapou-me uma observação desnecessária:

– E se tivéssemos um cachorro?

– Não me atemorizam os cães – retrucou aborrecida.

Com alguma dificuldade (devia ser pesada a mala que carregava), subiu a escada. Antes de entrar pela porta principal, voltou-se:

– Nem os homens tampouco.

Surpreso por vê-la adivinhar meu pensamento, apressei-me em desfazer a situação cada vez mais embaraçosa:

– Hoje o tempo está ruim. Se continuar assim...

Interrompi a série de bobagens que me ocorria e, encabulado, procurei evitar o seu olhar repreensivo.

Sorriu levemente, enquanto eu, nervoso, torcia as mãos.

Logo a desconhecida se adaptou aos nossos hábitos. Raramente saía e nunca aparecia à janela.

Talvez não tivesse reparado no primeiro momento em sua beleza. Bela, mesmo no desencanto, no seu meio sorriso. Alta, a pele clara, de um branco pálido, quase transparente, e uma magreza que acusava profundo abatimento. Os olhos eram castanhos, mas não desejava falar deles. Jamais me abandonaram.

Cedo começou a engordar, a ganhar cores e, no rosto, já estampava uma alegria tranquila.

Não nos disse o nome, de onde viera e que acontecimentos lhe abalaram a vida. Respeitávamos, entretanto, o seu segredo. Para nós era ela, simplesmente ela. Alguém que necessitava de nossos cuidados, do nosso carinho.

Aceitei os seus longos silêncios, as suas repentinas perguntas. Uma noite, sem que eu esperasse, interrogou-me:

– Já amou alguma vez?

Por ser negativa a resposta, deixou transparecer a decepção. Pouco depois, abandonava a sala, sem nada acrescentar ao que dissera. Na manhã seguinte, encontramos vazio o seu quarto.

Todos os dias, mal começava a cair a tarde, eu ia para o alpendre, à espera de que ela surgisse a qualquer momento na esquina. Minha irmã Cordélia desaprovava-me:

– É inútil, ela não voltará. Se você estivesse menos apaixonado, não teria tanta esperança.

Um ano após a sua fuga – estávamos novamente em abril – a vi aparecer no portão. Trazia mais triste a fisionomia, maiores as olheiras. Dos meus olhos, que se puseram alegres ao vê-la, desprendeu-se uma lágrima, e disse, esforçando-me para lhe tornar cordial a recepção:

– Cuidado, agora temos uma cadelinha.

– Mas o dono dela ainda é manso, não? Ou se tornou feroz na minha ausência?

Estendi-lhe as mãos, que ela segurou por algum tempo. E, sem conter a minha ansiedade, indaguei:

– Por onde andou? O que fez esse tempo todo?

– Andei por aí e nada fiz. Talvez amasse um pouco – concluiu, sacudindo a cabeça com tristeza.

A sua vida entre nós retomou o ritmo da outra vez. Mas eu estava intranquilo. Cordélia olhava-me penalizada, insinuava que eu não deveria ocultar mais minha paixão.

Faltava-me, contudo, a coragem e adiava a minha primeira declaração de amor.

Meses depois, Elisa – sim, ela nos disse o nome – partiu de novo.

E como lhe ficasse sabendo o nome, sugeri à minha irmã que mudássemos de residência. Cordélia, apegada ao extremo à nossa casa, nada objetou. Limitou-se a perguntar:

– E Elisa? Como poderá encontrar-nos ao regressar?

Refreei a custo a angústia e repeti completamente idiotizado:

– Sim, como poderá?

RUBIÃO, Murilo. Elisa. In: \_\_\_\_\_. *O homem do boné cinzento e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 22-24.

a) Um elemento importante na obra de Murilo Rubião são as epígrafes. Epígrafe é a frase colocada no início do conto que ajuda a introduzir, contextualizar, compreender melhor o texto que segue. Em *Elisa*, a epígrafe (retirada dos Provérbios, VIII, 17)

“Eu amo os que me amam, e os que vigiam desde a manhã, por me buscarem, achar-me-ão” – antecipa que situação no conto? Por quê?

---

---

---

b) Na primeira parte do conto, quais são as pistas que podem ajudar o leitor a perceber que o narrador-personagem não continuaria mais o mesmo depois da chegada da moça até então desconhecida?

---

---

---

c) Elisa chega à casa do narrador de repente e age como se pessoas e casa lhe fossem totalmente familiares. Depois de um tempo, quando começa a engordar, a ganhar cores e uma alegria tranquila, resolve fugir. Em sua opinião, o que pode ter motivado a fuga dela?

---

---

---

---

d) Como você julga a forma como o narrador-personagem ama Elisa?

---

---

---

---

---

e) O conto *Elisa* revela que faceta do amor?

---

---

---



Por que o contato com a ficção é tão importante?

A essa pergunta Todorov responde:

Os livros acumulam a sabedoria que os povos de toda a Terra adquiriram ao longo dos séculos. É improvável que a minha vida individual, em tão poucos anos, possa ter tanta riqueza quanto a soma de vidas representada pelos livros. Não se trata de substituir a experiência pela literatura, mas multiplicar uma pela outra. [...]

MELLO, Anna Carolina; NIGRI, André. Entrevista Tzvetan Todorov. *Educar para Crescer*, 10 fev. 2011. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/entrevista-tzvetan-todorov-532731.shtml>>. Acesso em: 9 dez. 2014.

Depois de ler alguns textos literários, refletir sobre as definições de literatura, conhecer alguns recursos da linguagem que são usados em gêneros da esfera literária, você concorda com o que Todorov diz sobre a importância do contato com a ficção? Por quê? Reflita sobre essa questão.

## HORA DA CHECAGEM

### Atividade 1 - Como construir sentidos

- 1 Os três textos, de forma diferente, tratam do tema *amor*.
- 2 Você pode ter observado, no texto 1, que a autora retrata a pessoa apaixonada como uma idealizadora da pessoa que é amada. Para ela, tudo o que o amado diz soa como música, tudo o que o amado faz é justo, o amado não tem defeitos.
- 3 A frase está em acordo com o texto da Betty Milan (1944-). Ela escreve que o amor ignora a feiura, a mentira, a injustiça... ou seja, o amor é cego para os defeitos do ser amado. Como o ser amado é invariavelmente belo, pode dizer o que quiser, pois tudo soa como música para quem ama.
- 4 Há muitos trechos que foram escritos com toque poético, quase que a única maneira de se falar do amor. Trechos como: “não me faria ver as mesmas cores ou ouvir assim esta melodia que só a sua presença ou a presença da sua ausência intensifica e faz existir”.
- 5 Muitas respostas são possíveis. É provável que você tenha escrito, por exemplo, que a autora tentou definir o amor de forma poética. Os versos repetidos podem ter chamado sua atenção.
- 6 Várias respostas são possíveis. Com poucas palavras e muitas repetições, a autora tentou definir o amor. Com a repetição, ela pode reiterar para o leitor de que maneira concebe o amor; pode dar ritmo ao texto; pode querer mostrar o que significa falar “palavras como lanças”, que é muito difícil definir o amor.
- 7 Você pode ter respondido que a história escrita por Marina Colasanti é incomum. Uma barba que nasce em rosto feminino? Que nasce por vontade da personagem? Há um conflito incomum. É possível aprender várias coisas com a história: que em uma relação amorosa podem acontecer as coisas mais surpreendentes; que o amor leva a realizar atos impossíveis; que a entrega extrema, a submissão ou sacrifícios podem não adiantar numa relação amorosa; que as pessoas mudam etc.
- 8 Ao comparar os três textos, você pode ter notado que, em cada um, o sentimento amoroso é visto de uma forma. No texto 1, é forte a ideia de encantamento que leva à idealização do amor (o amor

ignora a feiura) e do ser amado (o ser amado é invariavelmente belo). No texto 2, o eu lírico diz que o amor consegue reunir o que há de mais alegre e o que há de mais triste, e ainda assim é o que ele mais quer. No texto 3, o amor é visto como um sentimento capaz de realizar o impossível, capaz de romper com a lógica das coisas, mostrando que as relações amorosas podem ser surpreendentes.

**9** A resposta é pessoal. Como você vê o amor? Como você lida com seus percursos amorosos?

## Atividade 2 - Leitura de textos literários

### 1

- a) Há várias possibilidades de resposta. Depois de ler o poema, você deve ter observado que o Amor e a Loucura disputam quem vai ocupar a casa da Loucura, a casa feita de breu. Daí o “confronto”.
- b) Loucura e Amor comportam-se como personagens, por isso são escritos com iniciais maiúsculas.
- c) A Loucura abandona a própria casa pelo estado inumano em que o Amor se encontra.
- d) Veja se você retirou do poema as palavras “lama escura”, “breu”. Observe como o sentido dessas palavras aparece “ampliado” no poema... “Lama” não significa apenas barro, lodo, terra molhada e pastosa. No poema, pode significar algo degradante, que envergonha. “Breu” não significa apenas escuridão, mas tristeza ou melancolia profunda. Há muitas possibilidades de interpretação.
- e) Você deve ter respondido que o poema passa uma mensagem pessimista. Observe os dois últimos versos da última estrofe: “pois não sei de mais triste desatino/que este mal sem perdão, o mal de amar”. Esses versos podem confirmar a visão pessimista do amor.
- f) A resposta é pessoal. Você pode ter respondido sim ou não. Diariamente ouvem-se histórias sobre loucuras de pessoas apaixonadas. O que mostra que a loucura pode estar muito próxima do amor, irmanada com ele. Mas essa resposta vai variar de pessoa para pessoa.

### 2

- a) Depois de ler o conto de Murilo Rubião, é possível que você tenha associado o “eu” que aparece na epígrafe ao narrador do conto. O narrador-personagem apaixonou-se por Elisa e a ama incondicionalmente, passa a vida a buscá-la e a esperá-la. Mas, diferentemente do que é afirmado na epígrafe (“por me buscarem, achar-me-ão”), o narrador, ao final do conto, propõe à irmã mudar de casa, diminuindo assim as chances de um novo encontro.
- b) As pistas que podem ajudar o leitor a perceber que o narrador-personagem não ficou indiferente à chegada da moça poderiam ser: “enquanto eu, nervoso, torcia as mãos”; “Os olhos eram castanhos, mas não desejo falar deles. Jamais me abandonaram”.
- c) A resposta é pessoal. Elisa não dá explicações, chega e parte de repente. Na primeira vez, Elisa parte depois de, segundo o narrador, deixar transparecer a decepção pela negativa de uma resposta dele; na segunda vez, ela parte depois de ter ficado mais conhecida (“sim, ela nos disse o nome – partiu de novo”).
- d) Você deve ter observado a inação do narrador, que aceita com naturalidade a presença da estranha e suas fugas. Ama de forma tímida, não é capaz de se declarar.
- e) Muitas respostas são possíveis. Uma das facetas do amor que esse conto revela é a do desencontro. Uma coisa é amar, outra é realizar o amor, concretizá-lo ao lado da pessoa amada.





## TEMAS

1. Contos orais, contos escritos
2. Lendo contos

## Introdução

Os contos são narrativas em prosa, geralmente curtas e intensas, que apresentam uma sucessão de acontecimentos relatados por um narrador e vivenciados por poucos personagens.

Nesta Unidade, você vai mergulhar no universo da ficção literária estudando os contos.



## TEMA 1 Contos orais, contos escritos

Quais são as origens do conto? O que é enredo? O que é verossimilhança? As respostas a essas perguntas são essenciais para mergulhar no universo dos contos.

Ao estudar este tema, além de obter essas respostas, você vai refletir sobre as diferenças e as semelhanças entre contos orais e contos escritos e vai ler contos da tradição oral.



## O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Leve em conta sua experiência de vida e as ideias apresentadas acima para responder às questões a seguir:

- Você, como muitas pessoas, provavelmente já contou várias histórias ao longo de sua vida. O que você considera importante enfatizar quando conta uma história?

---

---

- Você já ouviu expressões como “ter um dedinho de prosa”, “ficar de prosa com alguém”? Em sua opinião, em que essas expressões podem se relacionar aos contos? Por quê?

---

---

- O que você acha que não pode faltar em uma boa história? Uma história precisa do que para que possa existir?
- 
- 
- 



## Contar histórias

O ato de contar histórias é tão antigo quanto a necessidade de comunicar e compartilhar as experiências vividas. Histórias contadas ao redor do fogo, casos contados por colegas de trabalho, lembranças de família narradas durante as refeições, relatos de fatos que aconteceram no dia, o capítulo emocionante da novela da TV mostram o quanto as narrativas estão presentes na vida diária.

Para dar início a um mergulho no maravilhoso mundo ficcional, é importante observar que, às vezes, as palavras *história*, *narrativa* e *conto* aparecem num mesmo sentido. Há também a palavra **estória**, que pode ser usada para referir-se exclusivamente às narrativas ou aos contos tradicionais **ficcionais**. Hoje, entretanto, a palavra *história* é usada tanto para os acontecimentos históricos (que são documentados) como para as narrativas de ficção. A palavra *conto*, por sua vez, que vem do verbo latino *computare* (contar, calcular), assumiu vários sentidos até se transformar em um gênero literário, como a *novela* e o *romance*. Desses sentidos, destacam-se o de delinear algo, o de apresentar detalhadamente uma história ou, simplesmente, contá-la.

É interessante observar que, em língua portuguesa, *conto* serve tanto para designar a forma popular, folclórica da narrativa oral, quanto o conto literário, que nasce com uma formatação escrita e com autoria, de modo geral, definidas. Em outras línguas, nem sempre é assim. Em inglês, por exemplo, a palavra *tale* é usada para o conto popular e maravilhoso, da tradição oral, enquanto a palavra *short-story*, para as narrativas literárias escritas por autores que passam a escrever contos a partir do século XIX.

## Contos orais, contos escritos

Para continuar a conversa sobre os contos, eles serão divididos em dois tipos: os contos populares, transmitidos pela linguagem oral, e os contos que nascem com uma formatação escrita. Dessa forma, serão lidas e analisadas as antigas narrativas

da tradição oral e os contos escritos a partir do século XIX, época em que surgem vários autores que escrevem contos. Essa divisão aponta para dois jeitos distintos de narrar uma história: pode ser contada oralmente ou por escrito.

Quando se fala de contos populares, isso remete ao conto folclórico, à *estória*, ao caso maravilhoso ou sobrenatural. É importante notar que muitos desses contos – que são contados e recontados no Brasil e no resto do mundo – são adaptações de narrativas europeias e africanas, que, por sua vez, acredita-se serem provenientes da tradição dos povos da Índia e de outras tradições antigas.

Ao longo dos tempos, à medida que a escrita foi se tornando hegemônica nas diferentes sociedades, muitas narrativas transmitidas oralmente ganharam registros escritos. É importante observar que, quando uma narrativa ganha a forma escrita, perde muito do improvisado e de expressões próprias da oralidade. Mas, se os contos populares não fossem publicados em livros, hoje, possivelmente, muitos deles não seriam conhecidos.

Durante muito tempo, o conto popular e, pode-se dizer, outras formas artísticas orais foram considerados uma produção menor. Atualmente, graças ao trabalho de pesquisadores, a linguagem oral e tudo o que a envolve se tornaram objeto de análises e estudos.

O escritor moçambicano Mia Couto (1955-) considera a oralidade uma espécie de cidadania, que, conforme nos tornamos adultos,

[...] nos ensinam a perder [...] em nome da maturidade.

BRASIL, Ubiratan. Eterna busca de identidade. *O Estado de S. Paulo*, Caderno 2, 4 jun. 2006, p. D1.

Felizmente, um número cada vez maior de obras que apresentam **antologias** de contos populares está sendo publicado, possibilitando ao leitor de hoje conhecer histórias tradicionais dos mais variados lugares do mundo e das diferentes culturas que constituem o Brasil, como os contos populares indígenas.



### Antologia

Vem da palavra grega *anthología*, que, na acepção original, significa *ação de colher flores*. Por extensão, passou a significar *coleção de trechos literários, coleção de textos em prosa e/ou em verso*, em geral de autores consagrados, organizados segundo tema, época, autoria etc.

## A mais sensacional compilação de contos...

Você já ouviu falar de *Ali Babá e os 40 ladrões*, de *Aladim e a lâmpada maravilhosa* e de *Simbá, o marujo*? Essas histórias, que surgiram no Oriente e são contadas nos quatro cantos do mundo, estão no conjunto de livros que formam *As mil e uma noites*, a mais sensacional compilação de contos desde a Idade Média, que, segundo dizem, foi elaborada por centenas de mãos, em dezenas de idiomas, em diferentes tempos e lugares.

Conforme afirma o escritor cubano Cabrera Infante, ao contrário do que acontece com os contos contemporâneos na Europa, *As mil e uma noites* tem mil e um autores, e a esperta e sábia princesa Shahrazad é um autor coletivo que as conta com voz de mulher. Ainda segundo Cabrera, Shahrazad é a mais poderosa máquina de matar o tédio e a crueldade do rei, que sempre assassinava sua acompanhante de cada noite, à exceção da contista, uma mulher amena, apesar de ameaçada.

Leia a seguir um breve resumo de como essa “máquina de matar o tédio” começa...



*As mil e uma noites* começa com a história do rei Shahriyar e de seu irmão, o rei Shahzaman. Conta-se que eles resolveram se encontrar depois de vinte anos separados. Assim, Shahzaman deixou seu reinado para visitar Shahriyar.

Todavia, na primeira noite de viagem, Shahzaman lembrou-se de que havia esquecido um presente e voltou às pressas a seu palácio. Ao entrar em seus aposentos, encontrou sua mulher nos braços de outro homem. Sem hesitar, o rei desembainhou sua espada e matou os dois.

Abatido, continuou a viagem, mas não conseguiu expressar alegria ao rever o irmão que não via havia 20 anos. O rei Shahriyar, percebendo algo errado, fez de

tudo para alegrar o rei Shahzaman. Um dia, organizou uma caçada com o único objetivo de espantar a tristeza do irmão. No entanto, tal era o abatimento deste que não teve ânimo para caçar e pediu para ficar no palácio.

O rei Shahriyar foi compreensivo e partiu, deixando o irmão. Tristonho, Shahzaman ficou horas sentado de frente para um jardim. Quando anoiteceu, sem que sua presença fosse percebida, viu a rainha – esposa do rei Shahriyar – chegar a esse jardim e, de uma forma inimaginável, trair o irmão. Depois do que viu, o rei Shahzaman considerou sua desgraça menor do que a princípio pensara.

Quando o rei Shahriyar voltou da caçada, encontrou seu irmão menos abatido. Quis saber o que havia acontecido para mudar seu ânimo. Insistiu tanto que Shahzaman contou tudo que vira. O rei Shahriyar, inconformado, propôs que renunciassem aos reinos e vagassem pelo mundo até que encontrassem outro rei que fosse acometido por um mal ainda maior. Tanto procuraram que encontraram, e, na volta ao palácio, o rei Shahriyar, depois de punir a rainha, tomou como hábito ficar noivo de uma virgem e matá-la depois da noite de núpcias, para que não pudesse ser traído novamente.

Depois de um tempo, o pânico tomou conta dos súditos, que, para salvar as filhas, fugiam do reino. Até que Shahrazad, a filha do ministro, conhecedora da sabedoria dos poetas e das histórias dos antigos, ofereceu-se para casar com o rei Shahriyar. O pai da moça fez de tudo para que ela desistisse da ideia, mas acabou consentindo.

Shahrazad, que era muito esperta, combinou com a irmã que esta, depois de consumadas as núpcias, deveria entrar no quarto e pedir que contasse uma história maravilhosa, para que a noite passasse agradavelmente. O rei, que não conseguia dormir, consentiu que Shahrazad contasse a história, escutando-a atentamente... A primeira das mil e uma histórias.

Como as histórias contadas a cada noite nunca terminavam, o rei sempre ficava muito curioso para saber o desfecho delas. As noites foram passando e o rei foi ficando cada vez mais seduzido e encantado, até apaixonar-se por Shahrazad. Ouviu dela contos maravilhosos e de horror, de amor e de ódio, de medos e de paixões desenfreadas, de atitudes generosas e de comportamentos cruéis, de delicadeza e de brutalidade. Um repertório fantástico que, até hoje, nenhuma outra obra igualou.



**ASSISTA!****Língua Portuguesa – Volume 1***Mil e uma histórias*

Antes de partir para a realização da Atividade 1, veja esse vídeo. Nele, os entrevistados Fabiana Rubira e Mamede Jarouche falam sobre a importância das histórias para a vida e também sobre *As mil e uma noites*. Não deixe de conferir!

**ATIVIDADE 1 Primeiro conto...**

Você vai ler agora a primeira história narrada por Shahrazad ao rei Shahriyar. Ao terminar a leitura, responda às questões propostas.

**O mercador e o gênio**

Disse Shahrazad: conta-se, ó rei venturoso, de parecer bem orientado, que certo mercador vivia em **próspera** condição, com abundantes **cabedais**, **dadivoso**, proprietário de escravos e servos, de várias mulheres e filhos; em muitas terras ele investira, concedendo empréstimos ou contraindo dívidas. Em dada manhã, ele viajou para um desses países: montou um de seus animais, no qual pendurara um **alforje** com bolinhos e tâmaras que lhe serviriam como **farnel**, e partiu em viagem por dias e noites, e Deus já escrevera que ele chegaria bem e **incólume** à terra para onde rumava; resolveu ali seus negócios, ó rei venturoso, e retomou o caminho de volta para sua terra e seus parentes. Viajou por três dias; no quarto, como fizesse muito calor e aquele caminho **inóspito** e desértico fervesse, e tendo avistado um **oásis** adiante, correu até lá a fim de se refrescar em suas sombras. Dirigiu-se para o pé de uma noqueira a cujo lado havia uma fonte de água corrente e ali se sentou, antes amarrando a montaria e pegando o alforje, do qual retirou o farnel: bolinhos e um pouco de tâmaras. Pôs-se a comer as tâmaras, jogando os caroços à direita e à esquerda, até que se saciou. Em seguida levantou-se, fez **abluções** e rezou. Quando terminou os últimos gestos da prece, antes que ele se desse conta, aproximara-se um velho gênio cujos pés estavam na terra e cuja cabeça tocava as nuvens, empunhando uma espada desembainhada. O gênio se achegou, parou diante dele e disse: “Levante-se para que eu o mate com esta espada, do mesmo modo que você matou meu filho!”, e deu uns gritos com ele. Ao ver o gênio e ouvir-lhe as palavras, o mercador ficou atemorizado e, invadido pelo pânico, disse: “E por qual crime vai me

matar, meu senhor?”. O gênio respondeu: “Pelo crime de ter matado o meu filho”. O mercador perguntou: “E quem matou o seu filho?”. Respondeu o gênio: “Você matou o meu filho”. Perguntou o mercador: “Por Deus que eu não matei o seu filho! Quando e como isso se deu?”. O gênio respondeu: “Não foi você que estava aqui sentado, e que tirou tâmaras da mochila, pondo-se a comê-las e a jogar os caroços à direita e à esquerda?”. O mercador respondeu: “Sim, eu fiz isso”. O gênio disse: “Foi assim que você matou o meu filho, pois, quando começou a jogar os caroços à direita e à esquerda, meu filho começara logo antes a caminhar por aqui, e então um caroço o atingiu e matou. Agora, me é absolutamente **imperioso** matar você”. O mercador disse: “Não faça isso, meu senhor!”. Respondeu o gênio: “É imperioso que eu o mate, assim como você matou o meu filho. A morte se paga com a morte”. O mercador disse: “A Deus pertencemos e a ele retornaremos; não há poderio nem força senão em Deus altíssimo e poderoso. Se eu de fato o matei, não foi senão por equívoco de minha parte. Eu lhe peço que me perdoe”. O gênio respondeu: “Por Deus que é absolutamente imperioso matá-lo, do mesmo modo que você matou meu filho”, e, puxando-o, atirou-o ao chão e ergueu a espada para golpeá-lo. O mercador chorou, lamentou-se por seus familiares, esposa e filhos. Enquanto a espada estava erguida, o mercador chorou até molhar as roupas e disse: “Não há poderio nem força senão em Deus altíssimo e poderoso”, e recitou os seguintes versos:

“O tempo é composto de dois dias, um seguro, outro ameaçador,  
e a vida é composta de duas partes, uma pura, outra **turva**.

Pergunte a quem **urdiu** as idas e vindas do tempo:

será que o tempo só maltrata a quem tem importância?

Acaso não se vê que a ventania, ao formar as tempestades,  
não atinge senão as árvores de altas copas?

De tantas plantas verdes e secas existentes sobre a terra,  
somente se apedrejam aquelas que têm frutas;

nos céus existem incontáveis estrelas,  
mas em eclipse só entram o sol e a lua.

Pois é, você pensa bem dos dias quando tudo vai bem,  
e não teme as reviravoltas que o destino reserva;

nas noites você passa bem, e com elas se ilude,  
mas no sossego da noite é que sucede a torpeza”.

Quando o mercador encerrou o choro e os versos, o gênio disse: “Por Deus que é imperioso matá-lo, mesmo que chore sangue, assim como você matou meu filho”. O mercador perguntou: “É absolutamente imperioso para você?”. Respondeu o gênio: “Para mim é imperioso”. E tornou a erguer a espada para golpeá-lo.

Então a aurora alcançou Shahrazad e ela parou de falar. A mente do rei Shahriyar ficou ocupada com o restante da história e, nessa primeira manhã, Dinarzad disse à irmã: “Como são belas e espantosas as suas histórias!”. Respondeu Shahrazad: “Isso não é nada perto do que vou contar na próxima noite, caso eu viva e caso este rei me poupe. A continuação da história é melhor e mais espantosa do que o relato de hoje”. E o rei pensou: “Por Deus que eu não a matarei até escutar o restante da história. Mas na próxima noite eu a matarei”. Depois, quando bem amanheceu, o dia clareando e o sol raiando, o rei se levantou e foi cuidar de seu reino e de suas deliberações. O vizir, pai de Shahrazad, ficou admirado e contente com aquilo. E o rei Shahriyar ficou distribuindo ordens e julgando os casos apresentados até o cair da noite, quando entrou em casa e se dirigiu para a cama acompanhado por Shahrazad. Dinarzad disse à irmã: “Por Deus, maninha, se acaso você não estiver dormindo, conte-me uma de suas belas historinhas para que possamos atravessar acordados esta noite”. E o rei disse: “Que seja a conclusão da história do gênio e do mercador, pois meu coração está ocupado com ela”. Ela disse: “Com muito gosto, honra e orgulho, ó rei venturoso”.

Disse Shahrazad: [*Começa a 2ª noite das espantosas histórias das mil e uma noites...*]

*Livro das mil e uma noites*. Mamede Mustafa Jarouche (trad.). São Paulo: Globo, 2005, vol. 3, p. 56-59.



## Glossário

### Ablução

Ritual comum a várias religiões; purificação por meio da água.

### Alforje

Sacola de viagem que se dobra ao meio, acomodando o peso nos dois lados.

### Cabedal

Patrimônio, riqueza, posses.

### Dadivoso

Generoso, presenteador.

### Farnel

Saco, trouxa onde se colocam coisas para viagem.

### Imperioso

Necessário, forçoso.

### Incólume

São e salvo, inatingido.

### Inóspito

Inabitável, áspero, rude.

### Oásis

Pequena região fértil em pleno deserto, por causa da presença de água.

### Próspero

Afortunado, feliz, ditoso.

### Turvo

Encoberto, escuro.

### Urdir

Tecer, fiar, tramar.

**1** No começo da história, são apresentados os fatos iniciais que situam o leitor diante do que será contado. Responda:

a) Que informações são apresentadas sobre o personagem principal da história?

---

---

b) Que informações são apresentadas sobre a viagem que o personagem principal precisa fazer? Como ele se prepara?

---

---

---

**2** Ainda no início da história, lê-se: “e Deus já escrevera que ele chegaria bem e incólume à terra para onde rumava; resolveu ali seus negócios, ó rei venturoso, e retomou o caminho de volta para sua terra e seus parentes”. Caso a volta também transcorresse sem acidentes, em sua opinião, a história prenderia a atenção do leitor? Justifique sua resposta.

---

---

---

**3** Relendo o início da história, o que o personagem faz de diferente que pode mudar o rumo dos acontecimentos?

---

---

---

**4** O que gerou o conflito entre o mercador e o gênio? Esse conflito, em sua opinião, desperta no leitor expectativas em relação à continuação da história?

---

---

---

**5** Qual é o momento de maior tensão, o momento em que o leitor “perde a respiração” lendo a história?

---

---

**6** É chamada de desfecho (ou desenlace, ou conclusão) a solução do conflito. O desfecho pode ser surpreendente, feliz, trágico, cômico etc. No caso da história *O mercador e o gênio*, há um desfecho? Justifique sua resposta.

---

---



## Enredo e verossimilhança

Contos populares e literários se estruturam sobre cinco elementos. Uma história é formada por fatos – o *enredo* –, por *personagens* que vivem os fatos, num determinado *tempo* e *lugar* (ou espaço). O quinto elemento na prosa de ficção é o *narrador*, que faz o leitor conhecer a história a partir de determinado ângulo de visão, de uma perspectiva.

Ao longo desta Unidade, à medida que forem lidos e analisados os contos, cada um desses elementos será estudado de modo mais aprofundado, começando pelo **enredo**.

O **enredo** é a intriga, a história que os personagens vivem no desenrolar do conto. Um enredo geralmente tem situação inicial, conflito, clímax e desfecho, mas, é importante observar, os acontecimentos não precisam ser apresentados necessariamente nessa ordem. Em alguns contos, o narrador pode utilizar a técnica da retrospectiva, ou *flashback*, trazendo recordações de acontecimentos passados em meio a fatos que acontecem no tempo “presente” da narrativa. O *clímax* do texto é o ponto em que o interesse do leitor pelo que pode acontecer se mostra mais intenso, ou seja, é a parte do enredo em que os acontecimentos centrais ganham o máximo de tensão para os personagens envolvidos.

Dessa forma, o enredo é composto por uma **exposição** (ou **introdução**, ou **apresentação**), em que geralmente são apresentados os fatos iniciais, os personagens, algumas indicações de tempo e de espaço; uma **complicação** – a maior parte da narrativa, marcada pela tensão entre o desejo do personagem principal e algo ou alguém que impede a realização desse desejo; o clímax – o momento culminante da história, o momento de maior tensão; o **desfecho** (ou **desenlace**, ou **conclusão**) – a solução surpreendente, feliz, trágica, cômica etc. do conflito.

Algo fundamental que se aplica às narrativas e está relacionado ao enredo é o conceito de **verossimilhança**, que é a coerência ou lógica interna da história. Os fatos narrados, mesmo inventados, devem decorrer uns dos outros, desenrolar-se de forma que o leitor aceite que possam de fato ter ocorrido. É muito importante perceber que, para que os fatos sejam verossímeis, eles não precisam ser verdadeiros, ou seja, não precisam ter acontecido na vida real. O que torna um texto

verossímil é a maneira lógica como as ações são narradas dentro do enredo. Você acha que a história *O mercador e o gênio*, que você leu, pode ser considerada verossímil, mesmo que tão fantástica?

Recupere a sequência dos fatos: o mercador preparou-se para fazer uma longa viagem por uma região inóspita e desértica; na volta, “como fizesse muito calor”, correu até um oásis, para refrescar-se sob umas árvores. (Nada mais natural, não é? Um desvio para fugir do Sol, descansar de tão penosa viagem e alimentar-se.) O mercador então come as tâmaras, que estavam no alforje. Os caroços são atirados à direita e à esquerda (um gesto que qualquer pessoa poderia fazer, ao comer frutas que têm caroços!) e isso, por fim, desencadeia um novo fato. A verossimilhança é percebida quando um fato se torna causa do outro. Cada fato tem um porquê que acarreta uma consequência, o que pode implicar novos fatos para a história.

## HORA DA CHECAGEM

Confira suas respostas. Ao lê-las, atente-se ao que escreveu e observe se é necessário ajustar, corrigir ou completar alguma coisa.

### Atividade 1 - Primeiro conto...

**1** Confira se você transcreveu as seguintes informações:

**a)** O personagem principal é um mercador que possuía grandes bens (“próspera condição, com abundantes cabedais”), tanto em terras como em mercadorias e dinheiro; tinha à sua disposição um grande número de empregados (“escravos e servos”, “várias mulheres e filhos”)...

**b)** O mercador tinha de resolver negócios em um país distante, “e partiu em viagem por dias e noites”. Preparou-se levando “um alforje com bolinhos e tâmaras”.

**2** Provavelmente, você respondeu que não. O que faz prender a atenção do leitor é o conflito, a tensão nos fatos da história.

**3** Você observou que o mercador, por causa do calor, faz um desvio e vai parar no lugar onde aparece o gênio?

**4** No conto, aparentemente o que gerou o conflito foi a acusação que o gênio fez: o mercador ter matado o filho com um dos caroços das tâmaras que tinha jogado. Esse conflito desperta expectativas no leitor em relação à continuação da história: o mercador vai escapar da ameaça? O gênio vai perdôá-lo?

**5** É possível que você tenha respondido que o momento de maior tensão, que faz o leitor “perder a respiração”, é quando o gênio, mesmo depois de tanto choro e versos dito pelo mercador, volta a erguer a espada para golpear-lo.

**6** Você deve ter respondido que não há desfecho. É essa a estratégia de Shahzarad para continuar viva: manter a curiosidade do rei Shahriyar, não contando o desfecho das histórias.





Como você já viu, a partir do século XIX, o conto passa a nascer com uma formatação escrita e com autoria, de modo geral, definida. Segundo muitos estudiosos, esse gênero atingiu seu esplendor nesse mesmo século, quando autores de vários países, como os franceses Honoré de Balzac e Gustave Flaubert, o estadunidense Edgar Allan Poe, o português Eça de Queirós, os brasileiros Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Arthur Azevedo e Lima Barreto, entre outros, passaram a escrever esse gênero textual. No século XX, outros autores brasileiros se destacaram escrevendo contos, entre eles Mário de Andrade, João Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Dalton Trevisan, Marina Colasanti. Há muitos autores que são excelentes contistas e escrevem em língua portuguesa. Nas bibliotecas e salas de leitura você encontra ainda uma grande quantidade de publicações de contos traduzidos para o português.

O conto é um gênero bastante versátil que assume formas variadas, abertas a experiências e inovações, como Carlos Drummond de Andrade escreve no prefácio do livro *Contos plausíveis*:

[...] tudo pode mesmo acontecer em matéria de contos, ou melhor, no interior deles. [...]

ANDRADE, Carlos Drummond de. Estes contos. In: \_\_\_\_\_. *Contos plausíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 15. Carlos Drummond de Andrade © Grafiã Drummond. <<http://www.carlosdrummond.com.br>>

## O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Leve em conta sua experiência de vida e as ideias apresentadas acima para responder às questões a seguir:

- Você acha que os enredos dos contos orais podem ter características diferentes dos enredos dos contos escritos? Justifique sua resposta.

---

---

---

- Uma notícia apresenta características narrativas, mas difere do conto em relação à intenção ou à função social. Com que intenção um autor escreve um conto?

---

---

---



## Apresentando Machado de Assis

Um dos maiores escritores da literatura brasileira é Machado de Assis. Ele nasceu em 1839, no Rio de Janeiro (RJ), filho de uma portuguesa dos Açores e de um pintor de parede filho de escravos. Assim, de origem humilde, começou a trabalhar muito cedo, vendendo balas para ajudar na manutenção da casa, após a morte dos pais. Mais tarde, trabalhou como caixeiro em livraria, tipógrafo e revisor e depois como jornalista e cronista. Aos poucos, revelou-se um amante e conhecedor da língua portuguesa. Em poucos anos dedicados à produção escrita, tornou-se referência na literatura nacional e desenvolveu um estilo próprio, cujo traço mais característico nos contos e romances é a ironia. Esse traço pode ser encontrado na abertura de *Várias histórias*, livro publicado em 1896, que reúne diversos contos, entre os quais *Uns braços*, que você lerá. No prefácio desse livro, Machado escreve que não é o tamanho que faz mal aos contos, mas a qualidade... E completa:

[...] mas há sempre uma qualidade nos contos, que os torna superiores aos grandes romances, se uns e outros são medíocres: é serem curtos.

ASSIS, Machado de. Advertência. In: \_\_\_\_\_. *Várias histórias*. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/contos/macn005.pdf>>. Acesso em: 5 set. 2014.

Os contos de Machado de Assis, longe de ser medíocres, constituem uma parte fundamental da obra desse autor, um dos mais estudados dentro e fora do Brasil. O escritor faleceu em 1908, no Rio de Janeiro.

Você vai ler agora *Uns braços*, um dos contos mais apreciados por especialistas em literatura brasileira.

### ATIVIDADE

#### 1 Conto de Machado de Assis

Nesta atividade, você vai ler um conto mais longo, que foi dividido em duas partes (como se fosse uma das histórias d'*As mil e uma noites*).

Como será que “acabará” a primeira parte?

**1** Faça primeiro uma leitura silenciosa, consultando o glossário sempre que precisar. Depois, releia em voz alta, prestando atenção ao modo como a história é narrada. Repare que o narrador sabe tudo, inclusive o que os personagens pensam e sonham.

## Uns braços

Machado de Assis

Inácio estremeceu, ouvindo os gritos do **solicitador**, recebeu o prato que este lhe apresentava e tratou de comer, debaixo de uma trovoada de nomes, malandro, cabeça de vento, estúpido, maluco.

– Onde anda que nunca ouve o que lhe digo? Hei de contar tudo a seu pai, para que lhe sacuda a preguiça do corpo com uma boa vara de marmelo, ou um pau; sim, ainda pode apanhar, não pense que não. Estúpido! Maluco!

– Olhe que lá fora é isto mesmo que você vê aqui, continuou, voltando-se para D. Severina, senhora que vivia com ele maritalmente, há anos. Confunde-me os papéis todos, erra as casas, vai a um escrivão em vez de ir a outro, troca os advogados: é o diabo! É o tal sono pesado e contínuo. De manhã é o que se vê; primeiro que acorde é preciso quebrar-lhe os ossos... Deixe; amanhã hei de acordá-lo a pau de vassoura!

D. Severina tocou-lhe no pé, como pedindo que acabasse. Borges **espeitorou** ainda alguns **impropérios**, e ficou em paz com Deus e os homens.

Não digo que ficou em paz com os meninos, porque o nosso Inácio não era propriamente menino. Tinha quinze anos feitos e bem feitos. Cabeça inculta, mas bela, olhos de rapaz que sonha, que adivinha, que indaga, que quer saber e não acaba de saber nada. Tudo isso posto sobre um corpo não destituído de graça, ainda que malvestido. O pai é barbeiro na Cidade Nova, e pô-lo de agente, escrevente, ou que quer que era, do solicitador Borges, com esperança de vê-lo no foro, porque lhe parecia que os procuradores de causas ganhavam muito. Passava-se isto na Rua da Lapa, em 1870.

Durante alguns minutos não se ouviu mais que o tinir dos talheres e o ruído da mastigação. Borges abarrotava-se de alface e vaca; interrompia-se para virgular a oração com um golpe de vinho e continuava logo calado.

Inácio ia comendo devagarinho, não ousando levantar os olhos do prato, nem para colocá-los onde eles estavam no momento em que o terrível Borges o descompôs. Verdade é que seria agora muito arriscado. Nunca ele pôs os olhos nos braços de D. Severina que se não esquecesse de si e de tudo.

Também a culpa era antes de D. Severina em trazê-los assim nus, constantemente. Usava mangas curtas em todos os vestidos de casa, meio palmo abaixo do ombro; dali em diante ficavam-lhe os braços à mostra. Na verdade, eram belos e cheios, em harmonia com a dona, que era antes grossa que fina, e não perdiam a cor nem a maciez por viverem ao ar; mas é justo explicar que ela os não trazia assim por faceira, senão porque já gastara todos os vestidos de mangas compridas. De pé, era muito vistosa; andando, tinha meneios engraçados; ele, entretanto, quase que só a via à mesa, onde, além dos braços, mal poderia mirar-lhe o busto. Não se pode dizer que era bonita; mas também não era feia. Nenhum adorno; o próprio penteado

consta de mui pouco; alisou os cabelos, apanhou-os, atou-os e fixou-os no alto da cabeça com o pente de tartaruga que a mãe lhe deixou. Ao pescoço, um lenço escuro, nas orelhas, nada. Tudo isso com vinte e sete anos floridos e sólidos.

Acabaram de jantar. Borges, vindo o café, tirou quatro charutos da **algibeira**, comparou-os, apertou-os entre os dedos, escolheu um e guardou os restantes. Aceso o charuto, fincou os cotovelos na mesa e falou a D. Severina de trinta mil cousas que não interessavam nada ao nosso Inácio; mas enquanto falava, não o descompunha e ele podia **devanear à larga**.

Inácio demorou o café o mais que pôde. Entre um e outro gole alisava a toalha, arrancava dos dedos pedacinhos de pele imaginários ou passava os olhos pelos quadros da sala de jantar, que eram dous, um S. Pedro e um S. João, registros trazidos de festas encaixilhados em casa. Vá que disfarçasse com S. João, cuja cabeça moça alegre as imaginações católicas, mas com o austero S. Pedro era demais. A única defesa do moço Inácio é que ele não via nem um nem outro; passava os olhos por ali como por nada. Via só os braços de D. Severina, – ou porque **sorrateiramente** olhasse para eles, ou porque andasse com eles impressos na memória.

– Homem, você não acaba mais? bradou de repente o solicitador.

Não havia remédio; Inácio bebeu a última gota, já fria, e retirou-se, como de costume, para o seu quarto, nos fundos da casa. Entrando, fez um gesto de zanga e desespero e foi depois encostar-se a uma das duas janelas que davam para o mar. Cinco minutos depois, a vista das águas próximas e das montanhas ao longe restituía-lhe o sentimento confuso, vago, inquieto, que lhe doía e fazia bem, alguma coisa que deve sentir a planta, quando abotoa a primeira flor. Tinha vontade de ir embora e de ficar. Havia cinco semanas que ali morava, e a vida era sempre a mesma, sair de manhã com o Borges, andar por audiências e cartórios, correndo, levando papéis ao selo, ao distribuidor, aos escritões, aos oficiais de justiça. Voltava à tarde, jantava e recolhia-se ao quarto, até a hora da ceia; ceava e ia dormir. Borges não lhe dava intimidade na família, que se compunha apenas de D. Severina, nem Inácio a via mais de três vezes por dia, durante as refeições. Cinco semanas de solidão, de trabalho sem gosto, longe da mãe e das irmãs; cinco semanas de silêncio, porque ele só falava uma ou outra vez na rua; em casa, nada.

“Deixe estar, – pensou ele um dia – fujo daqui e não volto mais.”

Não foi; sentiu-se agarrado e acorrentado pelos braços de D. Severina. Nunca vira outros tão bonitos e tão frescos. A educação que tivera não lhe permitia encará-los logo abertamente, parece até que a princípio afastava os olhos, vexado. Encarou-os pouco a pouco, ao ver que eles não tinham outras mangas, e assim os foi descobrindo, mirando e amando. No fim de três semanas eram eles, moralmente falando, as suas tendas de repouso. Aguentava toda a trabalhadeira de fora, toda a melancolia da solidão e do silêncio, toda a grosseria do patrão, pela única paga de ver, três vezes por dia, o famoso par de braços.

Naquele dia, enquanto a noite ia caindo e Inácio estirava-se na rede (não tinha ali outra cama), D. Severina, na sala da frente, recapitulava o episódio do jantar e, pela primeira vez, desconfiou alguma coisa. Rejeitou a ideia logo, uma criança! Mas há ideias que são da família das moscas teimosas: por mais que a gente as sacuda, elas tornam e pousam. Criança? Tinha quinze anos; e ela advertiu que entre o nariz e a boca do rapaz havia um princípio de rascunho de buço. Que admira que começasse a amar? E não era ela bonita? Esta outra ideia não foi rejeitada, antes aflagada e beijada. E recordou então os modos dele, os esquecimentos, as distrações, e mais um incidente, e mais outro, tudo eram sintomas, e concluiu que sim.

– Que é que você tem? disse-lhe o solicitador, estirado no **canapé**, ao cabo de alguns minutos de pausa.

– Não tenho nada.

– Nada? Parece que cá em casa anda tudo dormindo! Deixem estar, que eu sei de um bom remédio para tirar o sono aos dorminhocos...

E foi por ali, no mesmo tom zangado, fuzilando ameaças, mas realmente incapaz de as cumprir, pois era antes grosseiro que mau. D. Severina interrompia-o que não, que era engano, não estava dormindo, estava pensando na comadre Fortunata. Não a visitavam desde o Natal; por que não iriam lá uma daquelas noites? Borges **redarguia** que andava cansado, trabalhava como um negro, não estava para visitas de **parola**, e descompôs a comadre, descompôs o compadre, descompôs o afilhado, que não ia ao colégio, com dez anos! Ele, Borges, com dez anos, já sabia ler, escrever e contar, não muito bem, é certo, mas sabia. Dez anos! Havia de ter um bonito fim: – vadio, e o **côvado** e meio nas costas. A tarimba é que viria ensiná-lo.

D. Severina apaziguava-o com desculpas, a pobreza da comadre, o **caiporismo** do compadre, e fazia-lhe carinhos, a medo, que eles podiam irritá-lo mais. A noite caíra de todo; ela ouviu o tlic do lampião do gás da rua, que acabavam de acender, e viu o clarão dele nas janelas da casa fronteira. Borges, cansado do dia, pois era realmente um trabalhador de primeira ordem, foi fechando os olhos e pegando no sono, e deixou-a só na sala, às escuras, consigo e com a descoberta que acaba de fazer.

Tudo parecia dizer à dama que era verdade; mas essa verdade, desfeita a impressão do assombro, trouxe-lhe uma complicação moral que ela só conheceu pelos efeitos, não achando meio de discernir o que era. Não podia entender-se nem equilibrar-se, chegou a pensar em dizer tudo ao solicitador, e ele que mandasse embora o fedelho. Mas que era tudo? Aqui estacou: realmente, não havia mais que suposição, coincidência e possivelmente ilusão. Não, não, ilusão não era. E logo recolhia os indícios vagos, as atitudes do mocinho, o acanhamento, as distrações, para rejeitar a ideia de estar enganada. Daí a pouco, (**capciosa** natureza!) refletindo que seria mau acusá-lo sem fundamento, admitiu que se iludisse, para o único fim de observá-lo melhor e averiguar bem a realidade das cousas.



Já nessa noite, D. Severina mirava por baixo dos olhos os gestos de Inácio; não chegou a achar nada, porque o tempo do chá era curto e o rapazinho não tirou os olhos da xícara. No dia seguinte pôde observar melhor, e nos outros otimamente. Percebeu que sim, que era amada e temida, amor adolescente e virgem, retido pelos **liames** sociais e por um sentimento de inferioridade que o impedia de reconhecer-se a si mesmo. D. Severina compreendeu que não havia reçar nenhum desacato, e concluiu que o melhor era não dizer nada ao solicitador; poupava-lhe um desgosto, e outro à pobre criança. Já se persuadia bem que ele era criança, e **assentou** de o tratar tão secamente como até ali, ou ainda mais. E assim fez; Inácio começou a sentir que ela fugia com os olhos, ou falava áspero, quase tanto como o próprio Borges. De outras vezes, é verdade que o tom da voz saía brando e até meigo, muito meigo; assim como o olhar geralmente esquivo, tanto errava por outras partes, que, para descansar, vinha pousar na cabeça dele; mas tudo isso era curto.

– Vou-me embora, repetia ele na rua como nos primeiros dias.

Chegava a casa e não se ia embora. Os braços de D. Severina fechavam-lhe um parênteses no meio do longo e fastidioso período da vida que levava, e essa oração intercalada trazia uma ideia original e profunda, inventada pelo céu unicamente para ele. Deixava-se estar e ia andando. Afinal, porém, teve de sair, e para nunca mais; eis aqui como e por quê.

[continua]

ASSIS, Machado de. *Uns braços*. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=1967](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1967)>. Acesso em: 18 ago. 2014.



## Glossário

### Algibeira

Bolso que faz parte da roupa.

### Assentar

Resolver.

### Caiporismo

Infelicidade constante, sem tréguas.

### Canapé

Espécie de sofá com encosto e braços.

### Capcioso

Manhoso, ardiloso.

### Côvado

Medida linear antiga que valia três palmos.

### Devanear à larga

Fantasiar muito.

### Espeitorar

Dizer com raiva.

### Impropério

Insulto.

### Liame

Vínculo, ligação.

### Parola

Conversa mole, conversa oca.

### Redarguir

Responder.

### Solicitador

Procurador legalmente habilitado para requerer em juízo ou promover o andamento de negócios forenses.

### Sorrateiramente

Ocultamente, de forma escondida.

Agora, responda às questões a seguir.

**a)** O conto *Uns braços* começa com o solicitador Borges apresentando Inácio. Como é a apresentação que esse personagem faz do rapaz?

---

---

---

**b)** No parágrafo 5, o narrador do texto também apresenta Inácio. Em que a apresentação do narrador difere da do solicitador?

---

---

---

**c)** Por que Inácio se demora o mais que pode na sala?

---

---

---

**d)** No parágrafo 15, D. Severina descobre que Inácio a ama. O que levou D. Severina a fazer essa descoberta?

---

---

---

**e)** No parágrafo 24, o narrador anuncia sobre Inácio: “Chegava a casa e não se ia embora. [...] Deixava-se estar e ia andando. Afinal, porém, teve de sair, e para nunca mais; eis aqui como e por quê”. Esse trecho prepara o leitor para qual parte do enredo? Justifique a resposta.

---

---

---

**2** Como será que continua a história de D. Severina e Inácio? Pensando na época em que esse conto se passa, o que é possível prever?

Faça a leitura como fez a da primeira parte: primeiro, silenciosamente, consultando o glossário sempre que precisar. Depois, em voz alta, prestando atenção ao modo como a história é narrada. Está curioso para saber o desfecho desse conto?

[continuação]

D. Severina tratava-o desde alguns dias com benignidade. A rudeza da voz parecia acabada, e havia mais do que brandura, havia desvelo e carinho. Um dia recomendava-lhe que não apanhasse ar, outro, que não bebesse água fria depois do café quente, conselhos, lembranças, cuidados de amiga e mãe, que lhe lançaram na alma ainda maior inquietação e confusão. Inácio chegou ao extremo de confiança de rir um dia à mesa, cousa que jamais fizera; e o solicitador não o tratou mal dessa vez, porque era ele que contava um caso engraçado, e ninguém pune a outro pelo aplauso que recebe. Foi então que D. Severina viu que a boca do mocinho, graciosa estando calada, não o era menos quando ria.

A agitação de Inácio ia crescendo, sem que ele pudesse acalmar-se nem entender-se. Não estava bem em parte nenhuma. Acordava de noite, pensando em D. Severina. Na rua, trocava de esquinas, errava as portas, muito mais que dantes, e não via mulher, ao longe ou ao perto, que lha não trouxesse à memória. Ao entrar no corredor da casa, voltando do trabalho, sentia sempre algum alvoroço, às vezes grande, quando dava com ela no topo da escada, olhando através das grades de pau da cancela, como tendo acudido a ver quem era.

Um domingo, – nunca ele esqueceu esse domingo, – estava só no quarto, à janela, virado para o mar, que lhe falava a mesma linguagem obscura e nova de D. Severina. Divertia-se em olhar para as gaivotas, que faziam grandes giros no ar, ou pairavam em cima d'água, ou avoaçavam somente. O dia estava lindíssimo. Não era só um domingo cristão; era um imenso domingo universal.

Inácio passava-os todos ali no quarto ou à janela, ou relendo um dos três folhetos que trouxera consigo, contos de outros tempos, comprados a tostão, debaixo do passadiço do Largo do Paço. Eram duas horas da tarde. Estava cansado, dormira mal a noite, depois de haver andado muito na véspera; estirou-se na rede, pegou em um dos folhetos, a **Princesa Magalona**, e começou a ler. Nunca pôde entender por que é que todas as heroínas dessas velhas histórias tinham a mesma cara e talhe de D. Severina, mas a verdade é que os tinham. Ao cabo de meia hora, deixou cair o folheto e pôs os olhos na parede, donde, cinco minutos depois, viu sair a dama dos seus cuidados. O natural era que se espantasse; mas não se espantou. Embora com as pálpebras cerradas viu-a desprender-se de todo, parar, sorrir e andar para a rede. Era ela mesma, eram os seus mesmos braços.

É certo, porém, que D. Severina, tanto não podia sair da parede, dado que houvesse ali porta ou rasgão, que estava justamente na sala da frente ouvindo os passos do solicitador que descia as escadas. Ouviu-o descer; foi à janela vê-lo sair e só se recolheu quando ele se perdeu ao longe, no caminho da Rua das Mangueiras. Então entrou e foi sentar-se no canapé. Parecia fora do natural, inquieta, quase maluca; levantando-se, foi pegar na jarra que estava em cima do aparador e deixou-a no

mesmo lugar; depois caminhou até à porta, deteve-se e voltou, ao que parece, sem plano. Sentou-se outra vez cinco ou dez minutos. De repente, lembrou-se que Inácio comera pouco ao almoço e tinha o ar abatido, e advertiu que podia estar doente; podia ser até que estivesse muito mal.

Saiu da sala, atravessou rasgadamente o corredor e foi até o quarto do mocinho, cuja porta achou escancarada. D. Severina parou, espiou, deu com ele na rede, dormindo, com o braço para fora e o folheto caído no chão. A cabeça inclinava-se um pouco do lado da porta, deixando ver os olhos fechados, os cabelos revoltos e um grande ar de riso e de beatitude.

D. Severina sentiu bater-lhe o coração com veemência e recuou. Sonhara de noite com ele; pode ser que ele estivesse sonhando com ela. Desde madrugada que a figura do mocinho andava-lhe diante dos olhos como uma tentação diabólica. Recuou ainda, depois voltou, olhou dous, três, cinco minutos, ou mais. Parece que o sono dava à adolescência de Inácio uma expressão mais acentuada, quase feminina, quase **pueril**. “Uma criança!” disse ela a si mesma, naquela língua sem palavras que todos trazemos conosco. E esta ideia abateu-lhe o alvoroço do sangue e dissipou-lhe em parte a turvação dos sentidos.

“Uma criança!”

E mirou-o lentamente, fartou-se de vê-lo, com a cabeça inclinada, o braço caído; mas, ao mesmo tempo que o achava criança, achava-o bonito, muito mais bonito que acordado, e uma dessas ideias corrigia ou corrompia a outra. De repente estremeceu e recuou assustada: ouvira um ruído ao pé, na saleta do engomado; foi ver, era um gato que deitara uma tigela ao chão. Voltando devagarinho a espia-lo, viu que dormia profundamente. Tinha o sono duro a criança! O rumor que a abalara tanto, não o fez sequer mudar de posição. E ela continuou a vê-lo dormir, – dormir e talvez sonhar.

Que não possamos ver os sonhos uns dos outros! D. Severina ter-se-ia visto a si mesma na imaginação do rapaz; ter-se-ia visto diante da rede, risonha e parada; depois inclinar-se, pegar-lhe nas mãos, levá-las ao peito, cruzando ali os braços, os famosos braços. Inácio, namorado deles, ainda assim ouvia as palavras dela, que eram lindas, cálidas, principalmente novas, – ou, pelo menos, pertenciam a algum idioma que ele não conhecia, posto que o entendesse. Duas, três e quatro vezes a figura esvaía-se, para tornar logo, vindo do mar ou de outra parte, entre gaivotas, ou atravessando o corredor com toda a graça robusta de que era capaz. E tornando, inclinava-se, pegava-lhe outra vez das mãos e cruzava ao peito os braços, até que inclinando-se, ainda mais, muito mais, abrochou os lábios e deixou-lhe um beijo na boca.

Aqui o sonho coincidiu com a realidade, e as mesmas bocas uniram-se na imaginação e fora dela. A diferença é que a visão não recuou, e a pessoa real tão depressa cumprira o gesto, como fugiu até a porta, vexada e medrosa. Dali passou à sala da frente, aturdida do que fizera, sem olhar fixamente para nada. Afiava o ouvido, ia até o fim do corredor, a ver se escutava algum rumor que lhe dissesse que ele acordara,

e só depois de muito tempo é que o medo foi passando. Na verdade, a criança tinha o sono duro; nada lhe abria os olhos, nem os fracassos contíguos, nem os beijos de verdade. Mas, se o medo foi passando, o vexame ficou e cresceu. D. Severina não acabava de crer que fizesse aquilo; parece que embrulhara os seus desejos na ideia de que era uma criança namorada que ali estava sem consciência nem **imputação**; e, meia mãe, meia amiga, inclinara-se e beijara-o. Fosse como fosse, estava confusa, irritada, aborrecida, mal consigo e mal com ele. O medo de que ele podia estar fingindo que dormia apontou-lhe na alma e deu-lhe um calafrio.

Mas a verdade é que dormiu ainda muito, e só acordou para jantar. Sentou-se à mesa **lépido**. Conquanto achasse D. Severina calada e severa e o solicitador tão ríspido como nos outros dias, nem a rispidez de um, nem a severidade da outra podiam dissipar-lhe a visão graciosa que ainda trazia consigo, ou amortecer-lhe a sensação do beijo. Não reparou que D. Severina tinha um xale que lhe cobria os braços; reparou depois, na segunda-feira, e na terça-feira, também, e até sábado, que foi o dia em que Borges mandou dizer ao pai que não podia ficar com ele; e não o fez zangado, porque o tratou relativamente bem e ainda lhe disse à saída:

- Quando precisar de mim para alguma cousa, procure-me.
- Sim, senhor. A Sra. D. Severina...
- Está lá para o quarto, com muita dor de cabeça. Venha amanhã ou depois despedir-se dela.

Inácio saiu sem entender nada. Não entendia a despedida, nem a completa mudança de D. Severina, em relação a ele, nem o xale, nem nada. Estava tão bem! Falava-lhe com tanta amizade! Como é que, de repente... Tanto pensou que acabou supondo de sua parte algum olhar indiscreto, alguma distração que a ofendera, não era outra cousa; e daqui a cara fechada e o xale que cobria os braços tão bonitos... Não importa; levava consigo o sabor do sonho. E através dos anos, por meio de outros amores, mais efetivos e longos, nenhuma sensação achou nunca igual à daquele domingo, na Rua da Lapa, quando ele tinha quinze anos. Ele mesmo exclama às vezes, sem saber que se engana:

E foi um sonho! Um simples sonho!

ASSIS, Machado de. *Uns braços*. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=1967](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1967)>. Acesso em: 18 ago. 2014.

## Glossário

### **Imputação**

Ato ou efeito de imputar; inculcação.

### **Lépido**

Jovial, contente, alegre.

### **Princesa Magalona**

Personagem dos contos populares portugueses; mulher vistosa, elegante.

### **Pueril**

De criança.

a) Com melhor tratamento recebido por parte de D. Severina, como ficaram os sentimentos de Inácio?

---

---

b) No parágrafo 29, está o seguinte trecho: “estava justamente na sala da frente ouvindo os passos do solicitador que descia as escadas. Ouviu-o descer; foi à janela vê-lo sair e só se recolheu quando ele se perdeu ao longe, no caminho da Rua das Mangueiras”. O que você acha do comportamento de D. Severina? Que relação é possível estabelecer entre esse comportamento e o beijo que ela dá em Inácio?

---

---

---

c) Qual é o trecho de máxima tensão na história?

---

---

---

d) Por que, no desfecho do conto, Inácio saiu sem entender nada?

---

---

**3** Agora que você já estudou as duas partes do conto, que tal fazer uma leitura do texto inteiro, para entender ainda melhor o enredo? Após essa leitura, responda:

Se você tivesse de escolher uma alternativa que melhor representasse o tema do conto *Uns braços*, qual escolheria?

- a) O conto trata de um amor entre pessoas de idades diferentes.
- b) O conto trata da gratuidade da paixão.
- c) O conto trata da luta de um jovem para vencer na vida.
- d) O conto mostra que, às vezes, a verdade do sonho é oposta à da realidade.



### Lendo a obra em seu contexto

Na historiografia literária, o Realismo é considerado o movimento artístico e literário que começa em 1881, com a publicação de três obras: *O mulato*, do escritor



Aluísio Azevedo; *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *O alienista*, ambos de Machado de Assis. Esse movimento literário estende-se até, praticamente, as duas primeiras décadas do século XX, quando a Semana de Arte Moderna em São Paulo marca a mudança de padrões literários (estéticos) que caracteriza o movimento modernista.

É importante ter em conta, portanto, que, quando você lê a obra de Machado de Assis, lê uma obra que foi escrita em outra época, num momento em que importantes transformações econômicas, políticas e sociais aconteciam no Brasil: a Monarquia, representada por D. Pedro II, entrava em decadência; a Lei Áurea (a que libertou os escravos), de 1888, criava uma nova realidade social no País; a mão de obra escrava era, de certa forma, substituída pela mão de obra assalariada; a economia voltava-se para o mercado externo, pois estava livre da estrutura colonialista.

As obras ditas realistas mergulham nesse contexto econômico, histórico e social e frequentemente revelam o interesse pelo funcionamento e pela organização da sociedade. Também vão fundo na apresentação dos traços psicológicos dos personagens – ou seja, traços que são percebidos observando o interior da pessoa. As atitudes de uma pessoa e as declarações que ela faz de si mesma revelam traços psicológicos.

É importante lembrar que leitores do século XXI são diferentes de leitores do século XIX. O primeiro público machadiano reunia pessoas da elite burguesa, que viviam nos principais centros urbanos brasileiros e que estavam familiarizadas com os romances românticos. Por isso, os leitores do século XXI podem estranhar as palavras raras, o estilo irônico, a organização impecável do texto e os tipos de personagens (o que vivem e como se comportam). Em outras palavras, ler um texto escrito em outro tempo é um enorme desafio.

Lê-lo considerando seu contexto, isto é, observando o que traz consigo da sociedade que o gerou ou que quer retratar, é o que permite viajar no tempo e estabelecer relações entre a obra lida, a época em que foi escrita e a atual.

A experiência literária não só permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Você vive numa época muito diferente da de Machado de Assis, mas, graças ao que ele escreveu, pode aproximar-se dela.



#### ASSISTA!

##### Língua Portuguesa – Volume 3

##### *Machado de Assis, um clássico*

Para conhecer mais sobre a vida de um dos maiores escritores brasileiros, veja esse vídeo. Nele você aprenderá mais sobre esse escritor, que produziu grandes clássicos da literatura nacional e que ao longo da vida escreveu romances, contos, crônicas, peças teatrais e até poemas.

No conto que você leu, é possível perceber várias características da sociedade do século XIX. Basta observar como era o cotidiano de Inácio: trabalhava nos serviços de recado para o Borges, que era solicitador. Durante todo o dia corria pelos cartórios, encontrava-se com advogados e clientes. Aos domingos, permanecia o tempo todo em seu quarto. D. Severina e Inácio, ao que parece, apaixonam-se. Mas é amor tímido e velado. Ele timidamente contemplava os braços descobertos de D. Severina, que só ficavam assim dentro de casa e porque os vestidos de manga longa tinham se gastado. Após o beijo, Inácio é obrigado a abandonar a casa, por vontade de D. Severina, que tinha medo de que Inácio pudesse ter fingido que dormia quando foi beijado por ela. Os desejos sufocados, o medo, a vergonha, a consciência vigilante sobrepõem-se à paixão.



## Outros elementos estruturais das narrativas

### Narrador

Narrador é quem conta a história. Uma história pode ser narrada de muitas maneiras: por um narrador não participante ou por um personagem que convive com os outros na história narrada. Seja qual for o tipo, observando o narrador é possível identificar o **foco narrativo**, ou seja, o ângulo de visão, o ponto de vista ou a perspectiva de onde se conta a história.

Tradicionalmente, na teoria literária, o narrador que está do lado de fora das situações narradas é chamado narrador em 3ª pessoa, pois conta a história em 3ª pessoa, sem participar dela (é um *ele* que fala). Esse tipo de narrador é **observador**, se não penetrar na subjetividade dos personagens, ou **onisciente**, se contar com segurança o dentro das situações ou o dentro dos personagens – ou seja, tudo o que aconteceu e vai acontecer, tudo o que os personagens sonham e pensam. Pode acontecer também de a onisciência não ser total, de o narrador conhecer apenas parte do que acontece e se identificar intimamente com apenas um personagem.

Observe os exemplos:

Exemplo 1 – Narrador em 3ª pessoa, do tipo observador

Garcia, em pé, mirava e estalava as unhas; Fortunato, na cadeira de balanço, olhava para o tecto; Maria Luísa, perto da janela, concluía um trabalho de agulha. Havia já cinco minutos que nenhum deles dizia nada. [...]

Repare como o narrador está fora da história (3ª pessoa) e como apenas observa a atitude dos personagens, sem contar o que pensam. Observa o que fazem durante os cinco minutos em que ficam em silêncio. O narrador observador se comporta como uma testemunha, como se fosse uma “máquina filmadora” dos fatos.

Já o narrador em 3ª pessoa onisciente conhece intimamente os personagens, tece comentários, sabe dos sentimentos e dos pensamentos, dirigindo o leitor.

Exemplo 2 – Narrador em 3ª pessoa, do tipo onisciente

[...] Não podia entender-se nem equilibrar-se, chegou a pensar em dizer tudo ao solicitador, e ele que mandasse embora o fedelho. Mas que era tudo? Aqui estacou: realmente, não havia mais que suposição, coincidência e possivelmente ilusão. Não, não, ilusão não era. E logo recolhia os indícios vagos, as atitudes do mocinho, o acanhamento, as distrações, para rejeitar a ideia de estar enganada. [...]

ASSIS, Machado de. *Uns braços*. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=1967](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1967)>. Acesso em: 18 ago. 2014.

Observe como, no exemplo acima, o narrador está “dentro da cabeça” do personagem, contando o que ele está pensando.

Se o narrador participa da história, ou seja, é um dos personagens, tem-se uma narração em 1ª pessoa. Observe as palavras destacadas. Elas dão pistas do narrador.

Exemplo 3 – Narrador-personagem, em 1ª pessoa

Nunca **pude** entender a conversação que **tive** com uma senhora, há muitos anos, contava **eu** dezessete, ela trinta. Era noite de Natal. Havendo ajustado com um vizinho irmos à missa do galo, **preferi** não dormir; **combinei** que **eu** iria acordá-lo à meia-noite. [...]

ASSIS, Machado de. *Missa do galo*. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=1931](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1931)>. Acesso em: 18 ago. 2014. (ênfases adicionadas)

Repare que o narrador está contando uma história da qual participa. Os acontecimentos que são narrados são vividos por ele. Quando acontece isso, ele é chamado de **narrador-personagem**.

## Personagem

Personagem é uma ficção da pessoa humana, uma imitação, uma invenção. Às vezes é verossímil, isto é, graças aos **recursos de caracterização** (os elementos que os autores utilizam para descrever e definir o personagem), tem-se a impressão de vida, configurando-se diante do leitor. Um autor é capaz de dar a impressão de que

o personagem que inventou é um ser muito parecido com as pessoas que conhecemos. Os personagens podem ser contraditórios, cheios de conflitos interiores, infinitos em sua riqueza.

Dependendo do papel que o personagem de ficção ocupa, ele poderá ser *protagonista* – ou seja, terá o papel principal –, e seus opositores serão os *antagonistas*. Se desempenhar um papel secundário, o personagem será chamado *coadjuvante*, isto é, será auxiliar do personagem principal.

No conto *Uns braços*, Inácio e D. Severina têm o papel principal. O solicitador Borges, que no início do conto xinga Inácio, faz papel de personagem antagonista.

O personagem também poderá ser linear ou complexo. No primeiro caso, o comportamento do personagem não costuma mudar e é bastante previsível. Por exemplo, o herói das novelas de TV (ou o mocinho das histórias de aventuras) é sempre bom, honesto, justiceiro e altruísta, isto é, é muito generoso com os semelhantes. No segundo caso, o comportamento do personagem é imprevisível. É capaz de fazer o bem e o mal, de ser justo e injusto, de sentir amor e ódio etc.

Os autores mostram a complexidade do personagem ao leitor de duas maneiras: pelo que fazem (as ações) e pelo que pensam. Veja o caso de D. Severina no conto *Uns braços*. Ela não queria acreditar no que estava sentindo. Daí procurar convencer-se de que Inácio era uma criança. Mas, ao pensar que Inácio podia estar doente, trata de inventar uma desculpa para entrar no quarto e beijá-lo. Depois a personagem não podia acreditar no que tinha feito. Ficou confusa, irritada, aborrecida, mal consigo e mal com ele... Teve medo de Inácio estar fingindo que dormia.

## Tempo

O tempo é um elemento central na organização do conto, pois as indicações temporais ajudam na organização dos fatos da história. É muito importante em um conto observar como a passagem de tempo é sentida pelos personagens. É possível que um conto de muitas páginas narre apenas os fatos de algumas horas. É interessante observar também os casos em que há uma distância de tempo entre a ocorrência dos acontecimentos narrados e o momento em que são contados.

No conto *Uns braços*, há várias expressões que indicam tempo. Por exemplo: “Passava-se isto na Rua da Lapa, em 1870”. Ou “Inácio demorou o café o mais que pôde”; “Cinco minutos depois, a vista das águas próximas [...]”; “Havia cinco semanas que ali morava, e a vida era sempre a mesma [...]”; “Cinco semanas de solidão, de trabalho sem gosto [...]”; “No fim de três semanas eram eles, moralmente falando, as suas tendas de repouso”; “Um domingo, – nunca ele esqueceu esse domingo, – estava só no quarto, à janela [...]”.

## Espaço

Espaço é onde acontece a história, os cenários em que atuam os personagens. Os personagens literários atuam em espaços e reagem ao mundo em que vivem. Observando o espaço, é possível configurar traços dos personagens e da própria história. No conto *Uns braços*, o cenário principal é a casa do solicitador, sobretudo a sala de jantar e o quarto em que estava hospedado Inácio.

### ATIVIDADE 2 Conto brasileiro contemporâneo

Você vai ler agora um conto que foi publicado originalmente em 2001, no livro *Secreções, excreções e desatinos*, do escritor Rubem Fonseca (1925-). De acordo com o ensaísta e professor Alfredo Bosi, Rubem Fonseca inaugura uma nova corrente na literatura contemporânea, conhecida por literatura *brutalista*.

Esse conto é um dos 14 que formam o livro, que mostra aspectos biológicos e anatômicos de forma incomum. Prepare-se para ler uma história que apresenta uma realidade assustadora, e que está muito próxima de todas as pessoas.

É importante fazer primeiro uma leitura silenciosa, para conhecer o **enredo** do conto. Depois, você pode fazer uma nova leitura, então em voz alta, prestando atenção ao modo como é narrado.

Repare que o conto começa com um diálogo entre o médico Roberto e o narrador, mas não aparecem os travessões. Observe também que o narrador é o personagem principal (narrador em 1ª pessoa). Daí o tom de confissão, de cumplicidade entre ele e o leitor.

### Beijinhos no rosto

Rubem Fonseca

A sua bexiga terá que ser removida inteiramente, disse Roberto. E nesses casos prepara-se um lugar para a urina ser armazenada, antes de ser excretada. Uma parte do seu intestino será convertida num pequeno saco, ligado aos ureteres. A urina desse receptáculo será direcionada para uma bolsa colocada em uma abertura na sua parede abdominal. Estou descrevendo esse procedimento em linguagem leiga para que você possa entender. Essa bolsa será oculta pelas suas roupas e terá que ser esvaziada periodicamente. Fui claro?

Foi, respondi acendendo um cigarro.

Gostaria de marcar a cirurgia para logo depois desses exames que estou pedindo. Já lhe falei da relação entre o câncer da bexiga e o fumo?

Não me lembro.

Três em cada cinco casos de câncer na bexiga são ligados ao fumo. Esse vínculo entre o fumo e o câncer da bexiga é especialmente forte entre os homens.

Prometo que vou deixar de fumar.

Este ano, no mundo, ocorrerão cerca de trezentos mil novos casos de câncer de bexiga.

É mesmo?

É o quarto tipo de câncer mais comum e a sétima causa de morte por câncer.

Tive vontade de mandar o Roberto parar de me chatear, mas ele, além de meu médico, era meu amigo.

O câncer de bexiga, ele continuou, pode ocorrer em qualquer idade, mas usualmente atinge pessoas com mais de cinquenta anos. Você faz cinquenta anos no mês que vem. É um mês mais velho do que eu.

Estou atrasado para um compromisso, tenho que ir, Roberto.

Não se esqueça de fazer os exames.

Saí correndo. Eu não tinha encontro algum. Queria fumar outro cigarro em paz. E também precisava encontrar alguém que me arranjasse um revólver. Lembrei-me do meu irmão.

Telefonei para ele.

Você ainda tem aquela arma?

Tenho. Por quê?

Quer vender?

Não.

Você não tem medo de que um dos teus filhos ache o revólver e dê um tiro na cabeça do outro? Uma coisa assim aconteceu outro dia. Deu no jornal.

Meu revólver está trancado numa gaveta.

O desse infeliz, segundo dizia o jornal, também.

Eu não li nada sobre isso.



Você sempre diz que só lê a manchete do jornal. Isso não dá manchete, acontece todo dia.

E como é que foi?

O menino estava brincando de mocinho e bandido com o irmão e a desgraça aconteceu. Qualquer dia vou ler no jornal que um sobrinho meu matou o outro numa brincadeira.

Deixa de ser agourento.

Vou passar aí hoje à noite.

Chegando na casa do meu irmão ele me disse, olha aqui esta gaveta, você acha que dois pirralhos podem arrombar essa fechadura?

Podem.

Como?

Quer ver eu arrombar essa merda?

Você é um adulto.

Onde é que está a Helena?

Está no quarto.

Chama ela aqui.

Contei para a mulher dele a tal notícia do jornal, que eu inventara.

Vivo pedindo ao Carlos para se livrar dessa porcaria, mas ele não me ouve, disse Helena.

Eu vim aqui para comprar o revólver, mas esse idiota não quer vender.

O que você vai fazer com o revólver?, perguntou Carlos.

Nada. Possuí-lo, apenas. Eu sempre quis ter um revólver.

Helena e o meu irmão discutiram algum tempo. Ela venceu o debate ao dizer que um dos meninos podia pegar o chaveiro quando meu irmão estivesse dormindo, ou quando ele esquecesse o chaveiro num lugar onde os moleques pudessem achar, ou em outra ocasião qualquer. Afinal, Carlos abriu a gaveta e tirou o revólver.

E você, para piorar as coisas, mantém esse troço carregado, eu disse, depois de examinar a arma.

Maluco irresponsável, disse Helena, furiosa, você sempre me disse que o revólver não tinha balas. Olha, deixa o seu irmão levar essa porcaria com ele, agora. Do contrário eu saio de casa e levo as crianças.

Peguei o revólver e fui para o meu apartamento. Telefonei para a minha namorada. Senti vontade de ir ao banheiro, mas sabia que ia ver sinais de sangue na urina, o que sempre me dava calafrios. Isso podia atrapalhar o meu encontro. Urinei de olhos fechados e também de olhos fechados acionei a válvula de descarga várias vezes.

Enquanto esperava minha namorada, fiquei pensando no futuro, fumando e tomando uísque. Eu não ia ficar a vida inteira enchendo com xixi uma bolsa colada no corpo, que depois tinha que ser esvaziada, sei lá de que maneira. Como eu poderia ir à praia? Como poderia fazer amor com uma mulher? Imaginei o horror que ela sentiria ao ver aquela coisa.

Minha namorada chegou e fomos para a cama.

Você está preocupado com alguma coisa, ela disse, depois de algum tempo.

Não estou me sentindo bem.

Não se preocupe, querido, podemos ficar apenas conversando, adoro conversar com você.

Essa é uma das piores frases que um homem pode ouvir quando está nu com uma mulher nua na cama.

Levantamos e nos vestimos sem olhar um para o outro. Fomos para a sala. Conversamos um pouco. Minha namorada olhou para o relógio, disse tenho que ir, querido, me deu uns beijinhos no rosto, foi embora e eu dei um tiro no peito.

Mas esta história não termina aqui. Eu devia ter atirado na cabeça, mas foi no peito e não morri.

Durante a convalescença, Roberto me visitou várias vezes para dizer que tínhamos pouco tempo, mas ainda podíamos fazer a cirurgia da bexiga, com êxito.

Isso foi feito. Agora eu esvazio com facilidade a bolsa de urina. Ela fica bem escondida sob a roupa, ninguém percebe que está ali, sobre o meu abdome. O câncer parece que foi extirpado. Não tenho mais namorada e estou viciado em palavras cruzadas. Deixei de ir à praia. Fui uma vez, para jogar o revólver no mar.

**1** Agora, responda às questões:

**a)** O conto começa e o narrador não faz nenhuma introdução ou apresentação dos personagens. Quais pistas o autor fornece ao leitor para que se perceba que Roberto é médico?

---

---

---

---

**b)** Por que o narrador, depois do encontro com o médico, precisava encontrar alguém que lhe arranjasse um revólver?

---

---

---

---

**c)** Na conversa por telefone com o irmão, o narrador diz: “Uma coisa assim aconteceu outro dia. Deu no jornal”. Por que o narrador inventou uma notícia?

---

---

---

---

**d)** O narrador, enquanto esperava a namorada, ficava pensando no futuro, fumando e tomando uísque. O que ele pensava?

---

---

---

---

**e)** Em que parágrafo ocorre o momento culminante ou clímax da história? Recupere os principais acontecimentos do conto até o momento mais intenso.

---

---

---

---

---

---

f) Em relação ao narrador, assinale a alternativa correta:

- É um narrador em 3ª pessoa que se posiciona fora dos fatos narrados.
- É um narrador que sabe tudo sobre a história.
- É um narrador em 1ª pessoa ou narrador-personagem, que participa diretamente do enredo como os outros personagens.
- É um narrador intruso que fala com o leitor.
- É um narrador que se identifica com determinado personagem da história.

g) Em relação aos personagens da história, escreva as principais características:

• do protagonista/narrador:

---

---

---

• da namorada do narrador:

---

---

---

2 Em relação ao desfecho do conto, você o considerou:

- surpreendente.
- feliz.
- trágico.
- cômico.
- previsível.

Justifique sua resposta.

---

---



Depois de ler e interpretar alguns contos, o que, em sua opinião, torna esse gênero tão atraente aos leitores? Pense a respeito, retomando o que mais gostou nos contos lidos nesta Unidade.

## HORA DA CHECAGEM

### Atividade 1 - Conto de Machado de Assis

#### 1

- a) Você deve ter percebido que a apresentação que o solicitador Borges faz de Inácio é a pior possível. Inácio é chamado de “malandro, cabeça de vento, estúpido, maluco”.
- b) O narrador conta que Inácio tinha 15 anos, tinha a “cabeça inculta, mas bela, olhos de rapaz que sonha, que adivinha, que indaga, que quer saber e não acaba de saber nada” e andava malvestido. Não é difícil perceber que a apresentação do narrador é mais completa e generosa.
- c) Você deve ter respondido que Inácio se demora à mesa para ficar contemplando os braços de D. Severina.
- d) Você pode ter respondido que D. Severina recapitulou o que tinha acontecido no jantar; recordou os modos dele (Inácio), os esquecimentos, as distrações e todos os incidentes.
- e) O narrador prepara o leitor para o conflito, que vai prender sua atenção.

#### 2

- a) Você pode ter respondido que, com o melhor tratamento recebido, Inácio ficou muito agitado, perturbado, desnortado.
- b) A passagem “Ouviu-o descer; foi à janela vê-lo sair e só se recolheu quando ele se perdeu ao longe [...]” comprova que o beijo que D. Severina dá em Inácio foi premeditado.
- c) O clímax poderia ser representado pelo trecho: “Aqui o sonho coincidiu com a realidade, e as mesmas bocas uniram-se na imaginação e fora dela. A diferença é que a visão não recuou, e a pessoa real tão depressa cumprira o gesto, como fugiu até a porta, vexada e medrosa. Dali passou à sala da frente, aturdida do que fizera, sem olhar fixamente para nada”.
- d) No final do conto, diante da completa mudança de comportamento de D. Severina, Inácio saiu sem entender nada: “Estava tão bem! Falava-lhe com tanta amizade! Como é que, de repente... Tanto pensou que acabou supondo de sua parte algum olhar indiscreto, alguma distração que a ofendera, não era outra cousa [...]”.

#### 3

Alternativa correta: **b**. Embora o texto conte a história de Inácio e D. Severina (o amor entre pessoas de idades diferentes) e, também, justifique a presença de Inácio na casa do solicitador Borges por questões de trabalho (a luta de um jovem para vencer na vida), esses não são o tema central do conto. O beijo que D. Severina dá em Inácio, enquanto ele sonha que está sendo beijado por ela, mostra que às vezes o sonho não é o oposto da realidade. Assim, você deve ter percebido que o conto trata da gratuidade da paixão, de como os braços de D. Severina despertam o amor de Inácio – e de como o amor do rapaz faz despertar o interesse dela.

### Atividade 2 - Conto brasileiro contemporâneo

#### 1

- a) Você deve ter percebido que Roberto é médico pela maneira como conversa com o narrador-personagem, quando diz: “Estou descrevendo esse procedimento em linguagem leiga para que você possa entender”.





## TEMAS

1. Variedades da língua
2. Falar e escrever

## Introdução

Na Unidade 1, você viu que a linguagem verbal (oral e escrita) ocupa um lugar fundamental na vida humana. Nesta Unidade, serão abordados aspectos da língua portuguesa falada no Brasil, mais propriamente suas variedades e diversidades.

A língua é um fenômeno cultural, histórico e social que varia de acordo com o tempo, o lugar, a situação e os falantes. Você vai ver que não se fala nem se escreve uma única língua.

### Variedades da língua **TEMA 1**

Um dos objetivos do estudo da variedade linguística é perceber que a língua portuguesa, assim como todas as outras línguas, pode variar. Por que há diferenças entre o português do Brasil e o de Portugal? Como devem ser os usos da linguagem em situações mais formais e convencionais?

Neste tema, você vai pensar em questões como essas para compreender por que a língua se transforma constantemente e por que suas variações são sua maior riqueza.



### O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Leve em conta sua experiência de vida e as ideias apresentadas acima para responder às questões a seguir:

- Você acha que o português que se fala atualmente no Brasil, no século XXI, pode ser considerado diferente do que se falava antigamente? Por quê?

---

---

---

- Muitos afirmam que os brasileiros não sabem falar sua língua materna. Você concorda com essa opinião? Por quê?
- 
- 



## A língua portuguesa

A maioria dos habitantes do Brasil e de Portugal tem a língua portuguesa como língua materna, ou seja, sua primeira língua. Mas um brasileiro, quando ouve um português falar, pode ter dificuldades para compreendê-lo. A pronúncia, a construção das frases, o sentido de algumas palavras do português de Portugal são diferentes e podem gerar um questionamento: Se é português, por que não compreendo? O estranhamento pode aumentar quando isso acontece entre falantes brasileiros. Em outras palavras, é também possível que brasileiros de regiões diferentes possam ter, em determinadas situações, alguma dificuldade para se entender. Você arriscaria dizer por quê?

No livro *Pequena gramática do português brasileiro* (2012), os autores Ataliba de Castilho e Vanda Maria Elias dizem que, depois de observar algumas palavras que uma pessoa fala ou escreve para outra, é possível dizer muitas coisas sobre ela: identificar as características sociais (onde nasceu, nível sociocultural, idade), o modo que escolheu para se comunicar (língua falada, língua escrita) e o registro que selecionou (fala espontânea, fala formalizada). O que isso significa?

Significa que a língua portuguesa, assim como as outras línguas do mundo, dá identidade linguística ao seu falante e pode variar. Pode haver **variação geográfica** (brasileiros do Norte, do Nordeste, do Sudeste, do Centro-Oeste e do Sul não falam exatamente do mesmo jeito); pode haver **variação em função do segmento social** do qual o falante procede (se a pessoa é escolarizada, ela fala ou escreve de modo diferente de uma pessoa que não frequentou escolas); pode haver também **variação em função dos diferentes graus de intimidade** entre as pessoas e da situação comunicativa (entre familiares usa-se linguagem informal; no trabalho, dependendo da situação, usa-se uma linguagem formal); também pode haver **variação se a modalidade de linguagem usada for a falada ou a escrita**; há também variação: por faixa etária (os jovens não falam como as pessoas mais velhas e vice-versa); histórica (o português que se fala e se escreve hoje é diferente do que se falava e se escrevia antigamente).

Uma língua, portanto, não existe de forma absoluta, e os falantes nativos de regiões diferentes, em contextos variados, lançam mão de variedades que serão estudadas a seguir.

## Variedades linguísticas

Ao estudarmos nossa língua materna, não deixamos de estudar também nossa identidade cultural, histórica e social. Graças à língua que falamos e escrevemos, interagimos, dividimos nossa visão de mundo, nos sentimos pertencentes a um grupo, a uma comunidade. Graças à língua que falamos, escutamos, lemos e escrevemos, reafirmamos nossa condição de gente, de sujeito histórico, que vive em um determinado tempo e espaço. Como escreve a linguista Irandé Antunes em seu livro *Muito além da gramática – por um ensino de línguas sem pedras no caminho* (2007), uma língua mobiliza crenças, institui e reforça valores. Daí já é possível concluir que estudar uma língua é muito mais do que simplesmente apontar nos textos falados ou escritos “erros” e “acertos” de gramática.

Os falantes nativos de uma determinada língua fazem usos diferenciados dela, ou seja, empregam **variedades** dessa língua. Cada variedade é legítima, isto é, tem razão de existir, pois é eficiente nas situações em que é usada. Caso contrário, ela simplesmente não existiria. É importante frisar que, apesar de a fala ser a utilização individual da língua, ninguém está “sozinho” em seu modo de falar. As variedades que existem e que podem ser identificadas são frutos de diferentes comunidades linguísticas, são sempre geridas coletivamente e têm sua própria gramática, seu conjunto de regras de funcionamento. Por exemplo, a comunidade linguística de pescadores do Rio Grande do Norte utilizará expressões, canções e piadas que podem se diferenciar das usadas por executivos que trabalham em bancos na Avenida Paulista, em São Paulo (SP). Exemplos assim poderiam se multiplicar...

Desde muito cedo, na primeira infância, interioriza-se e usa-se com propriedade a gramática da língua falada que se aprende. Qualquer pessoa que fala uma língua sabe sua gramática mesmo que não tenha consciência disso! (Não existe língua sem gramática!) Mas, se é assim, por que, às vezes, tem-se a impressão de não saber gramática? Por que é comum ouvir alguém dizer que a língua portuguesa é “a mais complicada que existe”?

Para tentar responder a essas perguntas, é necessário refletir um pouco sobre os sentidos da palavra gramática.

Podem-se chamar de *gramática* as regras que definem o funcionamento de determinada língua que vai sendo incorporada de forma intuitiva e natural no convívio com os outros, ao participar de atividades sociais de uso dessa língua

(conversas com familiares, amigos e pessoas em geral que falam a mesma língua). Você vai aprendendo alguns aspectos dessa gramática, ouvindo, falando, escrevendo. Não há um momento especial nem alguém como um professor que precise ensiná-la.

Mas gramática também se refere ao conjunto de **normas que regulam o uso da norma culta**, que, segundo o linguista Carlos Alberto Faraco, é

[...] a norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial por aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social.

FARACO, Carlos Alberto. Desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (Org.). *Linguística da norma*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 40.

A norma culta é a variedade da língua que se aprende na escola e em outras situações da vida formal e pública.

Apesar de a norma culta ser uma variedade utilizada em algumas situações e em alguns gêneros, muitas vezes não é vista como tal.

A norma culta é vista como **norma ideal** ou **norma-padrão**, que corresponderia a um uso da língua tido como modelo, correto, segundo as regras estipuladas pelas gramáticas normativas.

[...] como [a língua] *deve ser*, sem considerar o *que de fato é*, o *que de fato acontece*, sobretudo entre os usuários [...]

ANTUNES, Irlandé. *Muito além da gramática*: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 92.

Como a norma culta é a representação do que seria falar e escrever bem, isto é, “sem erros”, é a variedade da língua mais prestigiada pelos segmentos mais ricos e escolarizados da população, ainda que seu uso também não seja exatamente o que prevê a gramática normativa.

É importante observar que a norma culta se aplica às **situações formais** em que se usam a fala e/ou a escrita. Como você sabe, em muitas situações sociais, é necessário o uso da linguagem mais formalizada e convencional. Nada impede, no entanto, que você use também a norma culta em contextos de informalidade, mesmo que possa parecer estranho ou pedante.

Já o contrário, isto é, o uso da língua não culta em situações formais, pode ser considerado inadequado, pois, como já visto, a norma culta é a norma prestigiada.

Percebeu por que é importante estudar alguns usos da norma culta na escola?

A variedade linguística que se usa com mais frequência pode ser bem diferente da variedade que se aprende na escola. É muito importante que a escola ensine a norma culta, mas é bem possível que, ao estudar essa variedade da língua, você tenha a sensação de que está aprendendo uma “nova” língua.

A norma culta é a variedade eleita para ser referência para alguns gêneros orais e escritos. As leis do Estado são escritas nessa norma, os artigos científicos, alguns textos jornalísticos e filosóficos também. É importante que todos conheçam o funcionamento dessa variedade.

Isso não significa que ela, por isso, seja “melhor”, “mais certa”, “mais bonita” nem que você tenha de deixar de usar completamente sua variedade de origem e outras variedades situacionais. Para interagir com o mundo, é preciso adequar os usos da língua às diversas situações. Nas situações formais, convém usar uma linguagem formal; nas situações informais, há possibilidade de usar outras variedades, dependendo do contexto.

Mas não pense que a norma culta de hoje é igual à de alguns séculos atrás. Se é uma variedade da língua, ela também sofre variações, é móvel e flexível, e vai incorporando, lentamente, as mudanças propostas pelos falantes. Toda língua viva é realmente dinâmica. É por isso que dicionários e gramáticas lançados mais recentemente já incorporam explicações para usos da língua que as gramáticas mais antigas recriminam e consideram erros.



### VOCÊ SABIA?

O português não é a única língua falada no Brasil. Conforme pesquisas realizadas por linguistas, no Brasil de 1500 havia ao menos 1.200 povos que falavam línguas distintas. Desde o século XVI, 210 línguas foram identificadas e catalogadas: 30 são consideradas extintas, e 180 estão ainda em uso no Brasil – sendo que, dessas, 110 são faladas por grupos com menos de 500 pessoas, correndo, portanto, o risco de ser extintas. As línguas mais ameaçadas são o trumai, com 50 falantes entre 150 índios, e o iualapiti, com cinco falantes em um grupo de 230 índios.

Vale lembrar também que se falam aqui no Brasil línguas de povos que imigraram. Na cidade de Pomerode, em Santa Catarina, muitos moradores usam o alemão como primeira língua. Em comunidades quilombolas de várias regiões do Brasil, além do português, diversas línguas africanas são faladas.

**ATIVIDADE** **1** Que língua usamos no Brasil?

Você vai ler um trecho de um artigo do historiador e editor Jaime Pinsky, publicado no jornal *Correio Braziliense* no dia 11 de abril de 2010. Nele, o autor comenta o lançamento da *Nova gramática do português brasileiro*, de Ataliba Castilho, e cita exemplos de como a língua portuguesa pode variar. Leia atentamente o artigo e responda às questões que serão propostas.

11 de abril de 2010

**CORREIO BRAZILIENSE** | OPINIÃO

## Que língua usamos no Brasil?

**Jaime Pinsky**

[...] O novo acordo ortográfico implantado em nosso país deu a muitos a falsa impressão de que Portugal e Brasil estão se reaproximando no uso da língua compartilhada por eles. Nada mais errado. Uma coisa é a ortografia, bem ou mal estabelecida por decreto, outra, o uso da língua. E, como já disse aqui, língua, ao contrário deatum, não se congela. Em Portugal, por exemplo, ainda se aplica o pronome vós, enquanto no Brasil nem escreventes de cartórios ou advogados **parnasianos** fazem uso

da segunda pessoa do plural. Mesmo o tu, usado em alguns estados brasileiros, conjuga-se quase sempre como terceira pessoa, no lugar de você, não na segunda pessoa do singular. Usos tão distintos da língua exigem gramáticas diferentes. Resta, é claro, a posição elitista de desqualificar o uso que os brasileiros fazem da própria língua, opondo uma suposta gramática normativa a essa gramática de uso, mas isso soa tão falso quanto um vós à solta, não achais, senhores? [...]

PINSKY, Jaime. *Que língua usamos no Brasil?* Disponível em: <[http://www.jaimepinsky.com.br/site/main.php?page=artigo&artigo\\_id=183](http://www.jaimepinsky.com.br/site/main.php?page=artigo&artigo_id=183)>. Acesso em: 13 nov. 2014.



### Parnasiano

Pode referir-se a escritores adeptos do movimento literário que surgiu na França entre 1860 e 1870. No artigo de Jaime Pinsky, a palavra aparece no sentido de *escrever difícil*.

**1** O autor Jaime Pinsky afirma que, ao contrário deatum, a língua não se congela. De que forma ele prova essa afirmação?

---

---

---





## VOCÊ SABIA?

O decreto federal nº 6.583, de 29 de setembro de 2008, publicou o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990. Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe – os países lusófonos (que têm o português como língua oficial) – estão unificando as regras ortográficas. Até o final de 2015, viveremos um período de transição, no qual vão coexistir a norma em vigor e a norma estabelecida pelo decreto de 2008.

Segundo o linguista Carlos Faraco, “A mídia costuma apresentar o Acordo como uma unificação da língua. Há, nessa maneira de abordar o assunto, um grave equívoco. O Acordo não mexe na língua (nem poderia, já que a língua não é passível de ser alterada por leis, decretos e acordos) – ele apenas unifica a ortografia. [...] só altera a forma de grafar algumas palavras. A língua continua a mesma”.

FARACO, Carlos Alberto. *Novo acordo ortográfico*. Disponível em: <<http://www.parabolaeditorial.com.br/downloads/novoacordo2.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

**2** **Ortografia** é o conjunto de regras que informa como grafar corretamente as palavras. Você viu que a convenção ortográfica é respaldada por uma lei. O que aconteceria se cada usuário da língua resolvesse grafar as palavras segundo regras que ele mesmo inventasse?

---

---

---

---

---

---

---

---

**3** É comum ouvir no rádio, na televisão e ler nos jornais que o português está decadente, que os brasileiros escrevem e falam mal. Considerando o que leu acima, no trecho do artigo de Faraco, você acha que o autor estaria de acordo com essa afirmação?

---

---

---

---

---

---

---

---

4 Observe o quadro e use canetas de cores diferentes para fazer este exercício.

De acordo com gramáticas normativas	De acordo com gramáticas de usos
Eu	Eu
Tu	Você (tu)
Ele, ela	Ele, ela
Nós	A gente (nós)
Vós	Vocês
Eles, elas	Eles, elas

- Grife no quadro acima os pronomes que você usa com frequência no dia a dia.
- Depois, com outra cor, grife no quadro os pronomes que podem ser encontrados em textos antigos, mas raramente em textos mais modernos.

## ATIVIDADE 2 Português brasileiro

Agora você vai ler uma crônica bem brasileira! Ao lê-la, fique atento aos recursos utilizados pelo autor para criar o efeito de humor. Observe também a presença de traços da língua falada e, claro, toda a variedade do nosso idioma.

### Língua brasileira

Kledir Ramil

“Outro dia eu vinha pela rua e encontrei um mandinho comendo bergamota, um guri desses que andam sem carpim, de bragueta aberta, soltando pandorga. Eu vinha de bici, descendo a lombra pra ir na lancheria...”

Se você não é gaúcho, provavelmente não entendeu nada do que eu estava contando. No Rio Grande do Sul a gente chama tangerina de *bergamota* e carne moída de *guisado*. *Bidê*, que a maioria usa no banheiro, é o nome que nós demos pra mesinha de cabeceira, que em alguns lugares chamam de criado-mudo. E por aí vai. A privada, nós chamamos de *patente*. Dizem que começou com a chegada dos primeiros vasos sanitários de louça, vindos da Inglaterra, que traziam impresso “Patent” número tal. E pegou.

*Ir aos pés*, no Rio Grande do Sul, é fazer cocô. Eu acho tri elegante, poético. “Com licença, vou aos pés e já volto.”

O Brasil tem dessas coisas, é um país maravilhoso, com o português como língua oficial, mas cheio de dialetos diferentes.

No Rio de Janeiro é “e aí, merrmão! CB, sangue bom!”. Até eu entender que *merrmão* era “meu irmão” levou um tempo. Pra conseguir se comunicar, além de arranhar a garganta com o erre, você precisa aprender a chiar que nem chaleira velha: “Vai rolá umasch paradasch ischperrtasch”.

Em São Paulo, capital, eles botam um “i” a mais na frente do “n”: “Ôrra, meu! Tô por deintro, mas não tô inteindeindo o que eu tô veindo”. E no *interiorrrr* falam um erre todo enrolado: “A Ferrrnanda marrrcô a porrrteira”. Dá um nó na língua. A vantagem é que a pronúncia deles no inglês é ótima.

Em Mins, quer dizer, em Minas, eles engolem letras e falam *Belzonte, Nossenhora, doidemais da conta, sô!* O mineiro, quando se perde, já tem uma frase pronta: “Eu não sei quemcossô, oncotô, doncovim e proncovô”. Qualquer objeto eles chamam de *trem*, como naquela história do mineirinho na plataforma da estação. Quando ouviu um apito, falou, apontando as malas: “Muié, pega os trem que o bicho tá vindo”.

No Nordeste é tudo “meu rei, bichinho, óxente”. Pai é *painho*, mãe é *mainha*, vó é *vóinha*. E pra você conseguir falar com o acento típico da região, é só cantar a primeira sílaba de qualquer palavra numa nota mais aguda que as seguintes. As frases são sempre em escala descendente, ao contrário do sotaque gaúcho.

Mas o lugar mais interessante de todos é Florianópolis, um paraíso sobre a terra, abençoado por Nossa Senhora do Desterro. Os nativos tradicionais, conhecidos como *manezinhos da Ilha*, têm o linguajar mais simpático da nossa língua brasileira. Lagartixa, eles chamam de *crocodilinho de parede*. Helicóptero é *avião de rosca* (que deve ser lido *rôschca*). Carne moída é *boi ralado*. Se você quiser um pastel de carne, precisa pedir um *envelope de boi ralado*. Telefone público, o popular orelhão, é conhecido como *poste de prosa*. Ovo eles chamam de *semente de galinha* e motel é *lugar de instantinho*.

Dizem que isso tudo vem da colonização açoriana, inclusive a pronúncia deliciosa de algumas expressões, como “*si quéisch quéisch, se não quéisch, disch*”.

Se você estiver por lá, viajando de carro, e precisar de alguma informação sobre a estrada pra voltar pra casa, deve perguntar pela “Briói”, como é conhecida a BR 101.

Tudo isso é muito engraçado, mas às vezes dá problema sério. A primeira vez que minha mãe, gaúcha do interior, foi ao Rio de Janeiro, entrou numa padaria e pediu: “Tchê, me dá um cacete!!!”. *Cacete* pra nós é pão francês. O padeiro caiu na risada, chamou-a num canto e tentou contornar a situação. Ela ingenuamente emendou: “Mas o senhor não tem pelo menos um cacetinho?”.

N. do T. – *mandinho* é garoto, *carpim* é meia, *bragueta* é braguilha, *pandorga* é pipa, *bici* é bicicleta, *lomba* é ladeira, *lancheria* é lanchonete.

**1** A crônica mostra a diversidade do português brasileiro. De que forma o autor mostra que a língua falada no Brasil apresenta variedade?

---

---

---

---

---

**2** Na crônica, há exemplos de palavras usadas no Sul do Brasil. Transcreva essas palavras e diga quais são usadas em sua região no lugar delas. Se for necessário, consulte um dicionário.

---

---

---

---

---

**3** Qual é o sentido da palavra *dialetos* na frase: “O Brasil tem dessas coisas, é um país maravilhoso, com o português como língua oficial, mas cheio de **dialetos** diferentes.”?

---

---

---

---

---

**4** O sotaque é a pronúncia das palavras característica de uma região. Graças ao sotaque é possível saber em que região as pessoas nasceram e viveram. Seu jeito de falar assemelha-se a alguns dos sotaques que aparecem no texto? Dê exemplos.

---

---

---

---

---

**5** No final do texto, o autor escreve: “Tudo isso é muito engraçado, mas às vezes dá problema sério”. O que gera o efeito de humor no último parágrafo?

---

---

---

---

---



## HORA DA CHECAGEM

Confira agora as respostas que você deu para as atividades propostas. No momento de checá-las, verifique se o sentido do que escreveu é o mesmo, pois a resposta pode estar correta mesmo que você tenha usado palavras diferentes.

### Atividade 1 - Que língua usamos no Brasil?

- 1** O autor Jaime Pinsky prova, com exemplos, que a língua não se congela: em Portugal é usado o pronome *vós*; no Brasil é raro que se use a 2ª pessoa do plural (mas ela pode aparecer em textos bíblicos, jurídicos, em contos de fada, em telenovelas de épocas antigas). O *tu* aparece como 3ª pessoa.
- 2** Se cada usuário da língua inventasse uma regra para escrever, não existiria uma forma de grafia unificada, uma mesma palavra poderia ser grafada de muitas maneiras diferentes. Importante lembrar que já houve momentos na história em que isso acontecia. Só em 1911, Portugal realizou a primeira grande reforma ortográfica, mas ela não era extensiva ao Brasil. O primeiro acordo ortográfico entre Portugal e Brasil só foi aprovado em 1931, por iniciativa da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa.
- 3** É provável que você tenha respondido que não. O autor acredita que a língua é viva, que varia, não é fixa nem homogênea. Talvez você tenha observado a frase: “Resta, é claro, a posição elitista de desqualificar o uso que os brasileiros fazem da própria língua”. Ou seja, o autor não concorda com a ideia de que o português está decadente.
- 4** É provável que os pronomes que você grifou (como aqueles que usa com mais frequência no dia a dia) coincidam com os que estão no quadro da direita, *De acordo com gramáticas de usos*. Em textos antigos, encontram-se os pronomes *tu* e *vós*, que raramente são usados em textos modernos. Vale lembrar que em algumas regiões do Brasil o *tu* é bem presente.

### Atividade 2 - Português brasileiro

- 1** Confira se você respondeu que o autor mostra que a língua não é idêntica usando exemplos de palavras ou expressões regionais, isto é, típicas de diferentes regiões.
- 2** Os exemplos de palavras usadas no Sul do Brasil são: *mandinho* (garoto), *guri* (garoto), *carpim* (meia), *bragueta* (braguilha), *pandorga* (pipa), *bici* (bicicleta), *lomba* (ladeira), *lancheria* (lancheonete), *bergamotas* (mexericas). Entre parênteses, estão escritas as palavras como são usadas em outras regiões. Na sua região são usados os mesmos termos?

Você pode ter respondido sobre outras palavras além dessas.

- 3** Importante notar que *dialeto* está no sentido de variação, de variedades. Uma língua tem diferentes *dialetos* relacionados ao espaço geográfico.
- 4** A resposta é pessoal. É possível que você tenha respondido que supõe que o seu sotaque seja parecido com o dos paulistas do interior ou com o sotaque de pessoas de alguma outra região... É engraçado como, em contato com as pessoas de nossa comunidade, não notamos o nosso próprio sotaque.
- 5** O humor é gerado pelos sentidos diferentes que a palavra usada pela mãe do narrador (uma gaúcha) tem no Rio de Janeiro.





Você já sabe que uma língua tem variações, e que falando e escrevendo as pessoas praticam ações sociais interativas de todo o tipo: conversam descontraidamente, constroem conceitos e pensam sobre eles, emitem e publicam opiniões etc.

Este tema falará mais sobre práticas sociais que envolvem os gêneros orais e escritos e sobre os usos da fala e da escrita. Você vai aprender também algumas boas estratégias para revisar os textos que escreve. Essas estratégias certamente vão ajudá-lo a ficar mais confiante na hora de escrever.



### O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Leve em conta sua experiência de vida e as ideias apresentadas no Tema 1 para responder às questões a seguir:

- Já foi visto que as variações dizem respeito à língua como um todo e afetam as modalidades falada e escrita. Em sua opinião, em qual dessas duas modalidades as variações são mais facilmente percebidas? Por quê?

---

---

---

---

- Você se sente inibido quando tem de falar em público, na escola ou no trabalho? Por quê?

---

---

---

---

- Imagine que você precise colocar em um mural do CEEJA sua opinião sobre um assunto polêmico que está sendo muito debatido. Para realizar essa tarefa, além de informar-se o máximo sobre o assunto, o que seria essencial fazer? Justifique sua resposta.

---

---

---

---

• Um bilhete pode ser escrito em uma linguagem informal, bem semelhante à de um recado dito a uma pessoa conhecida. Em gêneros da esfera literária, o cordel pode exemplificar muito bem a pouca distância entre a fala e a escrita. Veja a lista de gêneros e assinale os que, em sua opinião, podem apresentar as modalidades falada e escrita da língua entrecruzadas.

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> História em quadrinhos  | <input type="checkbox"/> Crônicas                  |
| <input type="checkbox"/> Conversa espontânea     | <input type="checkbox"/> Debates                   |
| <input type="checkbox"/> Conversa telefônica     | <input type="checkbox"/> Cartas íntimas e pessoais |
| <input type="checkbox"/> Artigo científico       | <input type="checkbox"/> Autobiografias            |
| <input type="checkbox"/> Entrevistas de rádio    | <input type="checkbox"/> Texto teatral             |
| <input type="checkbox"/> Noticiário de televisão |  |



### Português falado, português escrito

O português falado e o escrito manifestam-se em diversos gêneros textuais. Alguns gêneros, como conversas formais, conversas telefônicas, conversas espontâneas, debates em rádio ou TV, entrevistas, aulas expositivas etc., são gêneros orais. Outros, como bulas de remédio, enunciados de questões, artigos científicos, fábulas, romances etc., são gêneros escritos. Mas há gêneros em que a modalidade falada e a escrita aparecem integradas. Por exemplo, nas canções, nas piadas, nos contos populares e no noticiário de televisão, observa-se uma forma escrita que se realiza quase como fala, e vice-versa. Isso significa que não há uma separação rígida entre a fala e a escrita, como se tratasse-se de línguas diferentes.

Mas é importante notar também que cada uma dessas modalidades (a falada e a escrita) tem especificidades e limites. Nem sempre a escrita consegue representar no papel características da modalidade falada. Como representar na escrita o tom usado ao falar, a pronúncia do português falado por brasileiros de certa região, os gestos, o movimento do corpo e dos olhos? Já parou para pensar nisso? Por outro lado, há coisas que são inerentes ao texto escrito, só a ele... como a ortografia das palavras e o uso dos sinais de pontuação.

A fala – para o linguista Luiz Antônio Marcuschi, na obra *Da fala para a escrita* (2007), “uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral” – é muito mais antiga do que a escrita. Faz dez milhões de anos

que o ser humano existe na Terra e apenas 6.000 anos que a humanidade inventou a escrita. Estudos mostram que somente cerca de 106 das milhares de línguas faladas no curso da história humana estiveram submetidas à escrita num grau suficiente para produzir literatura. O que esse fato revela?

Revela que a linguagem oral pode sobreviver sem a escrita. Mas, nas últimas décadas, por uma série de fenômenos históricos, a língua escrita ficou sendo considerada por alguns como a única “forma lógica e correta” do uso da língua, a única modalidade da língua digna de ser estudada e ensinada. Atualmente, graças ao trabalho de alguns pesquisadores que se dedicam ao estudo das práticas sociais orais, a língua falada é também vista como precioso objeto de estudo. Língua falada e escrita têm funções interativas, podem ser ou não coerentes, podem ser ou não coesas e são “colocadas em cena” com uma intenção.

Importante é perceber que você está inserido em uma sociedade que fala, escuta, lê, escreve. Ter contato com as múltiplas manifestações da produção falada e escrita dá condições de vivenciar a coexistência de diversos modos de falar e de usar a língua materna. O objetivo, ao fazer você refletir sobre algumas especificidades das modalidades falada e escrita, é ajudá-lo a descobrir caminhos para que seu texto – escrito ou falado – apareça ajustado à situação comunicativa.

## ATIVIDADE 1 Texto falado e escrito

A seguir, você lerá um trecho do livro *Grande sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa (1908-1967), escritor que nasceu em Cordisburgo, Minas Gerais. Nesta passagem do livro, o personagem Riobaldo narra o nascimento de uma criança. Leia em voz alta o trecho, para ter o prazer de pronunciar um texto escrito que reproduz a sonoridade da língua que é falada no norte de Minas Gerais. Preste atenção na construção das frases, nos sentidos das palavras, na riqueza do português brasileiro falado.

### Grande sertão: Veredas

João Guimarães Rosa

[...]

Da mulher – que me chamaram: ela não estava conseguindo botar seu filho no mundo. E era noite de luar, essa mulher assistindo num pobre rancho. Nem rancho, só um papirí à-toa. Eu fui. Abri, destapei a porta – que era simples encostada, pois

que tinha porta; só não alembro se era um couro de boi ou um tranço de buriti. Entrei no olho da casa, lua me esperou lá fora. Mulher tão precisada: pobre que não teria o com que para uma caixa-de-fósforo. E ali era um povoado só de papudos e pernós-ticos. A mulher me viu, da esteira em que estava se jazendo, no pouco chão, olhos dela alumiam de pavôres. Eu tirei da algibeira uma cédula de dinheiro, e falei: – “Toma, filha de Cristo, senhora dona: compra um agasalho para esse que vai nascer defendido e são, e que deve de se chamar Riobaldo...” Digo ao senhor: e foi menino nascendo. Com as lágrimas nos olhos, aquela mulher rebeijou minha mão... Alto eu disse, no me despedir: – “Minha Senhora Dona: um menino nasceu – o mundo tornou a começar!...” – e saí para as luas.

[...]

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 467-468. © Nonada Cultural Ltda.

Responda:

**1** O trecho que acabou de ler é narrado em 1ª pessoa. A linguagem utilizada pelo narrador assemelha-se à de uma conversa? Justifique sua resposta.

---

---

---

---

---

---

---

---

**2** Guimarães Rosa – o autor do texto – trabalhou em várias cidades do interior mineiro, sempre demonstrando profundo interesse pela natureza, pelos sertanejos e, principalmente, pela *linguagem do sertão*. O trecho que você leu pode comprovar essa afirmação? Por quê?

---

---

---

---

---

---

---

---

**3** No trecho lido há várias frases que dão um tom poético ao texto. Escolha duas frases que, para você, são escritas com *toque poético*. Justifique suas escolhas.

---

---

---

---

---

---

**4** Veja a seguir os sentidos das palavras *papudo* e *pernóstico*. Dos sentidos, quais podem se encaixar melhor no texto de Guimarães Rosa? Justifique sua resposta.

### Papudo

*Datação:* 1720

adjetivo

1 que tem papo ('búcula') grande

2 que apresenta dobras ou pregas; empapuçado

Ex.: *pálpebras p.*

adjetivo e substantivo masculino

3 Regionalismo: Brasil. Uso: informal.

que ou o que tem bom papo; bom conversador

4 que ou o que faz ou diz bravatas; fanfarrão

[...]

Dicionário Eletrônico Houaiss 3.0 em CD-ROM Nova Ortografia

### Pernóstico

*Datação:* a1959

adjetivo e substantivo masculino

1 Uso: informal.

que ou aquele que é presumido, afetado, pretensioso

2 Uso: informal.

que ou aquele que é espevitado, repontão

3 Regionalismo: Brasil.

que ou aquele que gosta de empregar termos inusuais, os quais não raro desconhece

[...]

Dicionário Eletrônico Houaiss 3.0 em CD-ROM Nova Ortografia



5 O narrador, ao final, diz: “Minha Senhora Dona: um menino nasceu – o mundo tornou a começar!...”. Em sua opinião, o que o narrador pode estar querendo dizer com essa frase?

---

---

---



## Aprimorando a escrita

Já foi comentado que as modalidades falada e escrita da língua têm semelhanças e diferenças. Falou-se de algumas especificidades de cada modalidade: na falada, há o tom, a pronúncia, a expressão facial; na escrita, há os sinais gráficos, a ortografia, a pontuação.

A ortografia é a maneira convencional de escrever as palavras de uma língua. Ao ler a divertida crônica de Kledir Ramil (1953-) (Tema 1), você viu que, dependendo da região de que provém o falante, muitas palavras ganham pronúncias diferentes. Para mostrar isso, o autor procurou escrever na crônica as palavras não de acordo com a norma, mas da maneira como ele acha que são pronunciadas. Releia um trechinho:

### Língua brasileira

Kledir Ramil

[...] Em São Paulo, capital, eles botam um “i” a mais na frente do “n”: “Ôrra, meu! Tô por **deintro**, mas não tô **inteindeindo** o que eu tô **veindo**”. E no *interiorrrr* falam um erre todo enrolado: “A **Ferrnanda marrrcô** a **porrrteira**”. Dá um nó na língua. A vantagem é que a pronúncia deles no inglês é ótima.

Em *Mins*, quer dizer, em Minas, eles engolem letras e falam **Belzonte**, **Nossenhora**, **doidemais** da conta, sô! O mineiro, quando se perde, já tem uma frase pronta: “Eu não sei quemcossô, oncotô, doncovim e proncovô”. Qualquer objeto eles chamam de trem, como naquela história do mineirinho na plataforma da estação. Quando ouviu um apito, falou, apontando as malas: “**Muié**, pega os trem que o bicho tá vindo”. [...]

RAMIL, Kledir. Língua brasileira. In: \_\_\_\_\_. *Crônicas para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014, p. 17-19. (ênfases adicionadas)

Na crônica, intencionalmente, o autor não usou a convenção ortográfica, para que o leitor percebesse mais facilmente as pronúncias diferentes de cada região. Mas você acha que esse procedimento funcionaria para escrever textos marcados por

maior formalidade? Você acha que, ao escrever um bilhete, um texto de opinião, uma receita, as palavras poderiam ser grafadas sempre da forma como são pronunciadas?

Escrever segundo uma convenção ortográfica é importante na escola e fora dela também. A maneira correta de escrever é tão valorizada que muita gente acha que texto bem escrito é texto que não contém erro ortográfico. A principal consequência dessa postura? É o medo de errar.

Por isso, uma estratégia para vencer o medo de escrever e enfrentar o desafio de colocar no papel o que se pensa é observar as diferenças entre como se pronunciam as palavras e como são escritas.

É bastante comum que escritores inexperientes se apoiem fortemente na pronúncia para grafar as palavras nos textos que produzem.

É preciso ficar atento, por exemplo, para não trocar o E por I, em palavras como “menino” (já que na fala é comum a pronúncia *minino*); não trocar O por U, em palavras como *mundo* (já que na fala é comum a pronúncia *mundu*). Também é comum na fala *reduzir* a pronúncia de certos **ditongos**. Costuma-se falar *mudô*, mas na escrita é *mudou*; fala-se *caxa* e escreve-se *caixa*; *madeira* pode ser pronunciada *madera*. Também é comum na pronúncia que o R do final dos verbos no infinitivo desapareça: fala-se *protegê* em vez de *proteger*; fala-se *dizê* em vez de *dizer*; *cantá* em vez de *cantar* etc. É comum também o acréscimo de I em palavras terminadas pelo fonema /S/ grafados com a letra S ou Z, por exemplo, *faiz* (forma pronunciada)/*faz* (forma escrita), *treis* (forma pronunciada)/*três* (forma escrita). Também em sílabas que têm uma estrutura diferente de consoante + vogal: *habitati* (forma pronunciada)/*habitat* (forma escrita).



### Ditongo

Encontro, em uma mesma sílaba, de uma vogal com uma semivogal, ou vice-versa. A semivogal é formada quando os fonemas I e U se juntam a uma vogal para formar com ela uma sílaba.

Dúvidas em relação à ortografia provocadas pela maneira como são pronunciadas as palavras podem se multiplicar: pode ocorrer troca do L por R em palavras como *problema*; troca do LH por I ou por LI (*paia/palha*, *malia/malha*); redução de palavras (como *abobra/abóbora*, *arvre/árvore*).

Além da ortografia, outro aspecto que é inerente à modalidade escrita é o uso dos **sinais de pontuação**. Eles são importantes em textos escritos por três razões fundamentais: **razão entonacional**, **razão lógica** e **razão expressiva**.

A **razão entonacional** tem a ver com a melodia textual. Os sinais de pontuação indicam pausas e mudanças na melodia do texto, sinalizando ao leitor a hora de mudar a entonação na leitura. Repare... Se a frase terminar com o sinal de interrogação,

é preciso ajustar o tom da leitura, para que fique parecendo uma pergunta. Uma coisa é ler *Vai chover hoje*. Outra é ler *Vai chover hoje?*. Observe que a última palavra da segunda frase (a que termina com um ponto de interrogação) é pronunciada em tom diferente, pois o sinal indica que é uma pergunta.

A **razão lógica** tem a ver com a ordem como as ideias vão sendo colocadas. Em vários gêneros textuais, os sinais de pontuação ajudam a organizar o texto, a evidenciar explicações, a separar os itens de uma lista. Uma vírgula fora do lugar pode mudar completamente o sentido do texto; no lugar adequado, torna-o mais claro e preciso.

A **razão expressiva** tem a ver com a sinalização de uma intenção ou estado emotivo. Usam-se os sinais de pontuação para expressar sentimentos intensos. Colocar no final de uma frase duas exclamações pode sinalizar a intensidade de sentimentos como espanto, admiração, raiva etc., dependendo do contexto. Escrever duas vezes o sinal de interrogação ao final de uma pergunta pode querer expressar indignação, por exemplo. Dependendo da forma como são usados os sinais de pontuação, carrega-se o texto de expressividade.



### Cortar, acrescentar, substituir, inverter...

Um bom modo para você aprimorar os textos escritos é aprender a revisá-los. São inúmeras as situações em que é preciso lançar mão da escrita. *E-mails*, cartas, respostas às questões, currículo, resumos do que se ouve em uma reunião ou em uma aula são textos escritos com que se lida quase diariamente.

Nessas e em outras situações em que é necessário usar a modalidade escrita, é preciso observar **parágrafos**, sinais de pontuação, regras ortográficas – especificidades da escrita.

Para revisar textos escritos e ajustá-los às situações que exigem uma escrita formal, a sugestão é que você aprenda a fazer quatro ações, para revisar o texto:

- **cortar**: retirar passagens repetitivas ou expressões que podem ser desnecessárias no texto escrito.
- **acrescentar**: inserir informações que possam dar mais clareza ao texto escrito.
- **substituir**: trocar termos que possam ser vagos ou imprecisos por palavras ou expressões mais específicas ou precisas.



#### Parágrafo

Trecho do texto formado por um ou mais períodos ou frases. Em geral, desenvolve uma ideia central seguida de outras que se ligam a ela pelo sentido. O tamanho de um parágrafo pode variar. Alguns são curtos, outros são mais longos. Nos livros, jornais e apostilas, por exemplo, nota-se o parágrafo pelo afastamento da primeira palavra da margem esquerda da folha ou pelo espaço maior que separa os blocos de texto. A palavra que inicia um parágrafo, por convenção, é escrita com letra inicial maiúscula.

• **inverter**: mudar a ordem de expressões ou segmentos do texto escrito para deixar mais claro o encadeamento lógico das ideias apresentadas.

Veja como podem funcionar essas ações de revisão nas atividades a seguir, em que textos falados serão transformados em escritos.

## ATIVIDADE 2 Revisando textos

A seguir, você vai ler duas versões (uma falada e outra escrita) de uma entrevista concedida por Antônio Nóbrega (1952-) ao jornalista Fernando Faro, para um programa apresentado na TV Cultura, em 23 de maio de 1996. Leia as duas versões atentando para as semelhanças e diferenças entre elas (o que foi cortado, acrescentado, substituído ou invertido).

### Texto original

É... as lembranças que eu tenho da casa, né?, da minha infância, era uma casa de... de cimento... de cimento brilhoso, né?, cimento vermelho, cimento verde às vezes, e eu me lembro que minha mãe, por ser paulista, ela tinha um zelo muito... muito grande pela casa, mas casa de cidade do interior é uma casa muito diferente das casas paulistas, de onde ela vinha... então ela tinha muita dificuldade em dar arrumação à casa que ela gostaria de ter dado... as paredes eram de cal, né?... sempre se pintava as paredes de cal, telhados não havia, o... como se diz... não havia... eram as telhas, né?... Nós víamos sempre o telhado. Não havia isso que... tá me faltando as palavras... era o forro, o forro da casa. Pois bem, são essas as lembranças da casa, portas... portas de madeira, sempre de madeira de lei. É por aí...

### Texto editado

As lembranças da minha infância que eu tenho da casa são as seguintes: era uma casa de cimento brilhante, vermelho, verde às vezes. Eu me lembro que minha mãe, por ser paulista, tinha um zelo muito grande pela casa. Mas casa de cidade do interior é muito diferente das casas paulistas, de onde ela vinha. Ela tinha muita dificuldade em dar arrumação que ela gostaria de ter dado à casa. Sempre se pintavam as paredes de cal. Nós víamos sempre o telhado. Não havia o forro. As portas eram de madeira de lei.

Pois bem, são essas as lembranças da casa.

É por aí...

**1** Repare que, na transcrição do texto original, ou seja, falado, as pausas da fala são representadas pelas reticências (os três pontos que aparecem [...]). Preste atenção ao uso dos sinais de pontuação na versão editada, ou seja, escrita do texto. O que você observou?

---

---

**2** Observe o que foi cortado no texto escrito. Como você justificaria os cortes que foram feitos?

---

---

**3** Na transcrição, algumas frases e palavras foram invertidas, acrescentadas ou substituídas. Grife no texto alguns exemplos dessas mudanças feitas e tente justificá-las.

#### SUGESTÃO

Use canetas de cores diferentes para assinalar no texto falado o que foi invertido, acrescentado e substituído.

**4** Você vai ler o trecho de um depoimento do escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012), em que ele conta um pouco de sua vida ao projeto *Memórias da literatura infantil e juvenil*, desenvolvido pelo Museu da Pessoa.

### Bartolomeu Campos de Queiróz

[...] ... a minha mãe morreu muito cedo... minha mãe morreu eu tava com seis pra sete anos... minha mãe morreu de câncer... ela... teve um câncer e minha mãe morreu muito... com 33 anos... e naquele tempo... minha mãe tinha uma voz muito bonita... ela cantava muito... cantava umas músicas muito bonitas de Carlos Gomes... umas modinhas antigas... umas modinhas imperiais... umas canções de amigo (tosse) portuguesas... e ela... ela era uma pessoa que tinha uma voz muito bonita e... mas quando a dor do câncer era muito grande... ela... que ela não tava suportando... ela sentava na cama e cantava maravilhosamente bem... (silêncio) então a gente sabia que a dor era muita... então era aquela voz muito bonita de soprano que atravessava a casa inteira... atravessava o quintal... ela... a gente sabia que tava doendo muito... então eu acho que hoje inclusive... há uma presença da... minha mãe na minha literatura... porque quando a dor é muita eu escrevo... É a mesma coisa... [...]



## HORA DA CHECAGEM

Confira suas respostas. Ao ler o texto a seguir, volte às questões e observe se é necessário ajustar, corrigir ou completar aquilo que você escreveu para respondê-las.

### Atividade 1 - Texto falado e escrito

- 1** É provável que você tenha respondido que sim, que o trecho tem características de uma conversa. Você observou a frase: “Digo ao senhor: e foi o menino nascendo”? O narrador dirige-se a um interlocutor a quem ele chama *senhor*. A conversa ocorre entre o narrador – um sertanejo simples – e um homem a quem ele conta sua história.
- 2** Você pode ter observado que Guimarães Rosa explora ao máximo a linguagem oral dos sertanejos e também os recursos da língua escrita. Há marcas regionais nas palavras que são usadas, na recriação da fala do sertanejo do interior de Minas Gerais. O uso de palavras como *papirí*, *buriti*, *algibeira* etc. é mais comum entre os sertanejos mineiros.
- 3** Há várias passagens que poderiam comprovar o toque poético do texto. Alguns exemplos: “Entrei no olho da casa, lua me esperou lá fora” “um menino nasceu – o mundo tornou a começar!...’ – e saí para as luas”. A sonoridade das palavras, seu arranjo conferem ao texto um tom poético que ultrapassa os limites regionais.
- 4** Você notou que, tanto para a palavra *papudo* como para a palavra *pernóstico*, há sentidos informais que, considerando o caráter regionalista do texto, parecem encaixar-se mais perfeitamente ao contexto? Repare nos verbetes o lugar em que aparece escrito “Regionalismo: Brasil”.
- 5** Você escreveu sua interpretação. Quando nasce uma criança, aos olhos do narrador, o mundo recomeça. O que uma criança pode simbolizar? Inocência, pureza, simplicidade, espontaneidade. Segundo várias tradições, o estado de infância é o estado que coloca o ser humano mais próximo do céu.

### Atividade 2 - Revisando textos

- 1** Ao comparar o uso da pontuação nos dois textos, você deve ter reparado que, no texto transcrito, é constante a presença das reticências (que, nas transcrições dos textos falados, procuram indicar hesitação, interrupção, pausa) e do sinal de interrogação (comum em frases faladas, nas quais o falante parece checar se o seu ouvinte compreendeu aquilo que foi dito: “né?”). Já no texto escrito, com exceção da última, as frases se encerram todas com o ponto final. É provável também que você tenha observado a letra inicial maiúscula nas palavras escritas depois do ponto-final.
- 2** As **palavras cortadas** foram: é, né, de... de cimento, né, cimento, cimento, ela, muito, uma casa, então, as paredes eram de cal, né, telhados não havia, o... como se diz... não havia... eram as telhas, né..., isso que... tá me faltando as palavras... era o forro, da, casa, portas, sempre de madeira. Cortando essas palavras, você evitou passagens repetitivas e expressões que funcionam bem na hora de falar, mas que podem ser dispensáveis num texto escrito.
- 3** A **palavra que foi substituída**: brilhoso; **o que foi invertido**: da minha infância, as paredes eram de cal, sempre de madeira de lei; **o que foi acrescentado**: são as seguintes, as, eram.
- 4** Você observou as repetições que poderiam ser cortadas? Usou os sinais de pontuação, fez parágrafos? Veja a seguir como poderia ficar a versão escrita do depoimento do escritor Bartolomeu Campos de Queirós.



